



GOVERNO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE
SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE
SUPERINTENDÊNCIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE
DIRETORIA DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA

10

**PREFEITURA MUNICIPAL DE TIMBÉ DO SUL
SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE
VIGILÂNCIA SANITÁRIA MUNICIPAL**

**PLANO MUNICIPAL DE PREPARAÇÃO E RESPOSTA ÀS
EMERGÊNCIAS EM SAÚDE PÚBLICA (PPR-ESP)
TIMBÉ DO SUL - 55 ANOS**

2023



Roberto Biava
Prefeito Municipal

Acelio Baesso
Vice-Prefeito

Vilmar Maffiolette
Secretário(a) Municipal de Saúde

Valdecir Sachett
Secretário(a) Municipal de Meio Ambiente

Agenor Biava
Secretário(a) Municipal de Infraestrutura

Irmã Pelizzari Scarpari
Secretário(a) Municipal de Assistência Social

Renata Pizzolo Fontanella
Ponto focal do VIGIDESASTRES Municipal

1. Revisões do PPR-ESP



Revisões	Datas	Alterações	Responsável (eis)
Revisão 0			
Revisão 1			
Revisão 2			
Revisão 3			

2. Compartilhamento do plano

Local	Responsável	Via (e-mail)/Telefone
Regional de Saúde de Araranguá	Diego G. Rodowansk Gisele Viana Reis	dvsararangua@saude.sc.gov.br
Defesa Civil	Evandro Floriano Amandio	compdec@timbedosul.sc.gov.br
Secretaria da Agricultura e Meio Ambiente	Valdecir Sachett	35361133
Prefeitura	Deia Scotti Pezenti	secadm@timbedosul.sc.gov.br

3. Responsáveis pela aplicação do PPR-ESP



Função	Nome	e-mail	Telefone(s)
Secretário Municipal de Saúde	Vilmar Maffiolette	saudetimbedosul@gmail.com	(48)3536-1400
Ponto focal municipal do VIGIDESASTRES (Fiscal sanitaria)	Renata Pizzolo Fontanella	renatapfontanella@hotmail.com	(48)3536-1400

4. Equipe de elaboração do PPR-ESP

Integrantes
I.RENATA PIZZOLO FONTANELLA
Colaboradores
I.DANIELA ARCARO
II.SHEILA FELTRIN
III. MELLANI DUMKE
IV.JEANE TAIS SCHEFFEER
Revisores
I.EVANDRO FLORIANO AMANDIO
II. VILMA PELIZZARI GHELERE
III. DANIELA ARCARO

LISTA DE ABREVIATURAS

AMESC - Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense



COES - Centro de Operações de Emergência em Saúde

PLANCON - Plano Municipal de contingência de proteção a Defesa Civil

PPR-ESP - Plano Municipal de Preparação e Resposta a Emergências em Saúde Pública

SAMAE - Sistema de abastecimento de água

SUS - Sistema Único de Saúde

VIGIDESASTRES - Programa de Vigilância em Saúde dos Riscos Associados aos Desastres

LISTA DE TABELAS



Tabela 1 . Aspectos socioeconômicos.....	26
Tabela 2 . IDH.	27
Tabela 3 . Densidade da Drenagem.	75
Tabela 4 . Desastres Naturais e Antropogênicos ocorridos nos últimos dez anos.	78
Tabela 5 . Gestão de Risco na ocorrência de deslizamentos e erosão de margem fluvial.....	83
Tabela 6 . Resposta aos desastres.....	93
Tabela 7 . COE saúde.	96
Tabela 8 . Comitê Interno.	98
Tabela 9 . Lista de representantes da SMS.....	98

LISTA DE FIGURAS



Figura 1 . Mapa dos Municípios.	25
Figura 2 . Município de Timbé do Sul.	26
Figura 3 . Mapa sociodemografico da população por sexo e idade.	26
Figura 4 . Gráfico da Temperatura de Município.	28
Figura 5 . Dados do clima de Timbé do Sul.	29
Figura 6 . Gráfico de horas de Sol.	30
Figura 7 . Precipitação (Chuva).	31
Figura 8 . Média da precipitação em mm do município de Timbé do Sul.	31
Figura 9 . Precipitações Mensais e Anuais.	32
Figura 10 . Precipitação Mensal e Anual.	33
Figura 11 . Rios do Município.	73
Figura 12 . Hidrografia do município.	74
Figura 13 . Hidrografia catarinense.	75
Figura 15 . Etapas da Gestão de Risco.	80

SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO	18
1 OBJETIVOS	20
1.1 OBJETIVO GERAL.....	20
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	21
2 MARCO LEGAL E NORMATIVA	21
3 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO	24
3.1 ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS.....	26
3.2 ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (IDH)	27
Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	27
3.3 ATIVIDADES ECONÔMICAS	27
3.4 CARACTERÍSTICAS FÍSICAS	28
3.4.1 Clima.....	28
3.4.2 Pluviometria.....	30
3.4.3 Pedologia	33
3.4.4 Identificação das 44 áreas de risco mapeadas pelo Serviço Geológico do Brasil - CPRM em agosto de 2012.	34
3.5 HIDROGRAFIA	72
3.5.1 Rede hidrográfica catarinense	74
3.5.2 Densidade da drenagem	75
3.5.3 Regimes fluviais.....	76
.....	76
3.6 SAÚDE	76
3.7 ASSISTÊNCIA SOCIAL.....	77
3.8 SEGURANÇA.....	77
3.9 OBRAS	78
4 HISTÓRICO DE DESASTRES NATURAIS E ANTROPOGÊNICOS	78
5 GESTÃO DE RISCO EM DESASTRES	79
5.1. CARACTERIZAÇÃO DAS ETAPAS DA GESTÃO DE RISCO EM DESASTRES.	80
5.1.1 Atuação de gestão do risco na ocorrência de desastres	83



5.1.2 Redução de riscos.....	91
5.1.3 Resposta.....	93
5.1.4 Recuperação.....	95
6 ORGANIZAÇÃO DA RESPOSTA ÀS EMERGÊNCIAS EM SAÚDE PÚBLICA.	96
6.1 CENTRO DE OPERAÇÕES DE EMERGÊNCIA EM SAÚDE (COES)	96
6.2 SALA DE SITUAÇÃO.....	97
7 INFORMAÇÕES À POPULAÇÃO	99
8 CAPACITAÇÕES	99
REFERÊNCIAS	100
ANEXO I - LISTA DE EQUIPAMENTOS E MÁQUINAS.....	102
ANEXO II - CONTATOS INTERINSTITUCIONAIS.....	103
ANEXO III – CLASSIFICAÇÃO E CODIFICAÇÃO BRASILEIRA DE DESASTRES (COBRADE)	103
ANEXO IV - O MUNICÍPIO E OS PLANOS DE EMERGENCIA	110
ANEXO IV - ABRIGOS	141

APRESENTAÇÃO



O Plano de Preparação e Resposta às Emergências em Saúde Pública - PPR-ESP para processos geológicos, hidrológicos, climatológicos, meteorológicos e biológicos do município de Timbé do Sul é um plano previamente elaborado para orientar as ações de preparação e resposta a um determinado cenário de risco em desastres, caso o evento adverso venha a se concretizar. O município conta com dois planos de Emergência (PLANCON e o Plano de Assistência Social) que vai ao encontro a este PPR-ESP. Os municípios tanto de pequeno e grande porte tem tendência de crescimento dos desastres de origem natural (como as inundações, secas e deslizamentos) e tecnológicos (químicos e radioativos, por exemplo) e de seus impactos humanos (incluindo os impactos sobre a saúde), ambientais e materiais. Para tal, ações são desenvolvidas pela vigilância em saúde, para atender as emergências e as responsabilidades que a cada um incumbem. O mesmo deverá ser aplicado tanto no perímetro urbano quanto no perímetro rural do município.

Pensando nas situações de desastres/emergência os atendimentos hospitalar deve obedecer à sistemática de referência definida no SUS, pacientes de média e alta complexidade devem ser atendidos em unidades especializadas para desastres. É importante uma perfeita articulação entre estado e município pautada no sistema de regulação, além da articulação com a vigilância. Visando a contribuir com as políticas públicas de saúde baseadas nos princípios do Sistema Único de Saúde - SUS, voltadas à prevenção e resposta a desastres e a atuação da Vigilância em Saúde da Secretaria Municipal de Saúde. O plano também contém informações sobre as características da área e sistemas envolvidos. Seu intuito principal é treinar, organizar, orientar, facilitar, agilizar e uniformizar as ações necessárias às respostas de controle e situações anormais. Nos orienta a implementar os procedimentos administrativos, logísticos e operacionais que possibilitem minimizar o sofrimento das pessoas atingidas. Esse processo de preparação exige um trabalho contínuo de pesquisa e construção de informações para identificação das áreas vulneráveis e das populações expostas aos riscos de desastres o que exige combinar dados socioambientais, características da população e de sua situação de saúde, assim como os recursos e as capacidades de respostas envolvendo a prevenção de doenças, a atenção e o cuidado à saúde e a promoção da saúde nessas áreas, definindo localidades vulneráveis. Quando elaborado com antecedência, ele ajuda a facilitar as atividades de preparação e otimizar as atividades de resposta.



GOVERNO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE
SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE
SUPERINTENDÊNCIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE
DIRETORIA DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA

20

1 OBJETIVOS

1.1 OBJETIVO GERAL



Organizar ações da gestão municipal de resposta às emergências em saúde pública. Realizar levantamentos dos desastres mais frequentes e das vulnerabilidades, com promoção de ações na prevenção de riscos e agravos, que visem assistência e a recuperação em saúde, para os efeitos de curto, médio e longo prazos ocasionados pelos eventos naturais e antrópicos.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- 1- Priorizar os programas e projetos que visem à implantação e ampliação dos serviços e ações voltados aos desastres na saúde pública;
- 2- Realizar o controle de qualidade sanitarias de serviços e produtos destinados ao consumo em áreas de risco.
- 3- Proporcionar condições adequadas de salubridade sanitária às populações tanto rural quanto urbana deste município;
- 4- Incentivar a adoção de mecanismos de planejamento, regulação e fiscalização da prestação dos serviços na saúde pública;
- 5- Fiscalizar e solicitar relatórios e diagnósticos da situação local referente ao abastecimento de água tratada, esgotamento sanitário, manejo de resíduos sólidos e limpeza urbana, manejo das águas pluviais e drenagem urbana, além do diagnóstico social;
- 6- Elaborar relatórios diários para saber como estão as doenças (Dengue, Febre Amarela, Doenças de Veiculação Hídrica, entre outras...);
- 7- Realizar relatórios de quantidade de pacientes que chegam ao centro de triagem feridos ou machucados;
- 8- Relatório (semanal) de famílias que chegam aos abrigos para conseguir achar seus entes;

2 MARCO LEGAL E NORMATIVA

- Para embasamento das ações propostas neste PPR-ESP, foi realizada pesquisa exploratória sobre o arcabouço legal vigente, contendo as ações coordenadas de



gerenciamento dos riscos e dos impactos dos desastres. Diante disso, o arcabouço legal está apresentado a seguir:

- Lei nº 8.080 do SUS (1990): Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências.
- Portaria nº 1.172 (2004): Competências da União, Estados, Municípios e Distrito Federal na área de Vigilância em Saúde; Política Nacional de Atenção às Urgências (2006).
- Lei nº 12.187 (2009): Regulamentado pelo Decreto nº 7.390, de 09 de dezembro de 2010, institui a Política Nacional sobre Mudança do Clima.
- Portaria nº 4.279 (2010): Estabelece diretrizes para a organização da Rede de Atenção à Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).
- Decreto nº 7.257(2010): Inclui o Setor Saúde na composição do Sistema Nacional de Defesa Civil, sob articulação, coordenação e supervisão técnica da Secretaria Nacional de Defesa Civil do Ministério da Integração Nacional.
- Decreto nº 7.616 (2011): “Dispõe sobre a declaração de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional – ESPIN e institui a Força Nacional do Sistema Único de Saúde – FN/SUS”.
- Portaria nº 2.952 (2011): Regulamenta no âmbito do SUS o Decreto nº 7.616, de 17 de novembro de 2011, que dispõe sobre a declaração de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) e institui a Força Nacional do Sistema Único de Saúde (FN/SUS).
- Decreto nº 7.535 (2011): Institui o Programa Nacional de Universalização do Acesso e Uso da Água - “ÁGUA PARA TODOS”.
- Portaria GM/MS nº 888 (2021): Altera o Anexo XX da Portaria de Consolidação GM/MS nº 5, de 28 de setembro de 2017, para dispor sobre os procedimentos de controle e de vigilância da qualidade da água para consumo humano e seu padrão de potabilidade.
- Lei nº 12.608 (2012): Institui a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil - PNPDEC; dispõe sobre o Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil - SINPDEC e o Conselho Nacional de Proteção e Defesa Civil - CONPDEC; autoriza a criação de sistema de informações e monitoramento de desastres; altera as Leis n.º 12.340, de 1º de dezembro de 2010, 10.257, de 10 de julho de 2001, 6.766, de 19 de dezembro



de 1979, 8.239, de 4 de outubro de 1991, e 9.394, de 20 de dezembro de 1996; e dá outras providências.

- Decreto nº 7.508 (2011): Regulamenta a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, para dispor sobre a organização do Sistema Único de Saúde - SUS, o planejamento da saúde, a assistência à saúde e a articulação interfederativa, e dá outras providências.
- Portaria nº 1.378 (2013): Regulamenta as responsabilidades e define diretrizes para a execução e financiamento das ações de Vigilância em Saúde pela União, Estados, Distrito Federal e Municípios, relativos ao Sistema Nacional de Vigilância em Saúde e Sistema Nacional de Vigilância Sanitária.
- Portaria nº 2.436 (2017): Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).
- Resolução nº 588 (2018): Estabelece a Política Nacional de Vigilância em Saúde (PNVS).
- Portaria nº 188 (2020): “Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV)”.
- Decreto nº 10.212 (2020): “Promulga o texto revisado do Regulamento Sanitário Internacional, acordado na 58ª Assembleia Geral da Organização Mundial de Saúde, em 23 de maio de 2005”. No documento “Implementação do Regulamento Sanitário Internacional (RSI)” referente à 72ª Sessão do Comitê Regional da OMS para as Américas, “a pandemia de COVID-19 materializa o evento agudo de saúde pública com repercussões internacionais para o qual o mundo vem se preparando, ou tentando se preparar, durante as duas últimas décadas”.
- Portaria SES nº 614 (2021): visa “instituir o Centro de Operações de Emergência em Saúde (COES), destinado a integrar as ações e serviços de saúde”.
- Portaria SES nº 615 (2021): visa “aprovar o Regimento Interno do Centro de Operações de Emergência em Saúde (COES)”.
- Portaria Nº 260 (2022): Estabelece procedimentos e critérios para o reconhecimento federal e para a declaração de situação de emergência ou estado de calamidade pública pelos Municípios, Estados e Distrito Federal.



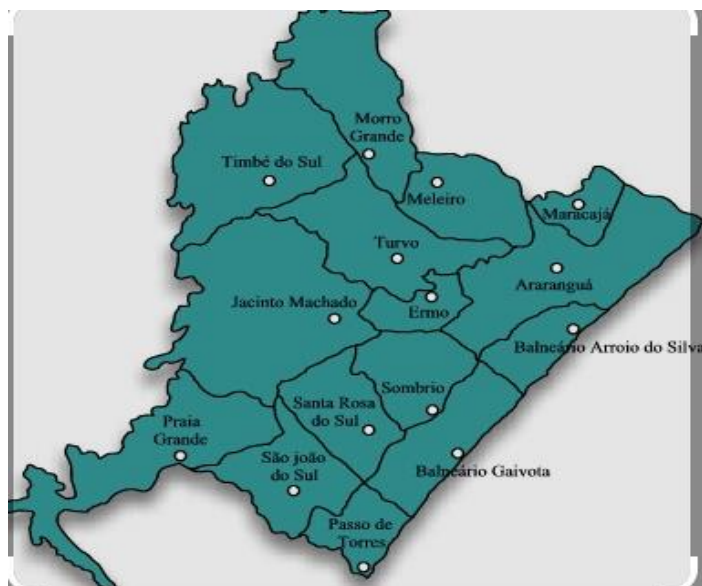
- A Portaria GM/MS Nº 874 (2021), dispõe sobre o kit de medicamentos e insumos estratégicos para a assistência farmacêutica às Unidades da Federação atingidas por desastres.
- A Nota Técnica Conjunta nº 06/2022 DIVS/DIAF/SES/SC, estabelece o fluxo de distribuição do kit de medicamentos e insumos estratégicos aos municípios de Santa Catarina atingidos por desastres.
- Portaria GM/MS Nº 4.085 (2022) que altera o Anexo XXVII da portaria de consolidação GM/MS nº 3, de 28 de setembro de 2017 que dispõe sobre a rede de vigilância, alerta e respostas às emergências em saúde pública do Sistema Único de Saúde Pública – rede VIGIAR – SUS.
- Portaria GM/MS Nº 4185 (2022), que institui o Programa Nacional de Vigilância em Saúde de risco associada aos desastres – VIGIDESASTRES, no âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS.
- PORTARIA nº 814 (2022), dispõe sobre a normatização da distribuição de hipoclorito de sódio 2,5% à população do estado de Santa Catarina em situação de risco onde não há acesso à rede pública de distribuição de água tratada, com objetivo de desinfecção e prevenção às doenças de transmissão hídrica entérica.
- Nota Técnica Nº 004/2021 – DIVS/SUV/SES/SC, orienta sobre o controle relacionado aos veículos transportadores de água para consumo humano (carros pipas) no estado de Santa Catarina.

3 CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

Timbé do Sul é um município do extremo sul de Santa Catarina que pertence à região da AMESC, e está localizado a uma distância de 270 km da capital Florianópolis. O município tem uma área territorial de 330,079 km².



Figura 1. Mapa dos Municípios.



O município localiza-se a uma latitude 28°49'49" sul e a uma longitude 49°50'50" oeste, estando a uma altitude de 123 metros. Timbó do Sul é conhecido por seus pontos turísticos e suas paisagens de serra, com muitos rios, lagos e cachoeiras. É um lugar onde as famílias gostam de fazer trilhas, seja a pé ou de bicicleta. A cidade ainda conta com o festival de voo livre, tendo a Serra da Rocinha como local dos saltos e o Poço do Caixão como sede dos eventos. O nosso município também conta com um gasoduto que faz a ligação Bolívia-Brasil. Vários municípios de Santa Catarina fazem parte deste gasoduto e um deles é o município de Timbó do Sul. O Gasoduto Bolívia-Brasil é um tipo de via de transporte que interliga a Bolívia e o Brasil por um duto, que possui 3.150 km em todo seu percurso, sendo 557 km dentro da Bolívia e 2.593 km em solo brasileiro. O Gasoduto começa em Santa Cruz de La Sierra (Bolívia) até Canoas (Rio Grande do Sul- Brasil), percorrendo os Estados de Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná e Santa Catarina, cortando 135 municípios. Será instalada no município uma Barragem (Barragem Rio do Salto) que a barragem beneficiará 70,7 mil pessoas dos municípios vizinhos (Turvo, Meleiro, Ermo, Morro Grande e Araranguá) e este complexo tem o intuito de regularizar o regime de vazões dos rios do Salto, Amola Faca, Manoel Alves e Araranguá. A base da economia do município é a agricultura, com cultivo de fumo (tabaco) e granjas de arroz. Os municípios limítrofes são: Morro Grande, Turvo, Jacinto Machado, Cambará do Sul (RS) e São José dos Ausentes (RS). O município foi fundado em 23 de setembro de 1967.



Figura 2. Município de Timbé do Sul.

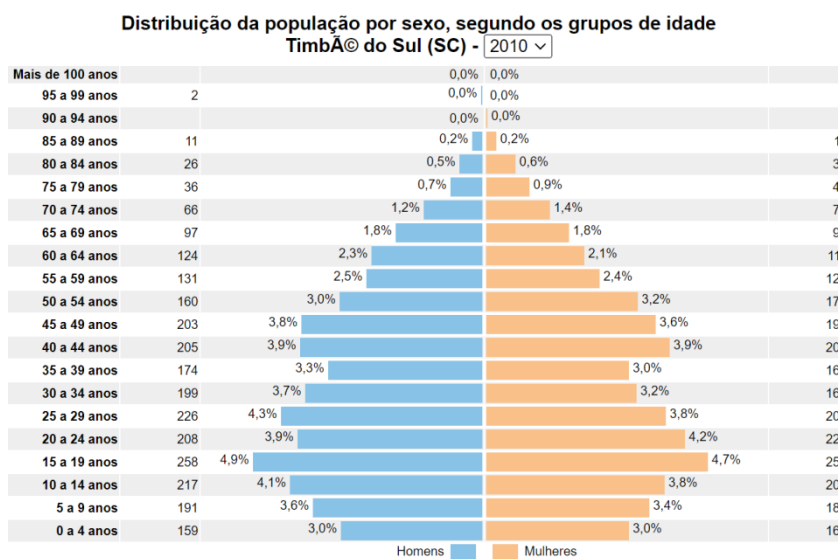


3.1 ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS

Tabela 1. Aspectos socioeconômicos.

Gentílico	Timbeense
Área Territorial	330,079 km ²
População Estimada	5.338 pessoas [2021]
Densidade Demográfica	16,08 hab/km ² [2010]
IDHM - índice de desenvolvimento humano municipal	0,720 [2010]
PIB per capita	26.685,31R\$ [2020]
Receitas Realizadas	20.244,03R\$ (×1000) [2017]

Figura 3. Mapa sociodemográfico da população por sexo e idade.



3.2 ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (IDH)

Tabela 2. IDH.

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)	0,720 [2010]
--	--------------

3.3 ATIVIDADES ECONÔMICAS

A economia do município tem como principais atividades a agricultura, com cultivo de fumo (tabaco) e granjas de arroz. Timbê do Sul vem se desenvolvendo no turismo com suas belezas naturais e a serra. Com isso, o município já conta com diversas pousadas. Com a Br 285, Timbê conta com uma boa infraestrutura tanto na Saúde como na Educação. Na Saúde, contamos com o hospital Santo Antônio (referência em cirurgias) que é comandado pelo Instituto Maria Schmitt e também as estratégias em saúde da Família e a Unidade Básica de Saúde, já na Educação contamos com uma Escola Estadual e uma Municipal. O outono é a estação menos ventosa. No inverno, devido à predominância de outra área de alta pressão no interior do continente, a componente de ventos do sul/sudoeste assume relevância. A predominância dos ventos na região é a seguinte: 37,5 % ocorrência dos ventos Nordeste, 15,6 % ocorrência dos ventos Sul, 13,2 % ocorrência dos ventos Sudoeste.



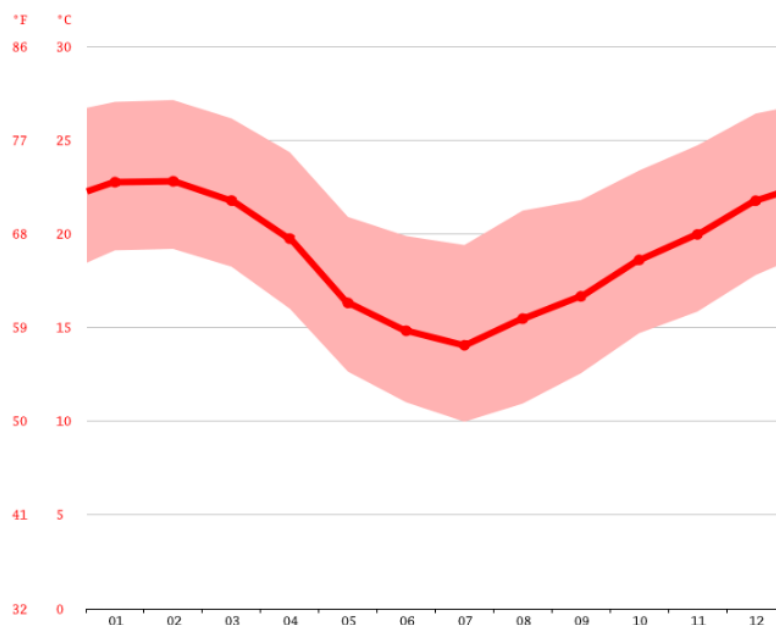
3.4 CARACTERÍSTICAS FÍSICAS

3.4.1 Clima

O município insere-se numa região de clima subtropical úmido, com: verões quentes, onde a temperatura média é de 24°C (no mês mais quente, janeiro), mas pode ultrapassar os 35°C; e invernos amenos com temperaturas médias de 15°C (no mês mais frio, Julho), mas que podem descer abaixo dos 10°C é até chegar a valores próximo ou igual a 0°C. A temperatura média anual ronda os 20°C. A precipitação pluviométrica média é de 1400 mm. Na primavera, quando o gradiente barométrico é mais acentuado, os ventos (predominantemente do quadrante nordeste) sopram com mais regularidade.

Figura 4. Grafico da Temperatura de Minicípio.

GRÁFICO DE TEMPERATURA TIMBÉ DO SUL



No mês de Fevereiro, o mês mais quente do ano, a temperatura média é de 22.8 °C. Com uma temperatura média de 14.1 °C, Julho é o mês com a mais baixa temperatura ao longo do ano. Existe uma diferença de 202 mm entre a precipitação



do mês mais seco e do mês mais chuvoso. 8.7 °C é a variação das temperaturas médias durante o ano.

A umidade relativa mais baixa durante o ano é em agosto (78.56 %). O mês com maior umidade é fevereiro (84.33 %). Os dias mais chuvosos são esperados em Junho (10.83 dias), enquanto os dias mais chuvosos são medidos em Janeiro (23.20 dias).

Figura 5. Dados do clima de Timbé do Sul.

DADOS CLIMATOLÓGICOS PARA TIMBÉ DO SUL

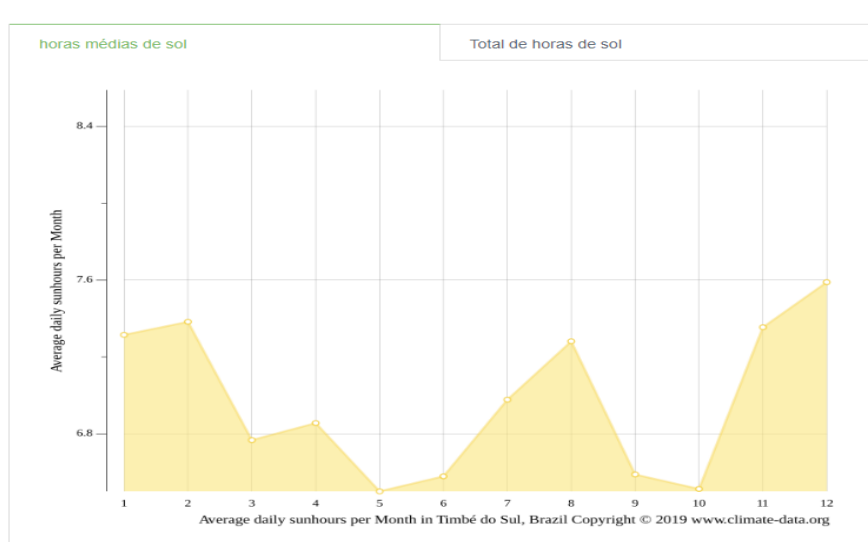
	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novem- bro	Dezembro
Temperatura média (°C)	22.8	22.8	21.8	19.7	16.3	14.8	14.1	15.5	16.7	18.6	20	21.8
Temperatura mínima (°C)	19.1	19.2	18.2	16	12.6	11	10	10.9	12.6	14.7	15.8	17.8
Temperatura máxima (°C)	27	27.1	26.2	24.4	20.9	19.9	19.4	21.2	21.8	23.4	24.7	26.4
Chuva (mm)	329	302	232	150	163	127	129	130	181	223	219	246
Umidade(%)	83%	84%	84%	82%	81%	81%	80%	79%	79%	82%	80%	81%
Dias chuvosos (d)	17	16	15	11	9	8	9	8	10	14	13	15
Horas de sol (h)	7.3	7.4	6.8	6.9	6.5	6.6	7.0	7.3	6.6	6.5	7.4	7.6

Em Timbé do Sul, o mês com mais horas diárias de sol é dezembro com uma média de 7.59 horas de sol. São 235.27 horas de sol em dezembro.

O mês com menos horas diárias de sol em Timbé do Sul é janeiro com uma média de 7.59 horas de sol por dia. No total, são 235.27 horas de sol em janeiro.



Figura 6. Grafico de horas de Sol.



3.4.2 Pluviometria

Os dados apresentados representam o comportamento da chuva e da temperatura ao longo do ano. As médias climatológicas são valores calculados a partir de um série de dados de 30 anos observados. É possível identificar as épocas mais chuvosas/secas e quentes/frias de uma região.



Figura 7. Precipitação (Chuva).

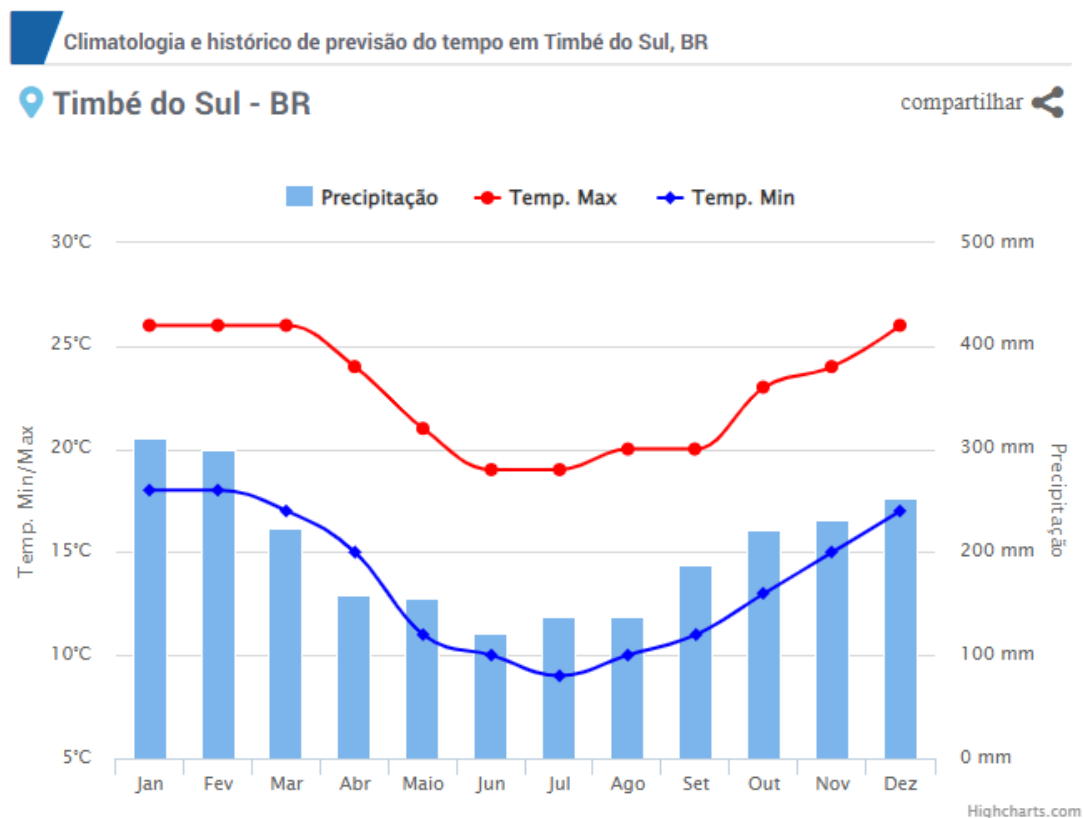


Figura 8. Média da precipitação em mm do município de Timbé do Sul.

Mês	Minima (°C)	Máxima (°C)	Precipitação (mm)
Janeiro	18°	26°	311
Fevereiro	18°	26°	299
Março	17°	26°	223
Abril	15°	24°	159
Maio	11°	21°	155
Junho	10°	19°	122
Julho	9°	19°	137
Agosto	10°	20°	138
Setembro	11°	20°	188
Outubro	13°	23°	222
Novembro	15°	24°	231
Dezembro	17°	26°	253



Figura 9. Precipitações Mensais e Anuais.

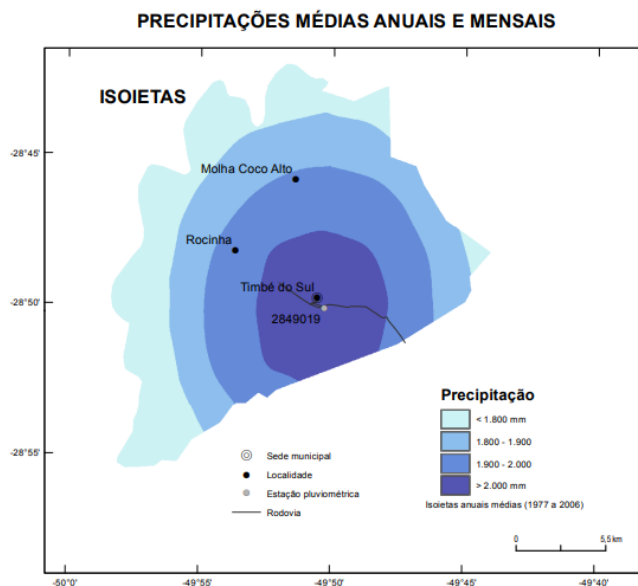
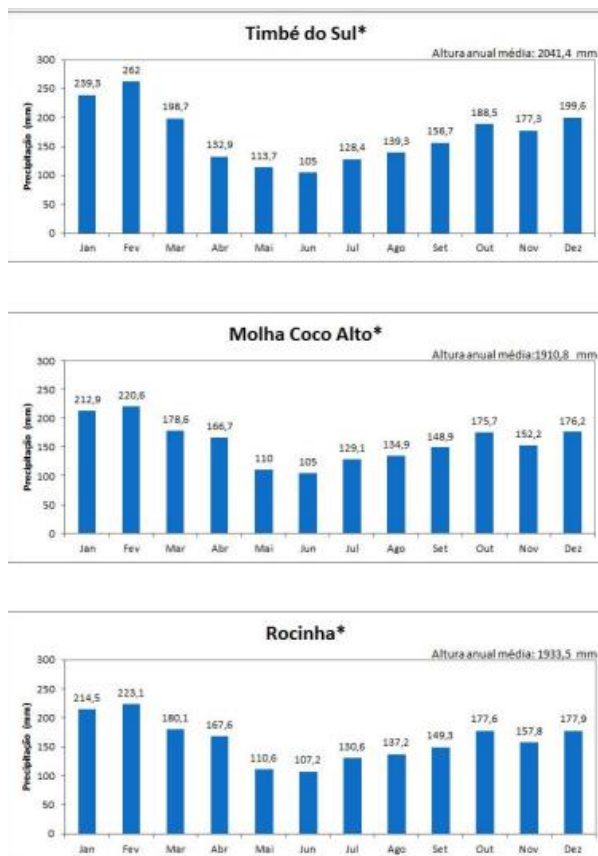




Figura 10. Precipitação Mensal e Anual.



3.4.3 Pedologia

Os solos do município de Timbé do Sul são distribuídos em 3 principais tipos: Cambissolo Heplico, Neossolo Litólico e Nitossolo Vermelho.

- Cambissolo Heplico: é identificado normalmente em relevo forte ondulado ou montanhosos, que não apresentam horizonte superficial.
- Neossolo Litólico: compreende solos rasos, onde geralmente soma dos horizontes sobre a rocha não ultrapassa 50cm, estando associados normalmente a relevos mais declivosos.
- Nitossolo Vermelho: são argilosos e a estrutura é em blocos fortemente desenvolvido derivados de rocha básicas e ultrabásicas, com diferenciação de horizonte pouco notável.

Alguns fenômenos provocam o escorregamento de materiais sólidos, como solos, rochas. Os deslizamentos em encostas e morros urbanos ocorrem devido ao



crescimento desordenado das cidades, com a ocupação de novas áreas de risco, principalmente pela população mais carente.

Ocorrem três fatores de influência na ocorrência dos deslizamentos:

- a) Tipo de solo - sua constituição, granulometria e nível de coesão;
- b) Declividade da encosta - cujo grau define o ângulo de repouso, em função do peso das camadas, da granulometria e nível de coesão;
- c) Água de embebição - que contribui para aumentar o peso específico das camadas; reduzir o nível de coesão e o atrito, responsáveis pela consistência do solo, e lubrificar as superfícies de deslizamento.

3.4.4 Identificação das 44 áreas de risco mapeadas pelo Serviço Geológico do Brasil - CPRM em agosto de 2012.

Os dados foram retirados do PLANCON da Defesa Civil, que ocorreu atualizações no CPRM.

Descrição				
Edificações em área rural situadas na planície aluvionar do Rio Rocinha, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama e detritos. Diversos eventos registrados durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 2010 e 2011. Risco muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
01	ENXURRADAS E CORRIDAS DE LAMAS E DETRITOS	ROCHINHA ALTA VALDIVINO ALANO	02	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



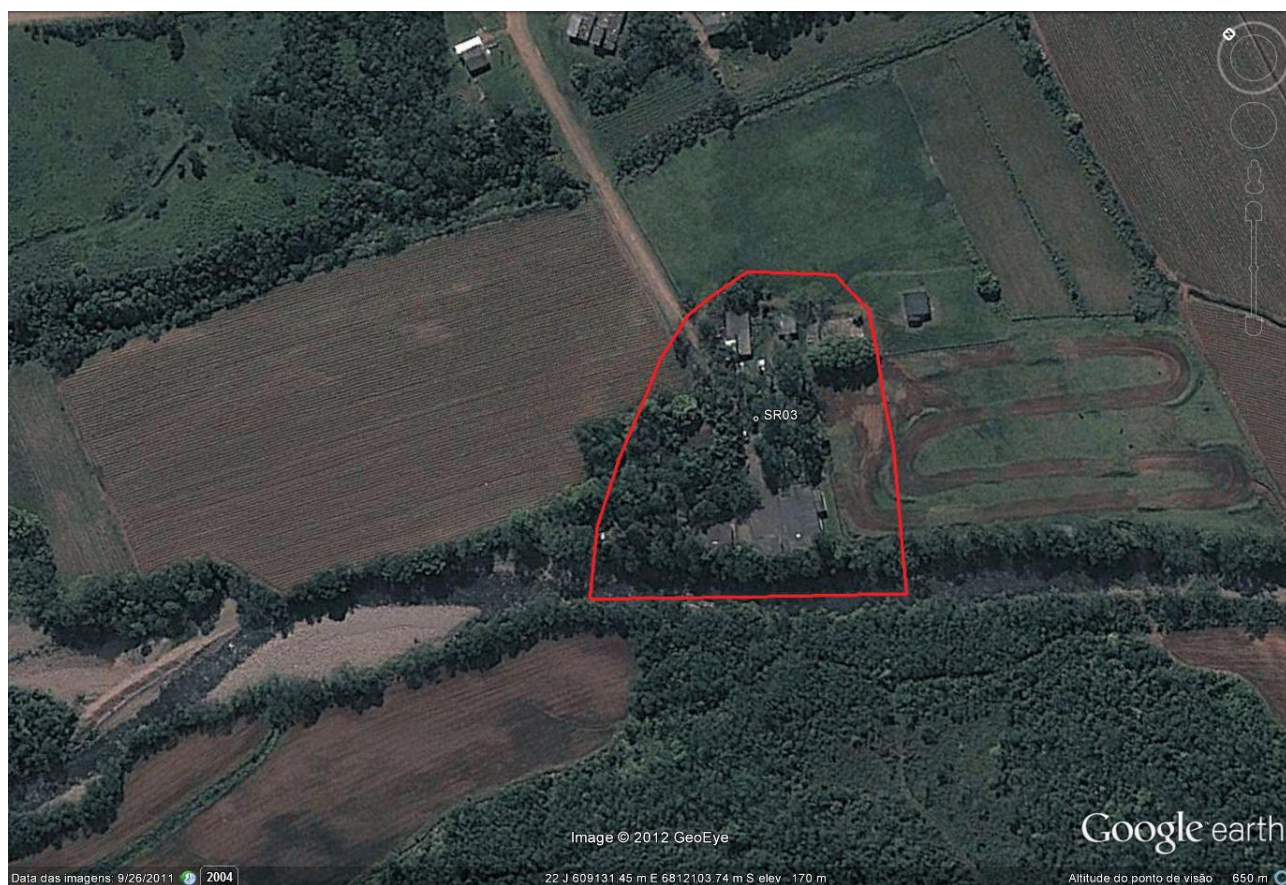
Descrição

Edificações em área rural situadas na planície aluvionar do Rio Rocinha, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama e detritos. Diversos eventos registrados durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 2010 e 2011. Risco muito alto.

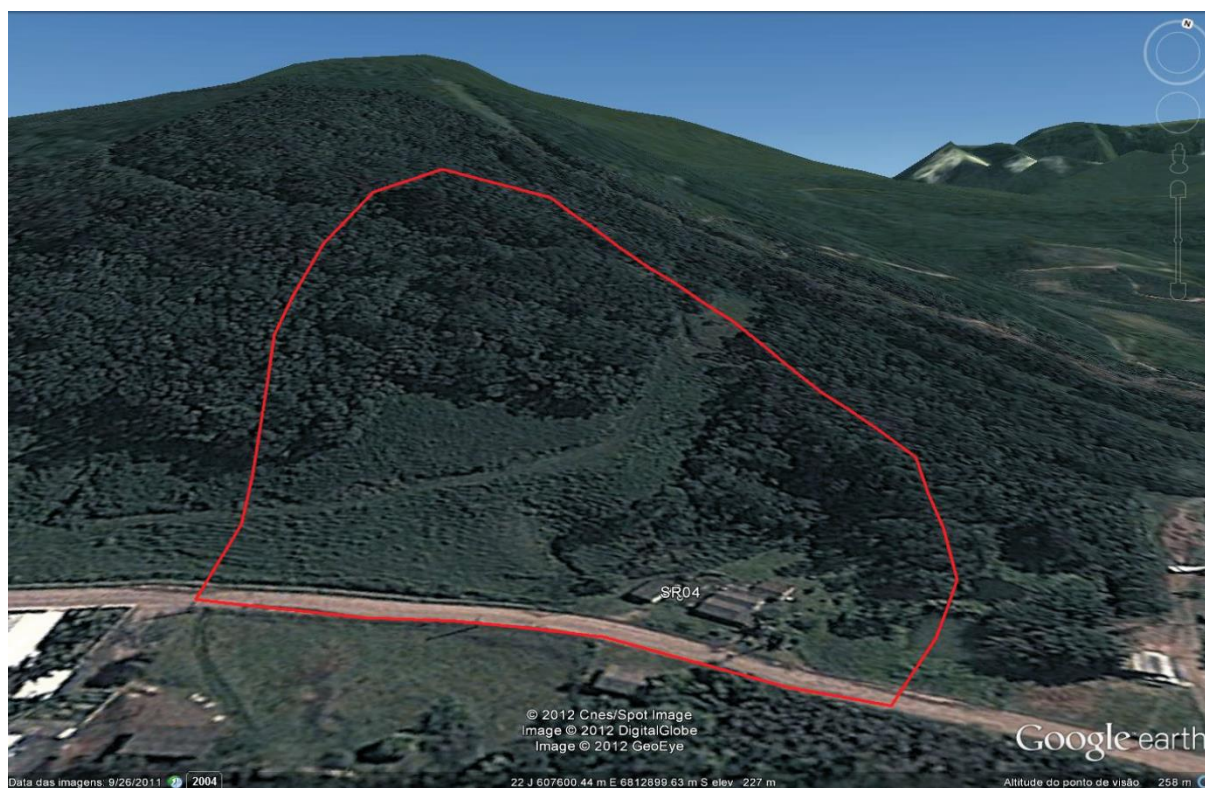
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
02	ENXURRADAS E CORRIDAS DE LAMAS E DETRITOS	ROCINHA ALTA CERVEJARIA	02	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
Edificações em área rural situadas na planície aluvionar do Rio Rocinha, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama e detritos. Diversos eventos registrados durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 2010 e 2011. Risco Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
03	ENXURRADAS E CORRIDAS DE LAMAS E DETRITOS	SERRA VELHA POÇO DO CAIXÃO	03	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
formada por depósito de tálus apresentando evidências de rastejo (creeping). Ocupação do tipo corte/aterro. Área sujeita a escorregamento rotacional. Risco Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
04	ESCORREGAM ENTO ROTACIONAL	ROCINHA PRÓXIMO A MÁRIO BERNHARDT	01	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
Aglomerado residencial em área rural situado na planície aluvionar do Rio Serra Velha, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Identificação de diversos paleocanais fluviais de alta energia. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama e detritos. Diversos eventos registrados durante os meses de janeiro e fevereiro de 2010 e 2011. Risco Muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
05	ESCORREGAM ENTO ROTACIONAL	ROCINHA MARIO BERNHARDT	03	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



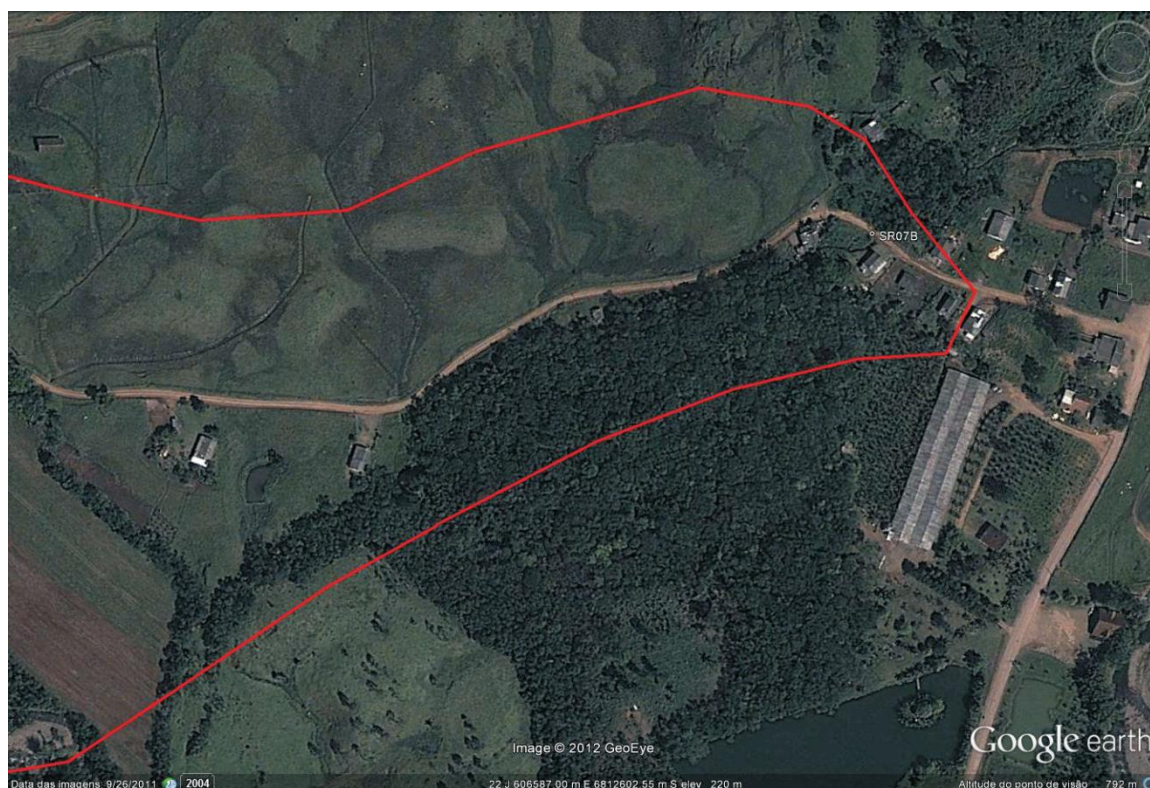
Descrição				
Aglomerado residencial em área rural situado na planície aluvionar do Rio Serra Velha, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Identificação de diversos paleocanais fluviais de alta energia. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama e detritos. Diversos eventos registrados durante os meses de janeiro e fevereiro de 2010 e 2011. Risco Muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
06	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	ROCINHA VILA CESÁRIO	04	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
Edificações em área rural situado na planície aluvionar do Rio Serra Velha, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Identificação de diversos paleocanais fluviais de alta energia. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama e detritos. A serraria teve maquinário pesado levado pela enxurrada de janeiro de 2009. Risco Muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
07 A	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	SERRA VELHA 1 ANTIGA AGRO INDUSTRIAL	04	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



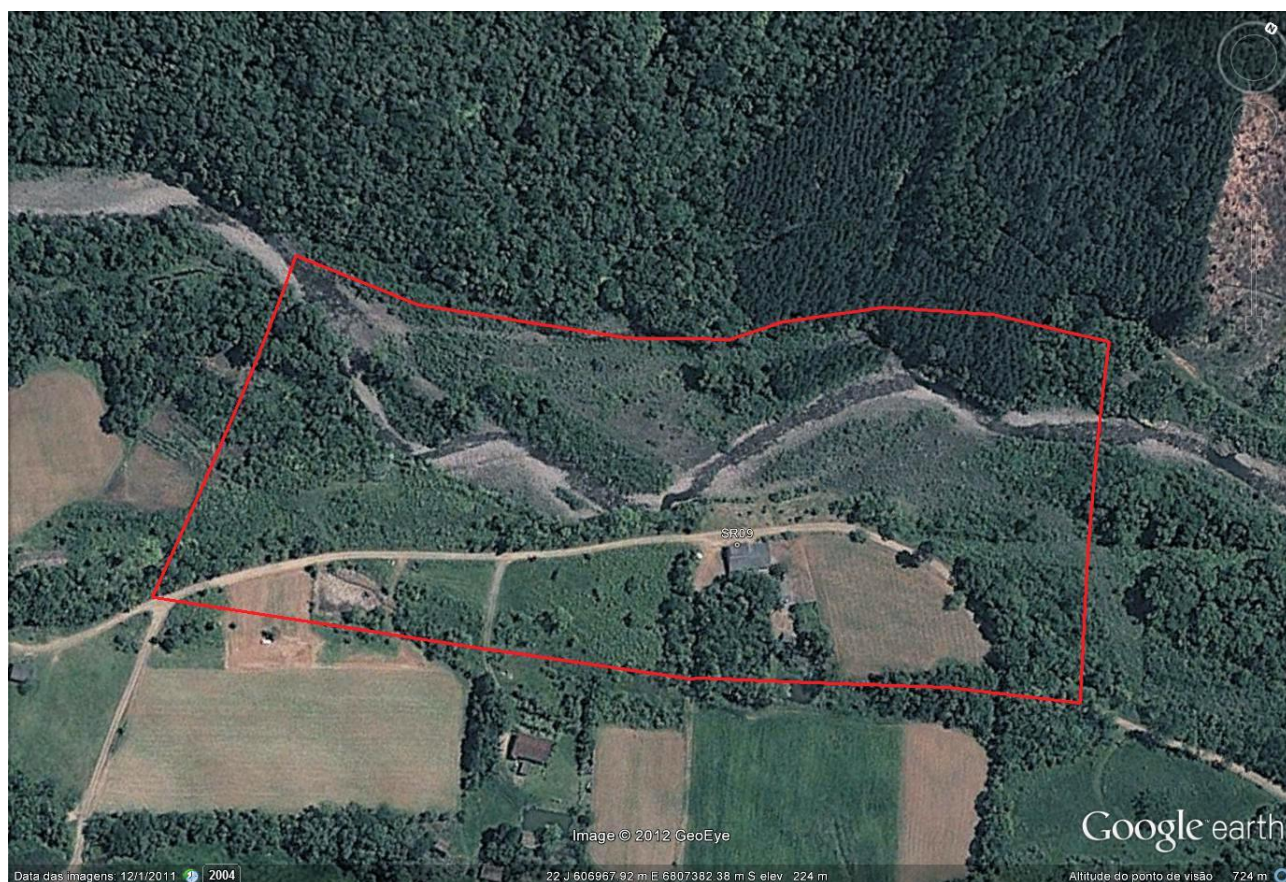
Descrição				
Edificações em área rural situado na planície aluvionar do Rio Serra Velha e Rocinha, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Identificação de diversos paleocanais fluviais de alta energia. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama e detritos.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
07 B	ENXURRADAS	SERRA VELHA 1 JUSANTE A ANTIGA AGRO INDUSTRIAL	08	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
Edificações em área rural situado na planície aluvionar do Rio Serra Velha e Rocinha, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Identificação de diversos paleocanais fluviais de alta energia. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama e detritos. Risco Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
08	ENXURRADAS E CORRIDAS DE LAMAS E DETRITOS	PEDREIRA, CONFLUÊNCIAS DO RIO ROCINHA E SERRA VELHA	10	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



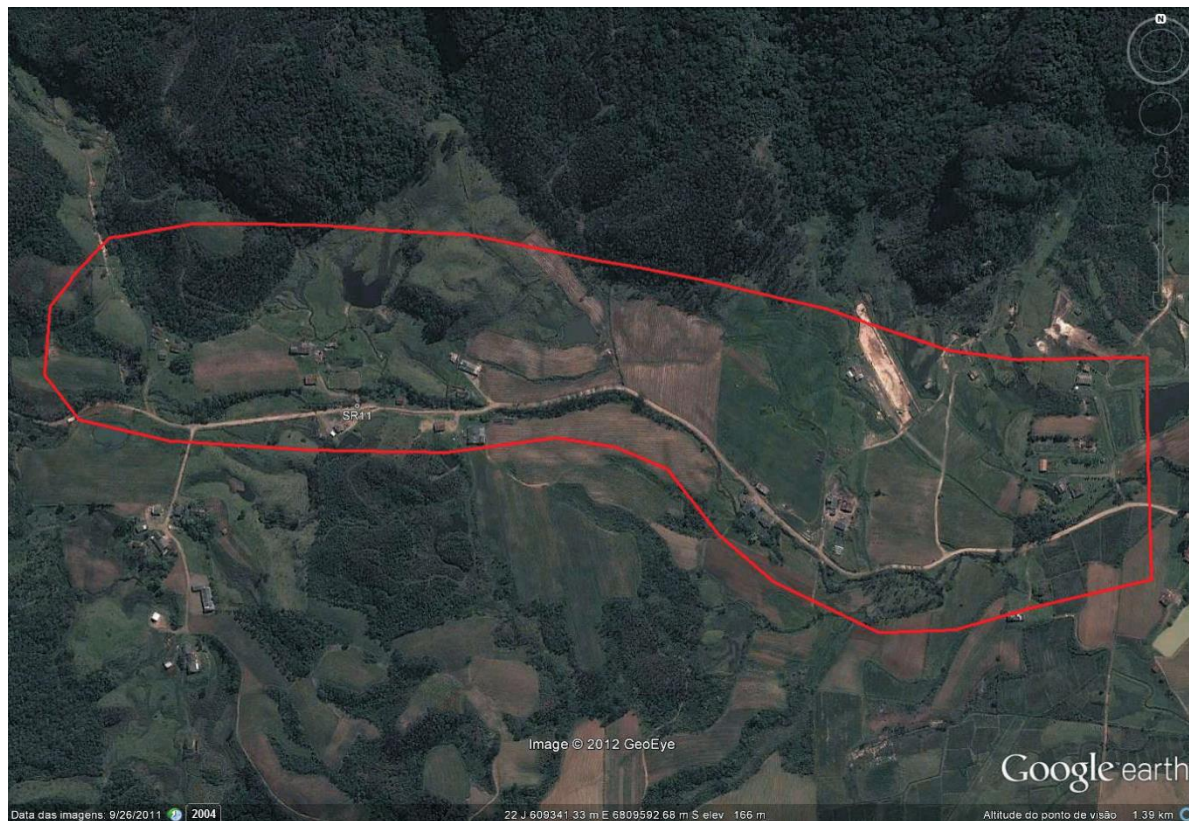
Descrição				
Edificações em área rural situado na planície aluvionar do Rio Fortuna, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. . Local sujeito a enxurradas e corridas de lama e detritos. Risco Muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
09	ENXURRADAS E CORRIDAS DE LAMAS E DETRITOS	RIO FORTUNA	01	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



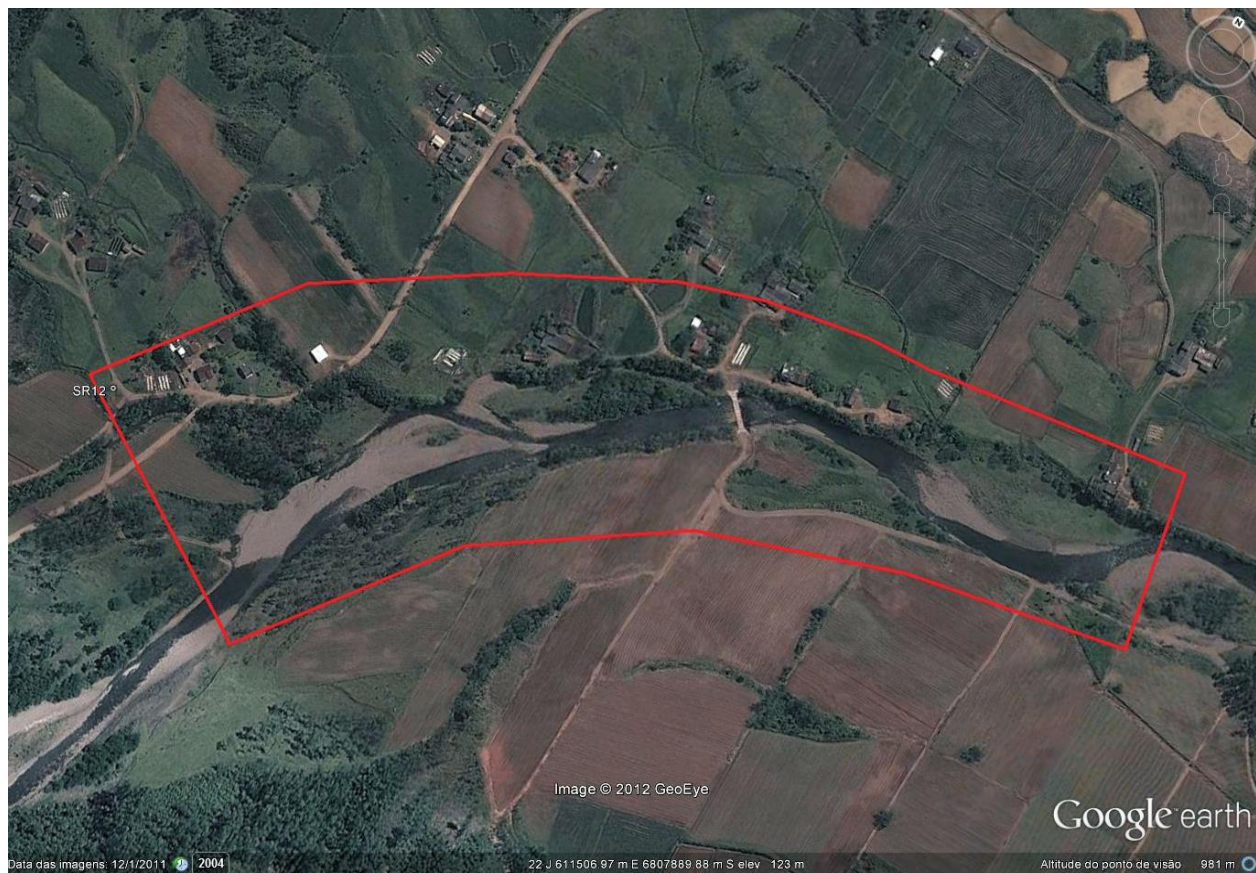
Descrição				
Edificações em área rural situado próximo ao um córrego na planície aluvionar do Rio Fortuna, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. . Local sujeito a enxurradas e corridas de lama e detritos. Risco Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
10	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	FIGUEIRA ALÉSSIO	04	• . Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
planície aluvionar de um córrego afluente do Rio Fortuna, na porção proximal da área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. A região é formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos. Identificação de diversos paleocanais fluviais de alta energia. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama e detritos. Ausência de rotas de fuga. Risco Muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
11	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	FIGUEIRA ALÉSSIO	05	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
planície aluvionar do Rio Figueira, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama e detritos. Identificação de diversos paleocanais fluviais de alta energia. Diversos eventos registrados durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 2010 e 2011. Risco Muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
12	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	VILA PELIZZARI	08	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
planície aluvionar do Rio Figueira, próximo a confluência com o Rio Amola Faca, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama e detritos. Identificação de diversos paleocanais fluviais de alta energia. Diversos eventos registrados durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 2010 e 2011. Risco Muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
13	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	VILA NOVA IGREJA	03	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Vale entalhado/profundo, na base do canyon Figueira, respectivamente Rio Figueira, localizada nas encostas da Serra Geral. Edificação em encosta com declividade alta formada por depósito de tálus. Ocupação do tipo corte/aterro. Área sujeita a escorregamento do tipo rotacional. Área fonte das corridas de lama e detritos que arrasaram o vale no evento de 1995. 16 pessoas morreram e mais de 100 casas foram destruídas. Risco muito alto.

Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
14	ESCORREGAMENTO DO TIPO ROTACIONAL	FIGUEIRA BORDIGNON CASA DE PEDRA	01	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.

Descrição

Descrição

Edificações em área rural situadas na planície aluvial do Rio Figueira, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Essa região encontra-se muito próxima ao vale do canyon Figueira, este foi o responsável pela fonte de materiais das corridas de lama e detritos que arrasaram o vale no evento de 1995. 16 pessoas morreram e mais de 100 casas foram destruídas. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama e detritos. Identificação de diversos paleocanais fluviais de alta energia. Risco Muito Alto.

Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
15	ENCHURRADAS LAMAS E DETRITOS	FIGUEIRA BORDIGNON POÇO DO VIOLÃO	02	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
Edificação em área rural situadas na planície aluvial do Rio Figueira, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Essa região encontra-se muito próxima ao vale do canyon Figueira, responsável pela fonte dos materiais das corridas de lama e detritos que arrasaram o vale no evento de 1995. 16 pessoas morreram e mais de 100 casas foram destruídas. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama/detritos. Identificação de diversos paleocanais fluviais de alta energia. Risco Muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
16	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	FIGUEIRA BORDIGNON IVO BORDIGNON	01	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
Edificações em área rural situadas na planície aluvial do Rio Figueira, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Essa região encontra-se muito próxima ao vale do canyon Figueira, responsável pela fonte dos materiais das corridas de lama e detritos que arrasaram o vale no evento de 1995. 16 pessoas morreram e mais de 100 casas foram destruídas. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama/detritos. Identificação de diversos paleocanais fluviais de alta energia. Risco Muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
17	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	FIGUEIRA BORDIGNON VALENTIN COLODEL	02	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



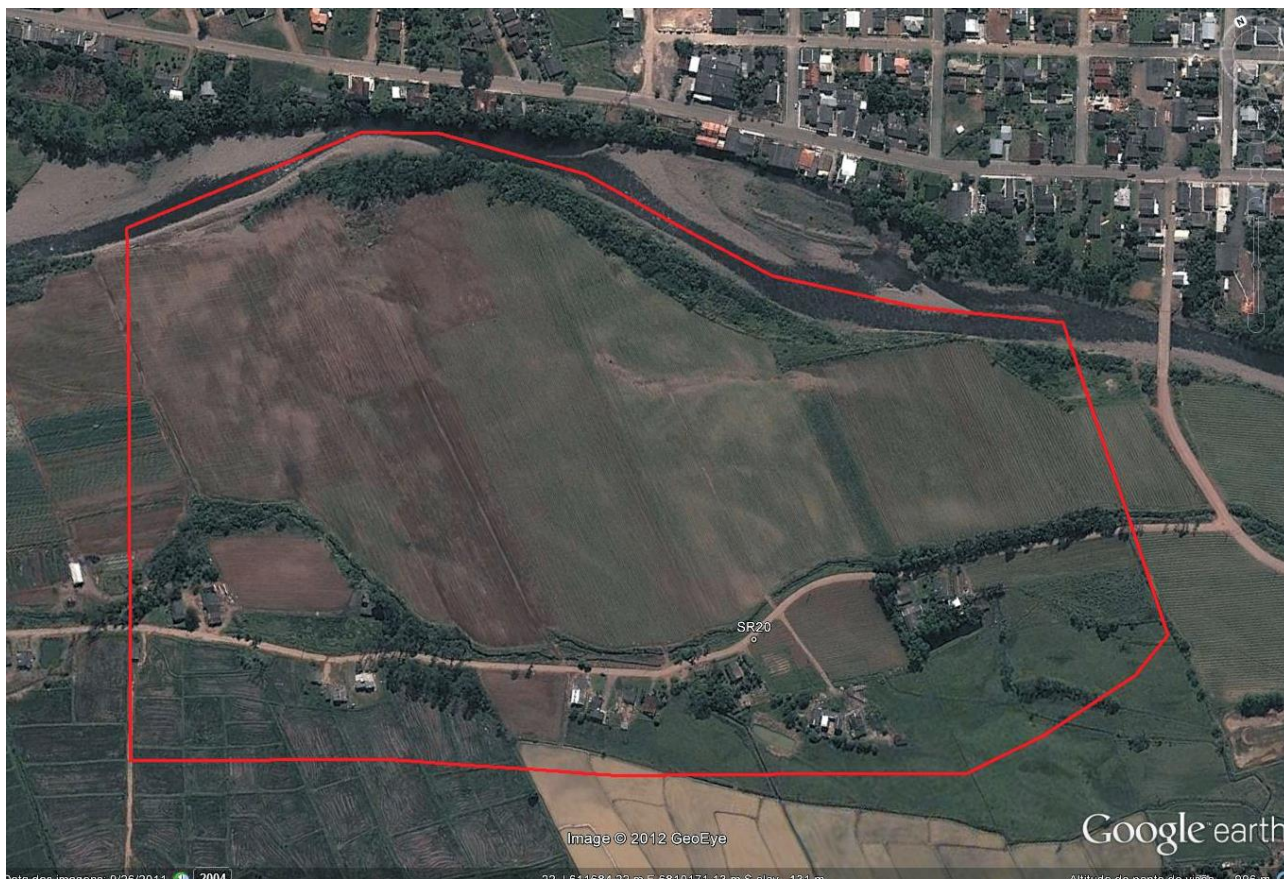
Descrição				
Edificações em área rural situadas na planície aluvial do Rio Figueira, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Essa região encontra-se próxima ao vale do canyon Figueira, responsável pela fonte dos materiais das corridas de lama e detritos que arrasaram o vale no evento de 1995. 16 pessoas morreram e mais de 100 casas foram destruídas. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama/detritos. Identificação de diversos paleocanais fluviais de alta energia. Risco Muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
18	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	FIGUEIRA BORDIGNON IGREJA	05	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



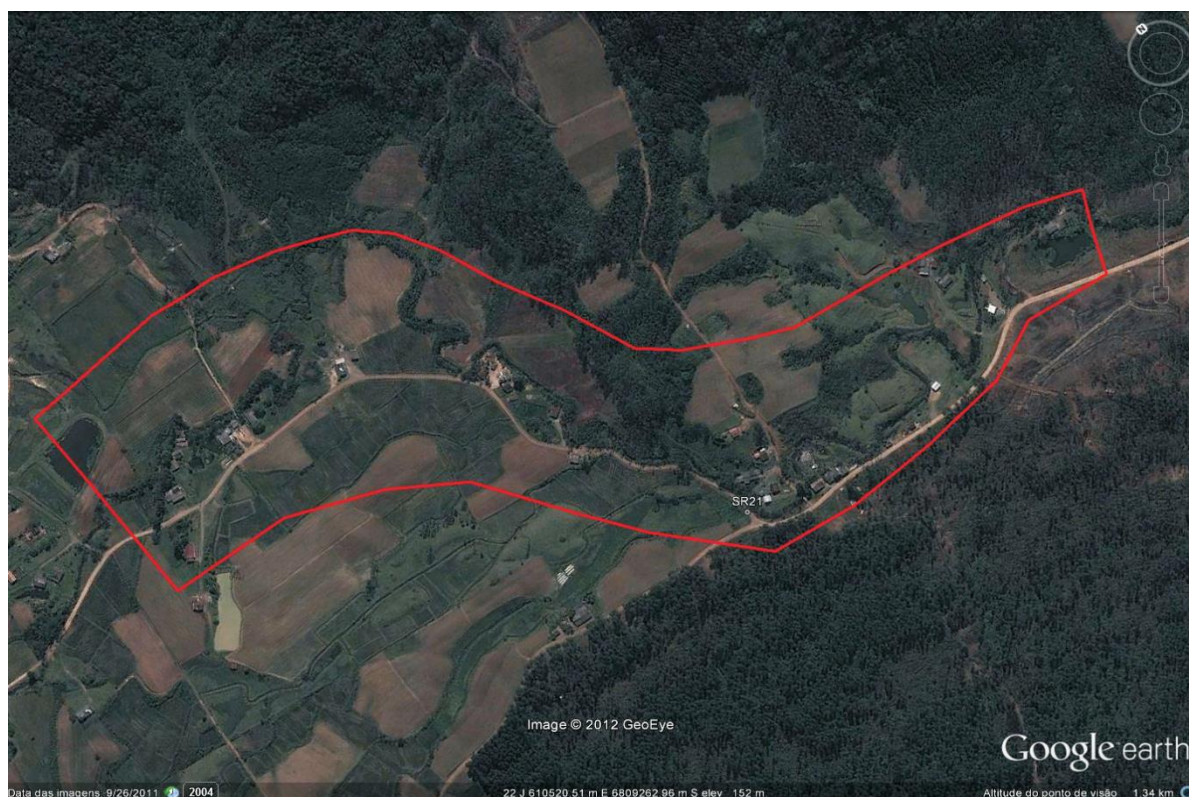
Descrição				
Edificações em área rural situadas na planície aluvial do Rio Figueira, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Essa região encontra-se próxima ao vale do canyon Figueira, responsável pela fonte dos materiais das corridas de lama e detritos que arrasaram o vale no evento de 1995. 16 pessoas morreram e mais de 100 casas foram destruídas. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama/detritos. Identificação de diversos paleocanais fluviais de alta energia. Risco Muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
19	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	FIGUEIRA BORDIGNON ADROALDO	07	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



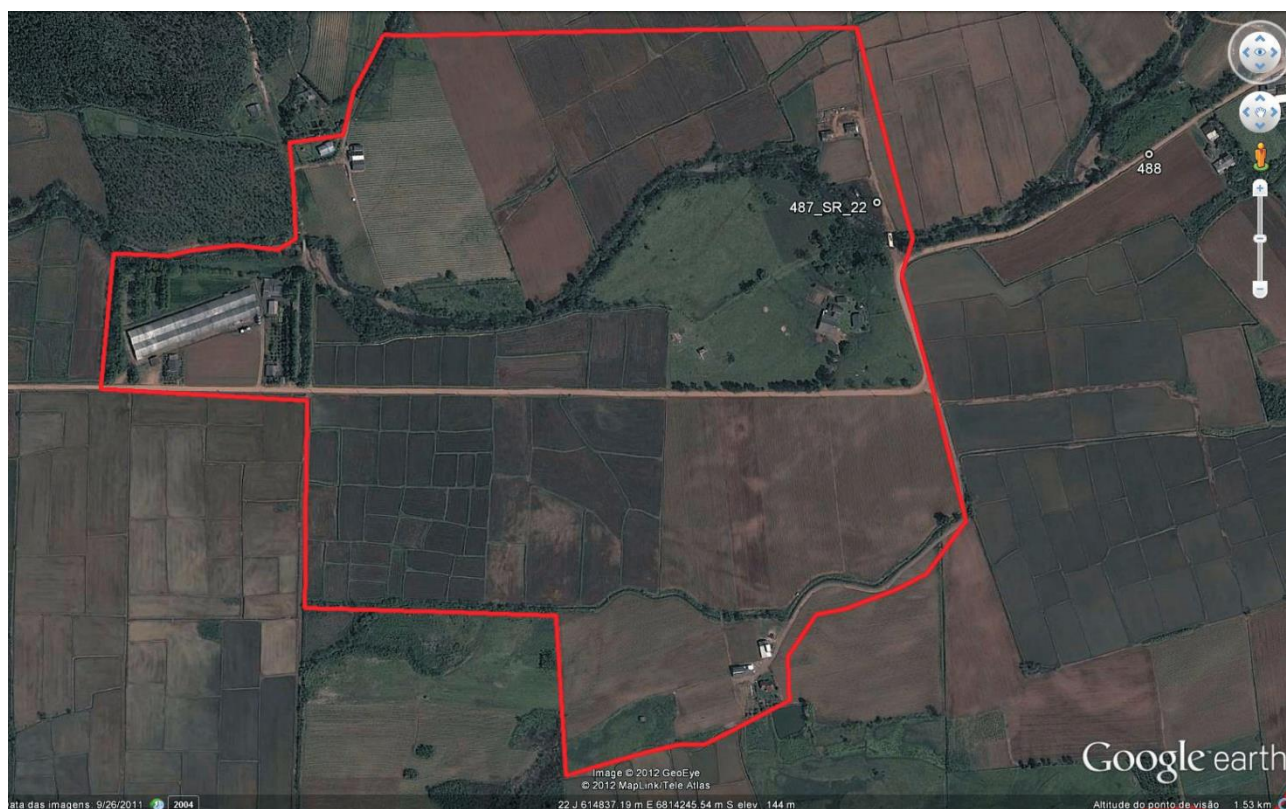
Descrição				
Edificações em área rural situado na planície aluvionar, na confluência dos Rios Serra Velha e Rocinha, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Identificação de diversos paleocanais fluviais de alta energia. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama e detritos. Risco Alto				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
20	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	VILA MARCHESINI ENTRADA DA PEDREIRA	04	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



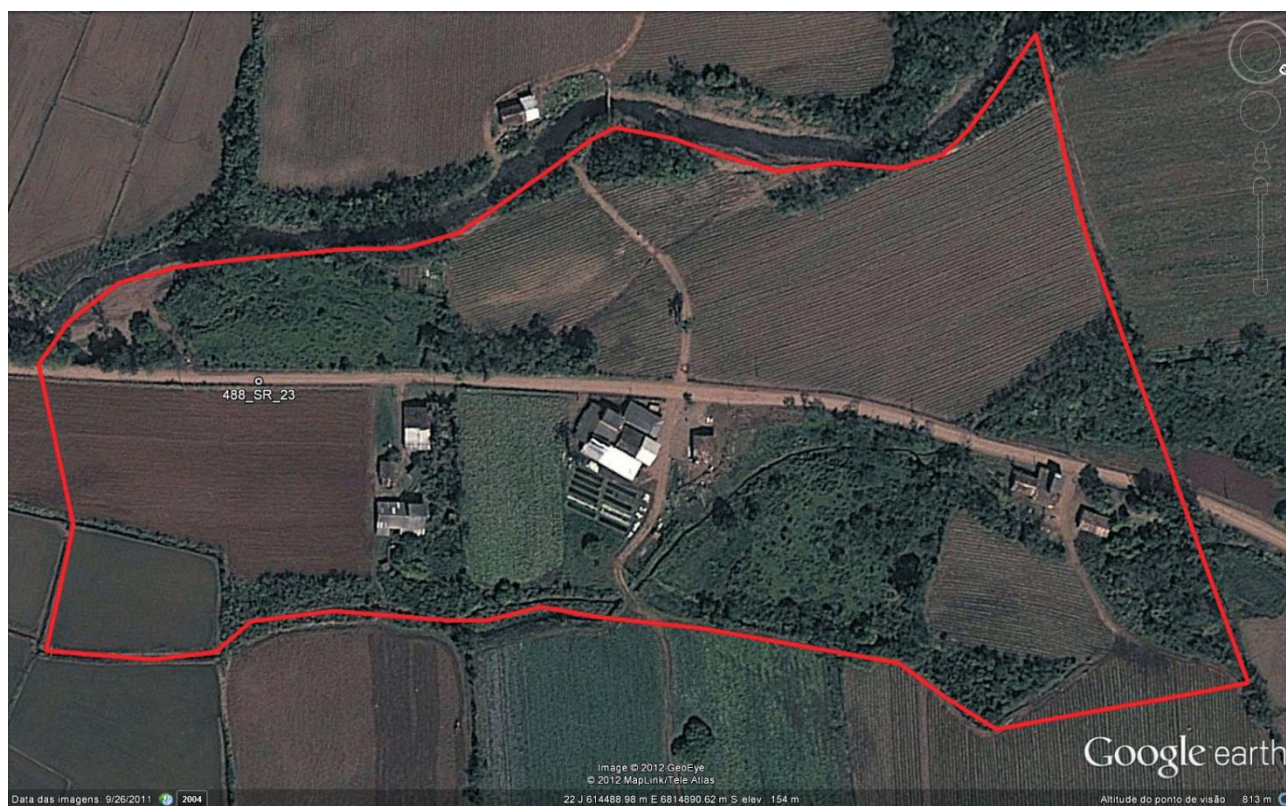
Descrição				
Edificações em área rural situado na planície aluvionar de um córrego afluente do Rio Fortuna, porção proximal a área fonte, localizada nas encostas da Serra Geral. Região formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos. Identificação de diversos paleocanais fluviais de alta energia. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama e detritos. Ausência de rotas de fuga. Risco Muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
21	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	FIGUEIRA ALESSIO SITIO ALTAMIRO	15	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



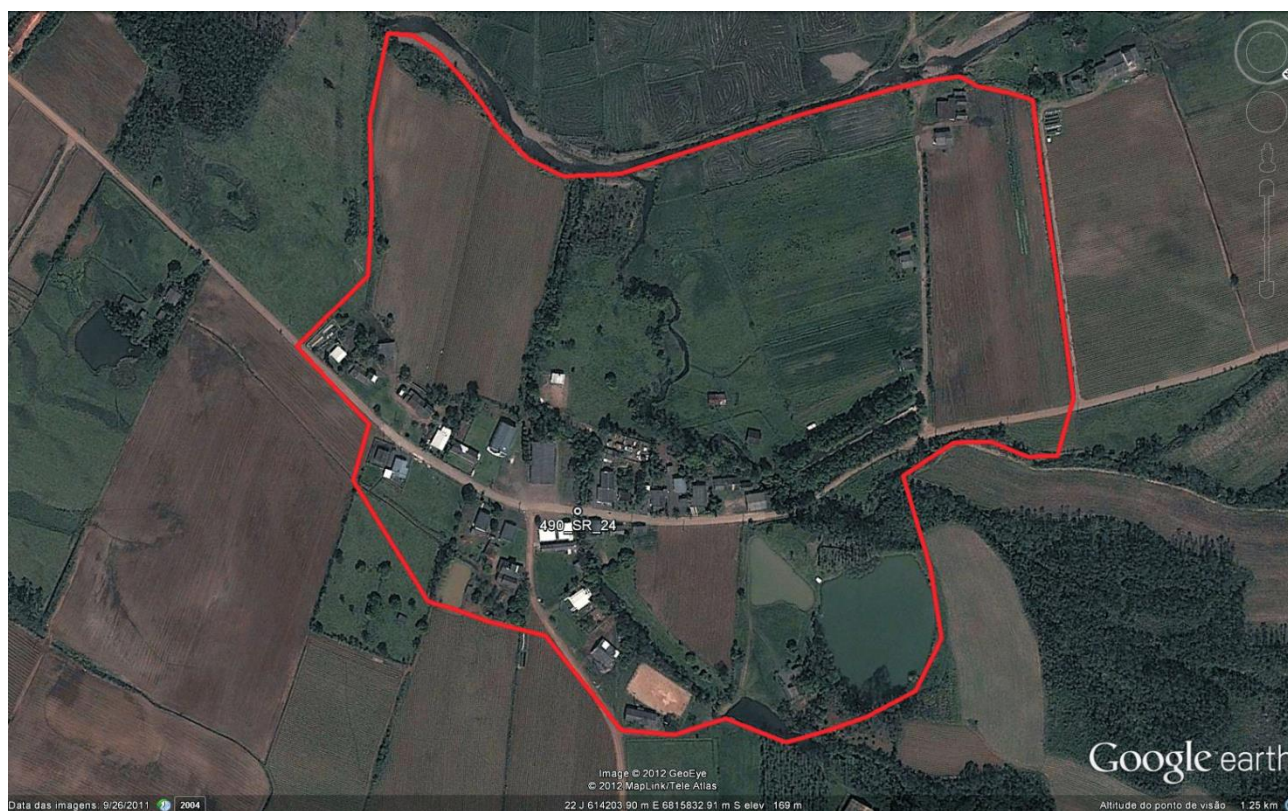
Descrição				
. Edificações em área rural situada na planície aluvionar do Rio Molha Coco, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Local sujeito a enxurradas. Ausência de rotas de fuga. Diversos eventos registrados durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 2010 e 2011. Risco Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
22	ENXURRADAS	MOLHA COCO BAIXO	02	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



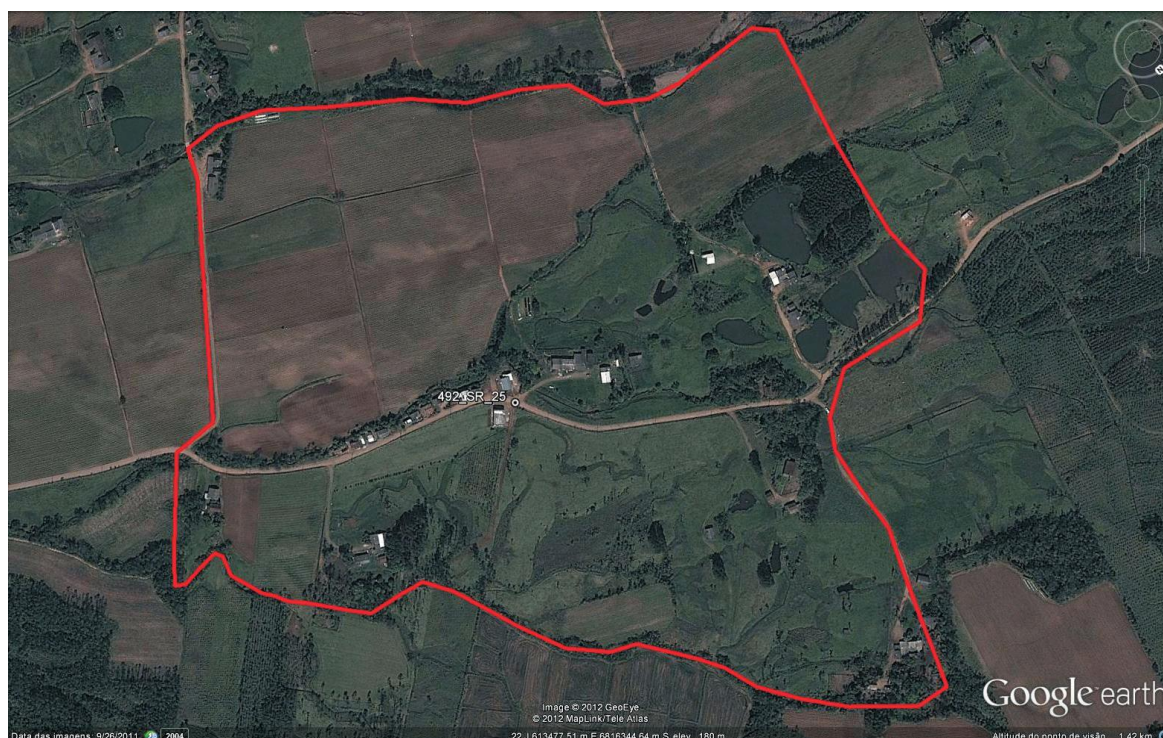
Descrição				
Edificações em área rural situada na planície aluvionar do Rio Molha Coco, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Local sujeito a enxurradas. Ausência de rotas de fuga. Diversos eventos registrados durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 2010 e 2011. Risco Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
23	ENXURRADAS	MOLHA COCO ESTUFA DO NARDELI	02	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



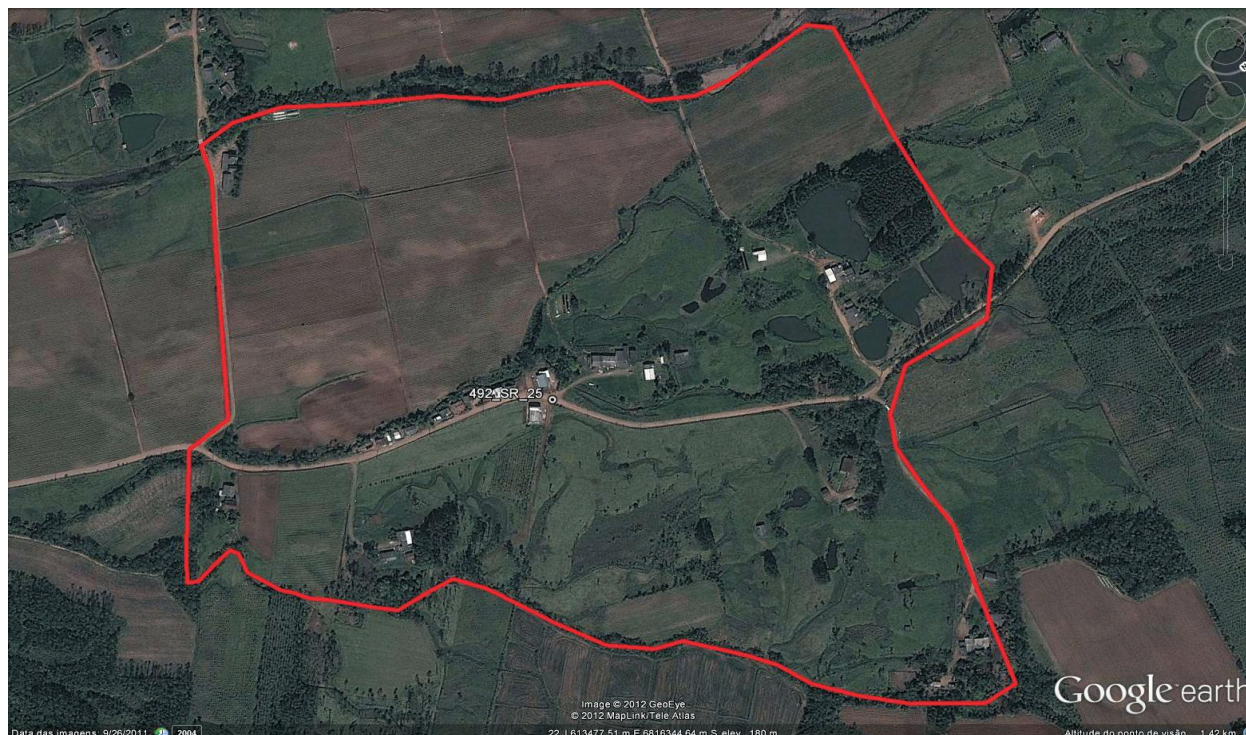
Descrição				
Aglomerado residencial em área rural situado na planície aluvionar do Rio Molha Coco, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama e detritos. Ausência de rotas de fuga. Diversos eventos registrados durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 2010 e 2011. Risco Alto				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
24	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	MOLHA COCO	25	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
Aglomerado residencial em área rural situado na planície aluvionar do Rio Molha Coco, formada por terraços fluviais composto por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Identificação de diversos paleocanais de alta energia. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama e detritos. Ausência de rotas de fuga. Diversos eventos de enxurradas foram registrados durante os meses de Janeiro e Fevereiro de 2010 e 2011. Risco Muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
25	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	MOLHA COCO JOÃO GRIGIO	18	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
Edificações em área rural situadas na planície aluvionar do Rio Molha Coco, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Identificação de diversos paleocanais fluviais de alta energia. Local sujeito a corridas de lama/detritos. Ausência de rotas de fuga. Risco Muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
26	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	MOLHA COCO CANDEL	5	● Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; ● Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



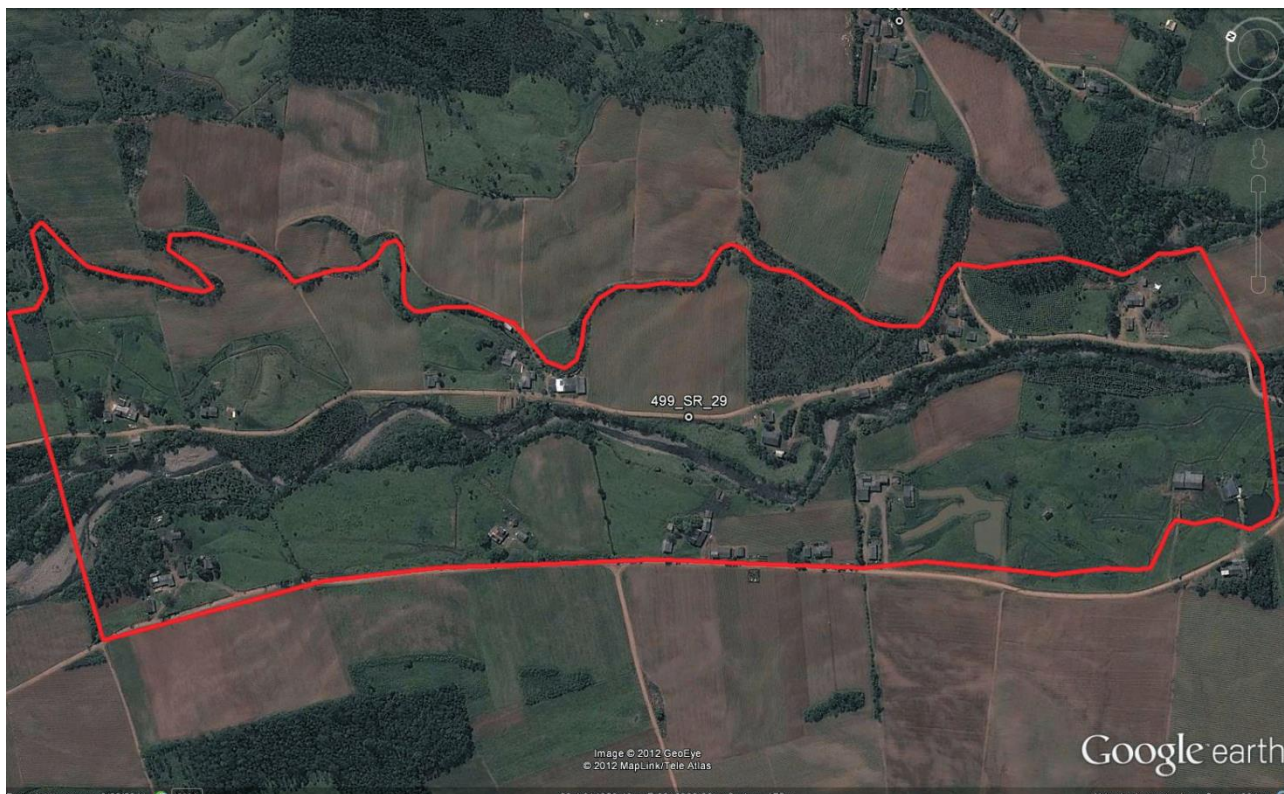
Descrição				
Edificações em área rural situada na planície aluvionar do Rio Amola Faca, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Local sujeito a corridas de lama/detritos e enxurradas. Ausência de rotas de fuga. Risco Muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
27	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	LINHA BECKER DAVI DE CAMARGO	5	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



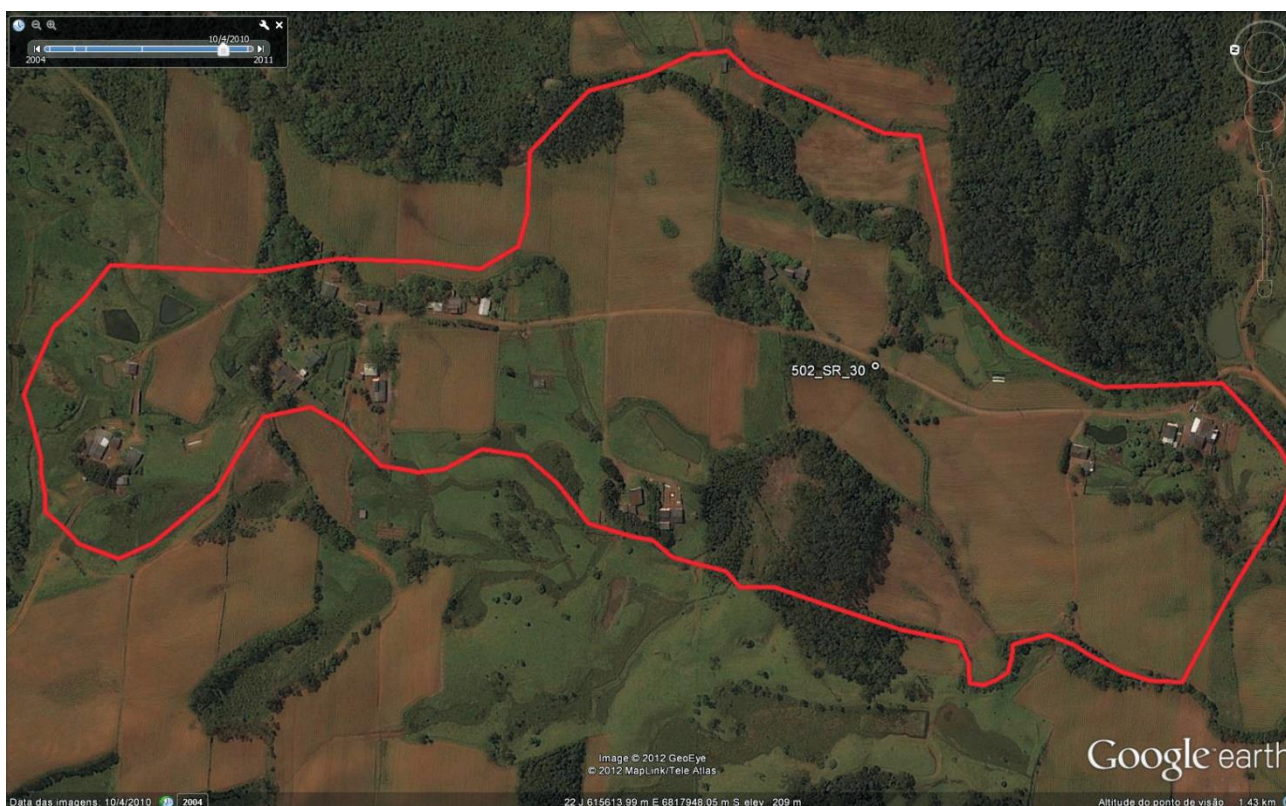
Descrição				
Edificações em área rural situada na planície aluvionar do Rio Amola Faca, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Local sujeito a corridas de lama/detritos e enxurradas. Ausência de rotas de fuga. Risco Muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
28	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	LINHA POLLI	3	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



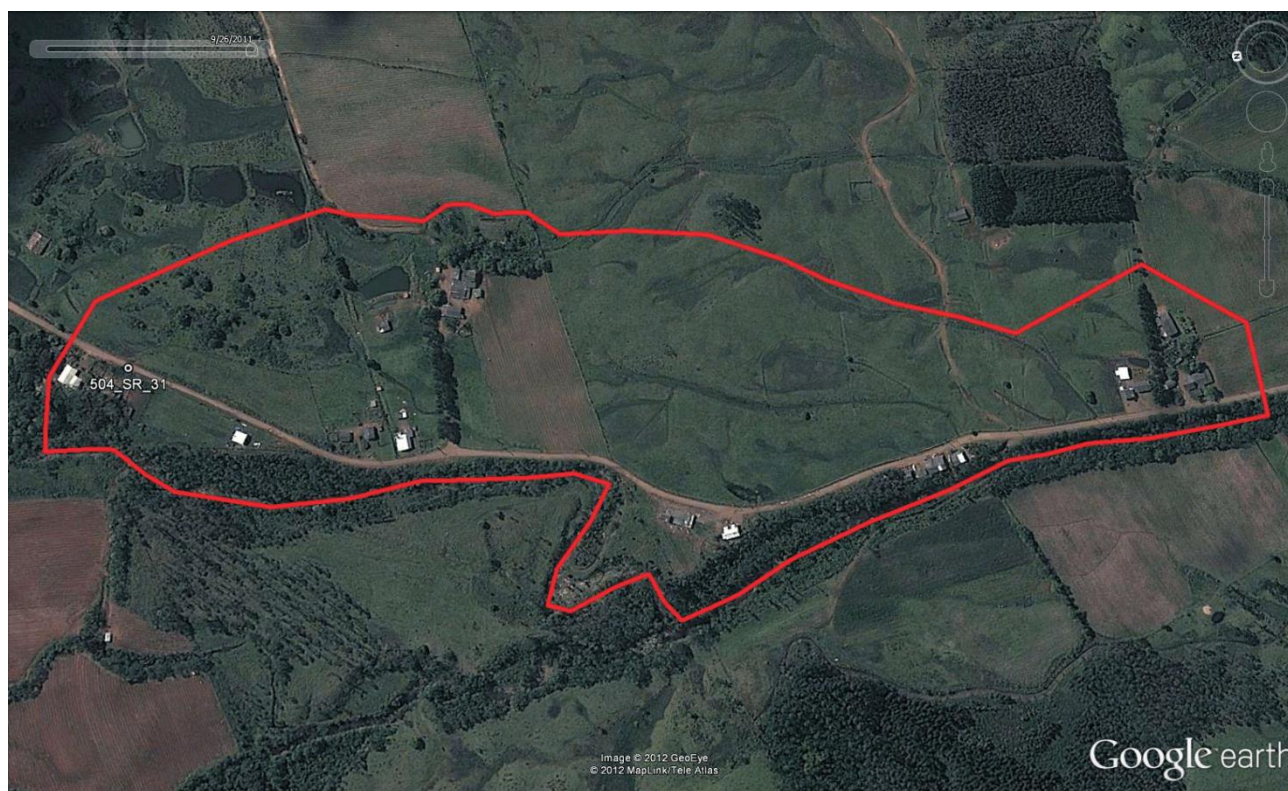
Descrição				
Edificações em área rural situado na planície aluvionar do Rio Amola Faca, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Local sujeito a corridas de lama/detritos e enxurradas. Ausência de rotas de fuga. Risco Muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
29	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	LINHA POLLI ZENALDO	29	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
Edificações em área rural situado na planície aluvionar do Rio do Norte, formada por terraços fluviais com diversos paleocanais formados por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Local sujeito a corridas de lama/detritos e enxurradas. Ausência de rotas de fuga. Risco Muito Alto				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
30	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	RIO DO NORTE VALDIR DAMIANI	8	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
Edificações em área rural situado na planície aluvionar do Rio do Norte, formada por terraços fluviais com diversos paleocanais formados por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Local sujeito a corridas de lama/detritos e enxurradas. Ausência de rotas de fuga. Risco Muito Alto				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
31	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	RIO DO NORTE JONAS LIMA	7	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
Edificações em área rural situado na planície aluvionar do Rio do Norte, formada por terraços fluviais com diversos paleocanais formados por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Local sujeito a corridas de lama e detritos e enxurradas. Ausência de rotas de fuga. Risco Muito Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
32	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	RIO DO NORTE AVIÁRIO EDER	8	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



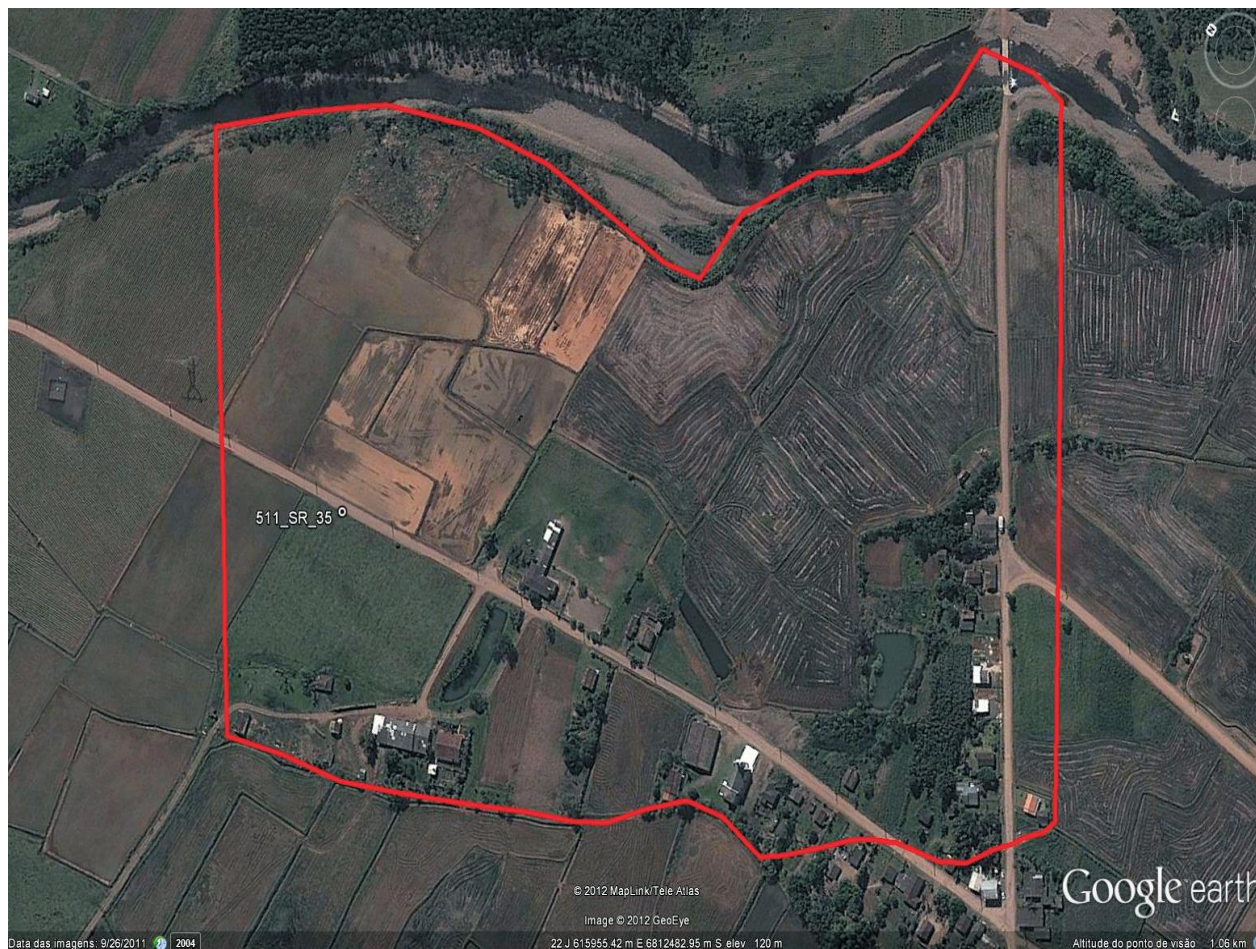
Descrição				
Edificações em área rural situada na planície aluvionar do Rio Molha Coco, formada por terraços fluviais com diversos paleo-canais formados por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama/detritos. Ausência de rotas de fuga. Risco Muito Alto				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
33	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	RIO DO NORTE SAÚ PEZENTI	12	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
Edificações em área rural situada na planície aluvionada do Rio Amola Faca, formada por terraços fluviais com diversos paleo-canais formados por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama/detritos. Ausência de rotas de fuga. Risco Muito Alto				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
34	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	AMOLA FACA BROLESÍ	3	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
Edificações em área rural situado na planície aluvionar do Rio Amola Faca, formada por terraços fluviais compostos por seixos e blocos, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Local sujeito a enxurradas. Ausência de rotas de fuga. Risco muito alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
35	ENXURRADAS	AMOLA FACA PRACINHA	25	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
Ocupação ribeirinha periurbana na margem do Rio Amola Faca, com área fonte localizada nas encostas da Serra Geral. Local sujeito a enxurradas e solapamento de margem. Risco Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
36	ENXURRADAS SOLAPAMENTO DE MARGEM	NOVA VICENÇA ELIAS MAKAR	12	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
Ocupação periurbana em margem de córrego (afluente do Rio Amola Faca). Local sujeito a enxurradas, com histórico de eventos ocorridos em 2010 e 2011. Risco Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
37	ENXURRADAS	NOVA VICENÇA IRONEL DAL PONT	4	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.

Descrição				
Ocupação periurbana na margem do Rio Molha Coco. Local sujeito a enxurradas. Risco alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
38	ENXURRADAS	NOVA VICENÇA PONTE CESARINO	3	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.

Descrição				
Ocupação periurbana situada na planície de inundação do Rio Serra Velha. Local sujeito a enxurradas, com histórico de eventos ocorridos em 2010 e 2011. Risco alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
39	ENXURRADAS	VILA BELMIRO TATI	5	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.



Descrição				
Ocupação urbana sobre o dique marginal do Rio Rocinha. Presença de terraços fluviais de alta energia, formado por seixos e blocos, com área fonte localizada sobre as encostas e canais da Serra Geral. Local sujeito a enxurradas e corridas de lama/detritos. Risco muito alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
40	ENXURRADAS LAMAS E DETRITOS	CENTRO ROMÃO MONSANI	16	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.

Descrição				
Ocupação urbana ao longo de córrego canalizado e retificado (afluente da Sanga João Barbosa). Local sujeito a enxurradas, com histórico de eventos ocorridos em 2010 e 2011. Risco alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
41	ENXURRADAS	CENTRO AGRICULTURA	5	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.

Descrição				
Ocupação urbana ao longo de córrego canalizado e retificado (afluente do Rio Rocinha). Local sujeito a enxurradas, com histórico de eventos ocorridos em 2010 e 2011. Risco Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
42	ENXURRADAS	CENTRO BIG MOVEIS	2	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a



				evacuação durante eventos extremos.
--	--	--	--	-------------------------------------

Descrição				
Ocupação urbana ao longo de córrego canalizado e retificado (afluente do Rio Rocinha). Local sujeito a enxurradas, com histórico de eventos em 2010 e 2011. Risco Alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
43	ENXURRADAS	CENTRO AVENIDA ESCOLA	4	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.

Descrição				
Edificações em área rural localizada em planície aluvionada utilizada para plantio de arroz irrigado. Risco de enxurradas. de eventos ocorridos em 2010 e 2011. Ausência de rotas de fuga. Risco alto.				
Setor	Tipo de risco	Localização	Imóveis suscetíveis	Sugestões de Medidas
44	ENXURRADAS	URUSSANGUINHA DORI	4	• Evacuação em caso de eventos de precipitações intensas; • Implantação de sistema de alerta para a evacuação durante eventos extremos.

BS: Dados foram retirados do PLANCON da defesa Civil, so porque CPRM foi atualizado recentemente.

3.5 HIDROGRAFIA



A água tem um papel de grande importância para seu uso, produtos e serviços dos quais o homem toma proveito. Nos últimos anos, tem ocorrido aumento da demanda pelos serviços de abastecimento público e industrial, de irrigação, de controle dos eventos críticos associados às secas e às enchentes, de geração de energia, de navegação, de recreação, de saneamento e de manutenção de ecossistemas aquáticos e ribeirinho (FBDS,2021).

A Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá compreende 15 (quinze) municípios com área de 3089 km², tendo como principais corpos de água os Rios Figueira, Fortuna, Serra Velha 1, Serra Velha 2, Rocinha, Molha Coco, Amola Faca e Jundiá, com variação altimétrica de mais de mil metros (1.000 m). O município de Timbé do Sul é cortado por diversos rios e diversas matas em seu entorno, a maior parte das nascentes são na serra. A Bacia do Rio Araranguá está inserida nacionalmente na denominada Região Hidrográfica Atlântico Sul, da qual fazem parte as bacias litorâneas dos três estados do sul. Em cumprimento ainda às legislações pertinentes, nosso estado subdividiu-se em outras dez regiões hidrográficas, no qual a Bacia do Rio Araranguá pertence à Região Hidrográfica Sul Catarinense-RH9, denominada Bacia Hidrográfica do Rio Araranguá.

Figura 11. Rios do Município.

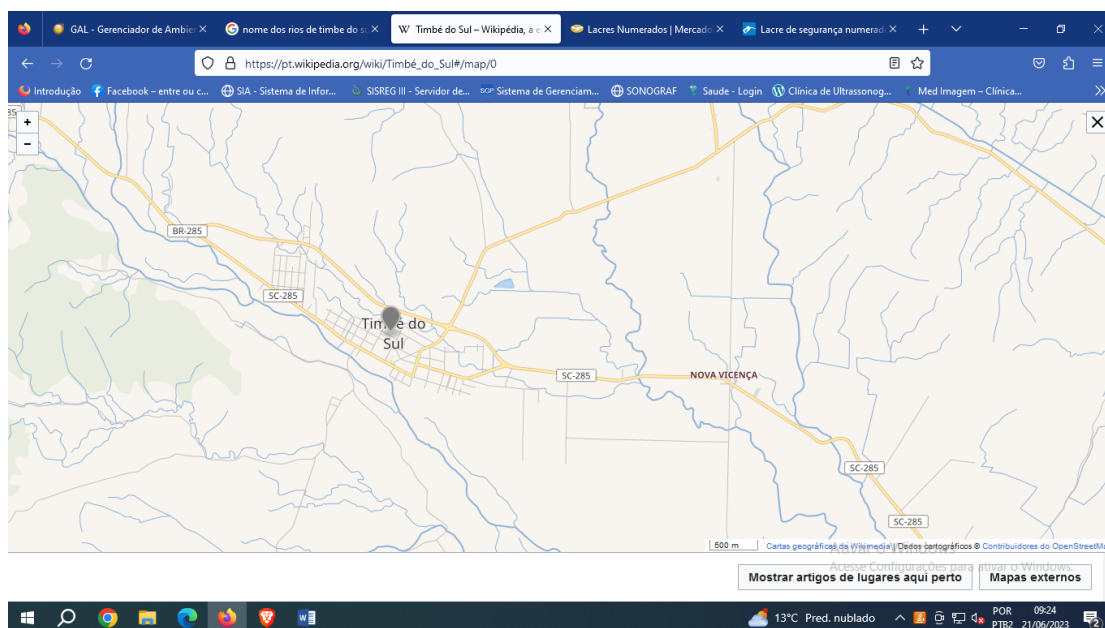
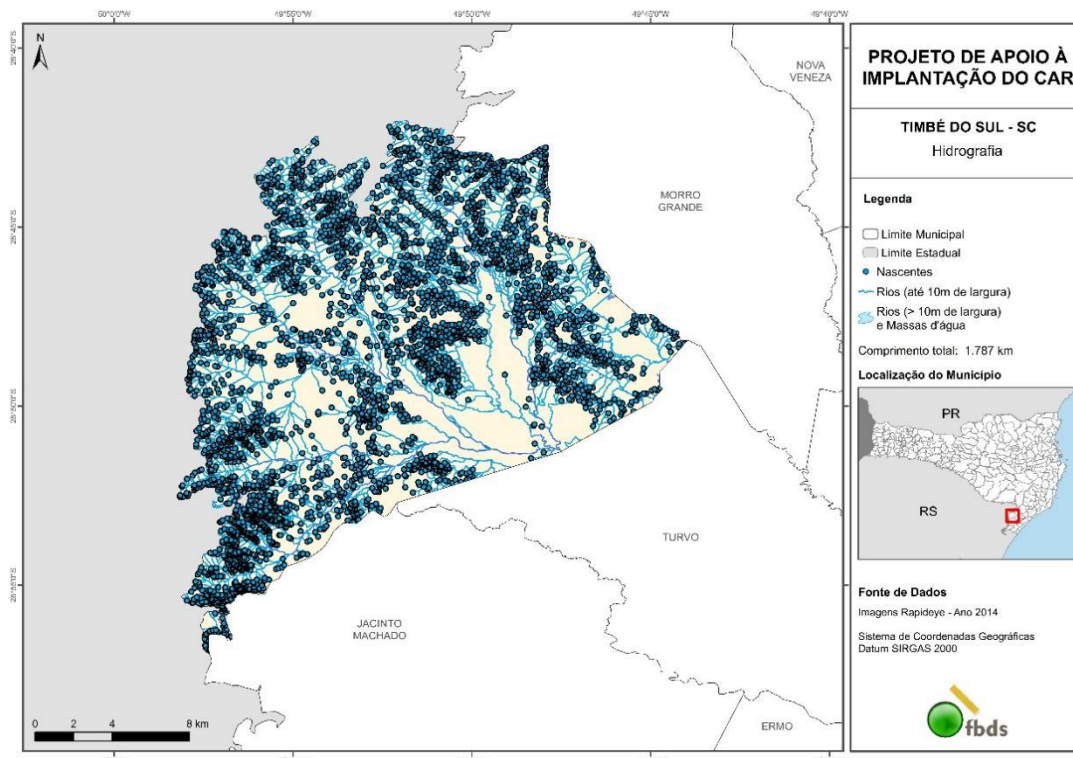




Figura 12. Hidrografia do município.

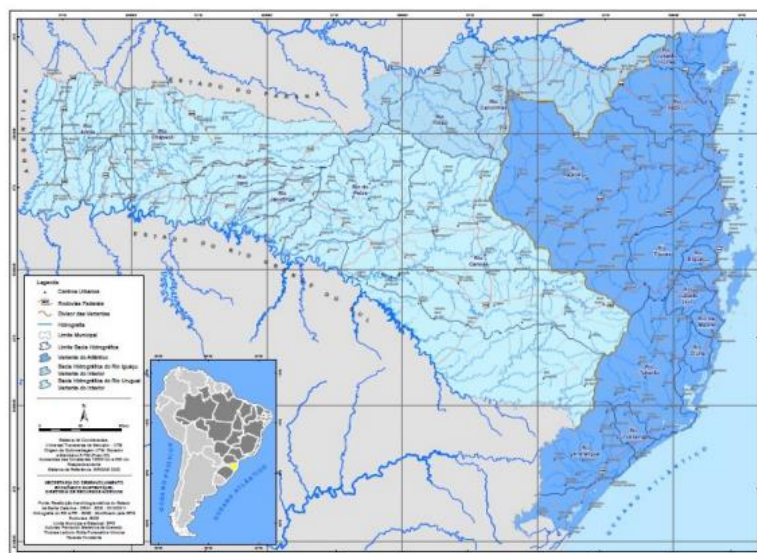


3.5.1 Rede hidrográfica catarinense

O Estado de Santa Catarina tem sua localização determinada pelas coordenadas geográficas 25°57'41"S e 29°23'55"S e 48°19'37"W e 53°50'00"W. Possui área total de 95.736,165 km², que representa 1,12% da superfície do território nacional. Segundo a divisão atualmente adotada pela Agência Nacional de Águas - ANA, os rios que drenam o território estadual de Santa Catarina integram três grandes Regiões Hidrográficas – a Região Hidrográfica do Paraná, a Região Hidrográfica do Uruguai e a Região Hidrográfica Atlântico Sul. A rede hidrográfica catarinense tem na Serra Geral o principal divisor de águas que forma os dois sistemas independentes de drenagem do território estadual: o sistema integrado da Vertente do Interior, compreendendo 07 bacias que integram a bacia Paraná-Uruguai, e o sistema da Vertente Atlântica, formado por um conjunto de 11 bacias isoladas que fluem para leste, desaguando diretamente no Atlântico. Assim, a rede hidrográfica catarinense possui um total de 18 bacias hidrográficas consideradas de rios principais.



Figura 13. Hidrografia catarinense.



3.5.2 Densidade da drenagem

Tabela 3. Densidade da Drenagem.



HIDROGRÁFICAS	(km2)	CURSOS (km)	DRENAGEM (km/km2)
Vertente do Interior			
Rio Antas	2683	5344	1,991800224
Rio Canoinhas	1443	3412	2,364518365
Rio Chapecó	8302	13066	1,573837629
Rio Jacutinga	1007	1948	1,934458788
Rio Irani	1597	2830	1,772072636
Rio do Peixe	5240	8840	1,687022901
Rio Timbó	2725	6423	2,35706422
Vertente do Atlântico			
Rio Araranguá	3007	5323	1,77020286
Rio Biguaçu	388	1084	2,793814433
Rio Cubatão (norte)	491	1173	2,389002037
Rio Cubatão (sul)	742	2084	2,808625337
Rio D'Una	492	1414	2,87398374
Rio da Madre	336	718	2,136904762
Rio Itajaí	14866	39405	2,650679403
Rio Itapocu	2884	6015	2,085644938
Rio Tubarão	4685	13167	2,810458911
Rio Tijucas	2371	6906	2,912695065
Rio Urussanga	620	1100	1,774193548
Rios de Domínio da União (Território Catarinense)			
Rio Mampituba	1253	1455	1,161213089
Rio Negro	4324	9599	2,219935245
Rio Peperi-Guaçu	1520	3532	2,323684211
Rio Pelotas	7392	13728	1,857142857
Rio Canoas	14907	33846	2,270476957

3.5.3 Regimes fluviais

Os rios Tubarão e Araranguá, da vertente atlântica meridional, apresentam seus máximos que culminam em fevereiro-março e uma saliência pequena em setembro-outubro, prolongando-se até dezembro na bacia do Tubarão. Esta situação é resultante de duas causas: a fraca intensidade das chuvas na primavera, ocorrendo forte infiltração no solo e a incapacidade deste continuar a absorção acentuada no verão, por já estar saturado. Na bacia do rio Itajaí-açu, destaca-se também as vazões acentuadas nos meses de setembro e outubro. As cheias registradas no final do verão e na primavera, bem como as vazantes observadas no inverno e no início do verão, são as características predominantes dos rios da vertente atlântica.

3.6 SAÚDE

O município de Timbó do Sul conta com um hospital 24h onde realiza atendimento de urgência e emergência além de realizar cirurgias no bloco cirurgico



do hospital. O município conta com a unidade de saúde também e os ESF (I e II). Quando não há expediente nas unidades é disponibilizado à população atendimento através de plantão, com veículo, celular e motorista (fornecido pela secretaria de saúde municipal), para ser encaminhado ao hospital do município, caso a situação seja grave será encaminhado a um centro de referência como Araranguá e Criciúma.

A Secretaria Municipal de Saúde é o órgão responsável pelo planejamento e gestão pública da saúde. São os serviços que a Secretaria Municipal de Saúde que o SUS oferece para o atendimento da integralidade da assistência à saúde, envolve a Atenção Básica, Urgência e Emergência, Atenção Psicossocial, Assistência Farmacêutica, Rede de laboratórios e Suprimento de sangue e derivados.

Tabela 4. Órgãos da Secretaria Municipal de Saúde

Local	Endereço	Telefone
UBS Central	Pedro Panatta	35361381
ESFI	Felipe Napoli	35361187
ESFII	Pedro Panatta	35361400
Hospital Santo Antonio	Antonio Willian Savi	35361122
Secretaria Municipal de Saúde	Pedro Panatta	35361400

3.7 ASSISTÊNCIA SOCIAL

Timbé do Sul possui uma Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação. A assistência social acompanha e desenvolve programas federais propostos pela assistência social como o CRAS (Centro de Referência em Assistência Social), bem como os projetos e programas (SCFV E PAIF) habitacionais tanto federais como estaduais. SECRETÁRIO (a) DE ASSISTÊNCIA SOCIAL E HABITAÇÃO: Irma Pelizzari Scarpari

ENDEREÇO: Rua Felipe Napoli N° (S/N) Prédio do Antigo Colégio Frei Modesto.

3.8 SEGURANÇA

A segurança pública é o estado de normalidade que permite o usufruto de direitos e o cumprimento de deveres. Pode ser interpretada como a manutenção da



ordem pública, isto é, de conjunto de valores, de princípios e de normas que se pretende ser observados numa sociedade.

Tabela 5. Entidades de Segurança Pública

Nome	Entidade	Contato
Sargento	Polícia Militar	35290301
Delegado	Polícia Militar	35290301
Delegado	Polícia Civil	35290301

3.9 OBRAS

Compete à Secretaria de Obras e Serviços Urbanos: fiscalizar e executar as obras municipais, conservar as estradas, vias e logradouros públicos, assim como, conceder e fiscalizar os serviços de utilidade pública.

SECRETÁRIO DE OBRAS, SERVIÇOS URBANOS: Amarildo Dandolini

Endereço: Zelindo Savi N° (S/N) Garagem da Prefeitura

4 HISTÓRICO DE DESASTRES NATURAIS E ANTROPOGÊNICOS

Tabela 4. Desastres Naturais e Antropogênicos ocorridos nos últimos dez anos.

Mês /Ano	Classificação do Desastre	Breve relato



03/2015	Enxurrada	Ocorreu uma enxurrada
03/2020	Doenças infecciosas Virais	Início da Pandemia de COVID-19
05/2020	Estiagem	Ocorreu uma estiagem no município
06/2021	Doenças infecciosas Virais	Pandemia de COVID-19
05/2022	Enxurrada Tempestade Local - Vendaval	Ocorreu uma enxurrada e no mesmo mês ocorreu uma tempestade com vendaval

5 GESTÃO DE RISCO EM DESASTRES

O setor saúde participa de todas as etapas da gestão de risco de desastres. Para desenvolver as atividades da gestão de risco, foi criado pelo Ministério da Saúde, no âmbito da Vigilância Saúde e Ambiente, o programa VIGIDESASTRES que tem como objetivo o desenvolvimento de um conjunto de ações, de forma contínua, pelas



autoridades de saúde pública, para reduzir o risco da exposição da população e dos profissionais de saúde, reduzir doenças e agravos secundários à exposição e reduzir os danos à infraestrutura de saúde.

Em 2023, o Programa VIGIDESASTRES foi instituído neste município e o ponto focal do VIGIDESASTRES atualmente é a Fiscal Sanitária Renata Pizzolo Fontanella, alocada na Vigilância Sanitária.

5.1. CARACTERIZAÇÃO DAS ETAPAS DA GESTÃO DE RISCO EM DESASTRES.

Figura 14. Etapas da Gestão de Risco.

Etapa	Fase	Objetivo
Redução Elementos da Gestão de risco para evitar ou limitar o impacto adverso de ameaças.	Prevenção	Cooperar com a equipe do PPR-ESP no treinamento dos responsáveis e colaboradores dos diversos setores e o estabelecimento de normas e diretrizes quanto à (aos): • Organização, boa armazenagem dos alimentos e segurança nas instalações do abrigo. • Procedimentos nas diversas situações de calamidade. • Participar dos treinamentos e capacitações.
	Mitigação	• Socorrer as vítimas que mais necessitam. • Prestar assistência aos desabrigados. • Restabelecer os serviços de água e esgoto do município.
	Preparação	Participar dos treinamentos, assessorando o coordenador do abrigo, conhecendo sua missão e os demais integrantes da equipe de coordenação.



Etapa	Fase	Objetivo
		Medidas para identificar e reduzir as vulnerabilidades e os riscos.
Manejo Ações que devem ser provenientes do sinal de alerta, intensificação das atividades de rotina e execução de ações necessárias.	Alerta	O alerta será determinado pela Coordenadoria Municipal de Proteção e Defesa Civil e atualizado de acordo com as informações do sistema de monitoramento e a evolução do desastre e será divulgado através dos veículos de comunicação: www.timbedosul.sc.gov.br , rádio local, Facebook, Instagram da prefeitura municipal. O alarme de desastre iminente, o Coordenador Municipal de Proteção e Defesa Civil, acionará o dispositivo de resposta imediata, evoluindo para uma situação de início na ordenação das operações, onde as equipes poderão de imediato se deslocarem para as áreas de risco e iniciar o procedimento de evacuação.
	Resposta	Será organizada de acordo com a matriz das funções de suporte a desastres, estabelecendo ações para: • Socorro: salvamento, atendimento pré-hospitalar, • Evacuação; • Atendimento ambulatorial e hospitalar, etc; • Na assistência às vítimas: abrigo, doações, assistência médica, • Reabilitação de cenários:



Etapa	Fase	Objetivo
		desobstrução das vias, • Restabelecimento da energia elétrica, fornecimento de água potável, etc. • O suporte às operações de resposta será realizado primeiramente pelos próprios Órgãos envolvidos, passando a ser realizado de forma integrada nas questões relativas a socorro, assistência às vítimas e reabilitação de cenários, utilizando recursos físicos e mecânicos das secretarias municipais, Polícia Militar e Civil.
Recuperação Compreende a reabilitação de atividades e serviços e a Reconstrução.	Reabilitação	Período de transição que se inicia ao final da resposta em se restabelecer, de forma transitória, os serviços básicos indispensáveis. Reabilitação de cenários: desobstrução das vias, restabelecimento da energia elétrica, fornecimento de água potável, segurança alimentar, abrigos e serviços clínicos básicos, etc.
	Reconstrução	Nova infraestrutura física, com medidas para redução das vulnerabilidades e riscos.



Fonte: CGVAM/DSAST/SVS/MS

5.1.1 Atuação de gestão do risco na ocorrência de desastres

Tabela 5. Gestão de Risco na ocorrência de **deslizamentos e erosão de margem fluvial**

Area	Setor	Ação
Atençã a Saúde	AB	Realizar os primeiros atendimentos e atender os casos que não demandem internação hospitalar e/ou especialidades
		Encaminhar pacientes com problemas mentais



	Urgência e Emergência	No caso de agravamento da situação e necessidade de hospitalização para hidratação e outros procedimentos pertinentes ao quadro.
Vigilância em saúde (VS)		Realizar controle higiênico-sanitário de alimentos e água; atenção especial no caso de pacientes residentes em abrigos temporários;
		Garantir que reestabeleçam a água para a população e para o abrigo. E realizar monitoramento da qualidade da água tanto no abrigo quanto na rede de distribuição da água.
		Avaliar os dados epidemiológicos das doenças de transmissão hídrica em conjunto com os dados de qualidade da água para consumo humano;
		Notificar os casos e controlar possíveis surtos; necessária articulação com laboratórios da região para exames.

Alagamento

Área	Setor	Ação
Atenção à Saúde	AB	Realizar os primeiros atendimentos e atender os casos que não demandem internação hospitalar e/ou especialidades
		Encaminhar pacientes com problemas mentais
	Urgência e Emergência	No caso de agravamento da situação e necessidade de hospitalização para



		hidratação e outros procedimentos pertinentes ao quadro.
Vigilância em saúde (VS)		Realizar controle higiênico-sanitário de alimentos e água; atenção especial no caso de pacientes residentes em abrigos temporários;
		Verificar a condição do alimento que chegam ao abrigo, comercios (mercados, lanchonetes etc...) que foram atingidos pelos alagamentos.
		Avaliar os dados epidemiológicos das doenças de transmissão hídrica em conjunto com os dados de qualidade da água para consumo humano, residentes em abrigos temporários;
		Notificar os casos e controlar possíveis surtos; necessária aqui articulação com laboratórios da região para exames.

Epidemia

Area	Setor	Ação
Atençã a Saúde	AB	Realizar os primeiros atendimentos e atender os casos que não demandem internação hospitalar e/ou especialidades
UBS	Imunização	Se tiver vacina , realizar a mesma nos pacientes (de grupos prioritarios e depois a toda população)
		Encaminhar pacientes com problemas mentais
	Urgência e Emergência	No caso de agravamento da situação e



		necessidade de hospitalização para hidratação e outros procedimentos pertinentes ao quadro.
Vigilância em saúde (VS)		Realizar barreiras sanitárias, em articulação com a Vigilância Sanitária e outros parceiros, para diminuir os casos de doenças.
		Fazer ação conjunta Vigilância Epidemiológica e Sanitária de orientação a população.
		Avaliar os dados epidemiológicos das doenças e minimizar os casos;
		Notificar os casos e controlar possíveis surtos; necessária aqui articulação com laboratórios da região para exames.

Infestação de pragas

Area	Setor	Ação
Atenção a Saúde	AB	Realizar os primeiros atendimentos e atender os casos que não demandem internação hospitalar e/ou especialidades
	Urgência e Emergência	No caso de agravamento da situação e necessidade de hospitalização para hidratação e outros procedimentos pertinentes ao quadro.
Vigilância em saúde (VS)		Realizar investigação de doenças que esta infestação podera gerar



		Realizar barreiras sanitárias, em articulação com a Vigilância Sanitária e outros parceiros. Se for o caso de surtos.
		Avaliar os dados epidemiológicos das doenças acometida;
		Notificar os casos e controlar possíveis surtos; necessária aqui articulação com laboratórios da região para exames.

Desastre relacionados à contaminação de água

Area	Setor	Ação
Atenção a Saúde	AB	Realizar os primeiros atendimentos e atender os casos que não demandem internação hospitalar e/ou especialidades
	Urgência e Emergência	No caso de agravamento da situação e necessidade de hospitalização para hidratação e outros procedimentos pertinentes ao quadro.
Vigilância em saúde (VS)		Realizar controle da qualidade da água para consumo humano



		Avaliar em qual curso da água o produto perigoso caiu. Se foi SAI, SAC ou SAA.
		Avaliar os dados epidemiológicos das doenças de água, ou (se houve intoxicação na população) em conjunto com os dados de qualidade da água para consumo humano;
		Notificar os casos e controlar possíveis surtos; necessária aqui articulação com laboratórios da região para exames.

Rompimento e colapso de barragem

Area	Setor	Ação
Atenção a Saúde	AB	Realizar os primeiros atendimentos e atender os casos que não demandem internação hospitalar e/ou especialidades
		Encaminhar pacientes com problemas mentais
	Urgência e Emergência	No caso de agravamento da situação e necessidade de hospitalização para hidratação e outros procedimentos pertinentes ao quadro.
Vigilância em saúde (VS)		Realizar controle higiênico-sanitário de



		alimentos e água; atenção especial no caso de pacientes residentes em abrigos temporários;
		Analisar a situação e agravo de alguma doença decorrente de veiculação hídrica.
		Avaliar os dados epidemiológicos das doenças de transmissão hídrica em conjunto com os dados de qualidade da água para consumo humano;
		Notificar os casos e controlar possíveis surto; necessária aqui articulação com laboratórios da região para exames.

Inundações

Area	Setor	Ação
Atençã a Saúde	AB	Realizar os primeiros atendimentos e atender os casos que não demandem internação hospitalar e/ou especialidades
		Encaminhar pacientes com problemas mentais
	Urgência e Emergência	No caso de agravamento da situação e necessidade de hospitalização para hidratação e outros procedimentos pertinentes ao quadro.
Vigilância em saúde (VS)		Realizar controle higiênico-sanitário de alimentos e água;



		atenção especial no caso de pacientes residentes em abrigos temporários;
		Avaliar os dados epidemiológicos das doenças de transmissão hídrica em conjunto com os dados de qualidade da água para consumo humano;
		Notificar os casos e controlar possíveis surtos; necessária aqui articulação com laboratórios da região para exames.

Enxurradas

Area	Setor	Ação
Atenção à saúde	AB	Realizar os primeiros atendimentos e atender os casos que não demandem internação hospitalar e/ou especialidades;
		Realizar ações de educação em saúde para evitar a proliferação dos casos.
	Urgência e Emergência	No caso de agravamento da situação e necessidade de hospitalização
Vigilância em saúde (VS)		Realizar controle higiênico-sanitário de alimentos e água; atenção especial no caso



		de pacientes residentes em abrigos temporários;
		Realizar ações educativas quanto ao manuseio e armazenamento adequado de água, limpeza e desinfecção de reservatórios e tratamento intradomiciliar por meio do uso do hipoclorito de sódio 2,5%;
		Notificar os casos e controlar possíveis surtos; necessária aqui articulação com laboratórios da região para exames.

5.1.2 Redução de riscos

Redução de riscos	Ações	Coordenadores/Responsáveis
Prevenção	Monitoramento de eventos nos meios de comunicação local e demais meios disponíveis (INMET, INPE, BDQUEIMADAS, EPAGRI, S2ID, Defesa Civil, etc).	FISCAL SANITÁRIO MUNICIPAL: Renata Pizzolo Fontanella



Redução de riscos	Ações	Coordenadores/Responsáveis
	Recebimento e verificação dos relatórios diários do VIGIDESASTRES Estadual por meio de WhatsApp	FISCAL SANITÁRIO MUNICIPAL: Renata Pizzolo Fontanella
	Realizar os primeiros atendimentos e atender os casos que não demandem internação hospitalar e/ou especialidades	Sheila Feltrin Elaine Ferro Daniela Arcaro
	Orientar sobre prevenção, promoção, proteção, educação, recuperação e reabilitação para a população.	Jeane Tais Scheffeer Renata Pizzolo Fontanella Claudia Fernanda de Oliveira
	Realizar orientações de ações de controle de vetores (mosquitos), reservatórios (roedores) e animais peçonhentos.	Jeane Tais Scheffeer Renata Pizzolo Fontanella Claudia Fernanda de Oliveira
	Realizar palestras em instituições de ensino. (Sobre Saúde Ambiental e Doenças)	Jeane Tais Scheffeer Renata Pizzolo Fontanella Claudia Fernanda de Oliveira
Mitigação	Verificar a ocorrência de agravos causados por doenças contagiosas.	Jeane Tais Scheffeer Renata Pizzolo Fontanella



Redução de riscos	Ações	Coordenadores/Responsáveis
		Claudia Fernanda de Oliveira
	Informar a população sobre os cuidados diante de agravos causados por doenças contagiosas e transmissíveis.	Jeane Tais Scheffeer Renata Pizzolo Fontanella Claudia Fernanda de Oliveira
	Realizar relatórios diários sobre as doenças de veiculação hídrica, doenças zoonóticas, surtos, epidemias ou pandemias.	Jeane Tais Scheffeer Renata Pizzolo Fontanella Claudia Fernanda de Oliveira
Preparação	Verificar relatórios diários como esta a situação de doenças e agravos.	Jeane Tais Scheffeer Renata Pizzolo Fontanella Claudia Fernanda de Oliveira
	Inspecionar abrigo e estabelecimentos que estão em funcionamento para verificar os alimentos se estão em bom estado de conservação.	Renata Pizzolo Fontanella

5.1.3 Resposta

O VIGIDESASTRES/SC propõe a atuação em Emergência de Saúde Pública de Nível Local (ESPIL). A ESPIL possui um nível de resposta com impacto e/ou abrangência restrita à comunidade local e/ou nível primário em saúde pública.

Tabela 6. Resposta aos desastres.



Níveis de resposta	Ações	Coordenadores/Responsáveis
ESPIL	Resposta às Comunicações de ESP enviadas pelo VIGIDESASTRES Estadual.	Fiscal Sanitaria Municipal: Renata Pizzolo Fontanella.
	Intensificar as ações de prevenção, promoção, proteção, educação, recuperação e reabilitação, previamente determinadas para o setor saúde;	Claudia Fernanda de Oliveira Jeane Tais Scheffeer Renata Pizzolo Fontanella
	Identificar e realizar atividades de promoção e assistência à saúde aos atingidos;	Claudia Fernanda de Oliveira Jeane Tais Scheffeer Renata Pizzolo Fontanella
	Avaliar os danos às pessoas, no sistema de abastecimento de água, nos abrigos e na infraestrutura de saúde por meio dos formulários de Avaliação de Danos;	Renata Pizzolo Fontanella
	Identificar as necessidades em saúde;	Daniela Arcaro Sheila Feltrin Elaine Ferro
	Intensificar a Vigilância Epidemiológica específica para situações de desastres	Renata Pizzolo Fontanella Jeane Tais Scheffeer Claudia Fernanda de Oliveira
	Monitorar a morbimortalidade e outros efeitos à saúde humana;	Claudia Fernanda de Oliveira Jeane Tais Scheffeer



	Estabelecer fluxos de informação e comunicação aos gestores e população	Sabrina Moro Pizzolo Claudia Fernanda de Oliveira Jeane Tais Scheffeer Renata Pizzolo Fontanella
	Sistematizar a operacionalização do manejo e destino de animais mortos.	Gabriela Zaccaron Marcon

5.1.4 Recuperação

Tabela 10. Recuperação aos desastres

Recuperação	Ações	Coordenadores/Responsáveis
	Intensificar as ações de vigilância epidemiológica de doenças decorrentes de inundações;	Claudia Fernanda de Oliveira Jeane Tais Scheffeer Renata Pizzolo Fontanella
	Intensificar a necessidade de promover ações para a atenção psicossocial da população e dos trabalhadores envolvidos no processo;	Valdineia Macarini Claudia Fernanda de Oliveira
	Intensificar as ações de controle de vetores (mosquitos), reservatórios (roedores) e animais peçonhentos;	Jeane Tais Scheffeer Renata Pizzolo Fontanella Claudia Fernanda de Oliveira
	Intensificar as ações de Vigilância Sanitária e executar medidas de controle e de	Renata Pizzolo Fontanella



	higiene nos ambientes públicos, domiciliares e comércio;	
	Apoiar e sistematizar o manejo e destino de animais mortos.	Gabriela Zaccaron Marcon

6 ORGANIZAÇÃO DA RESPOSTA ÀS EMERGÊNCIAS EM SAÚDE PÚBLICA.

6.1 CENTRO DE OPERAÇÕES DE EMERGÊNCIA EM SAÚDE (COES)

O COES é o responsável pela coordenação das ações de resposta às emergências em saúde pública, incluindo a mobilização de recursos para o restabelecimento dos serviços de saúde e a articulação da informação entre as três esferas de gestão do SUS, sendo constituído por profissionais das Coordenações-Gerais e Áreas Técnicas da Vigilância em Saúde da Secretaria de Estado da Saúde, bem como gestores de outras instituições envolvidas na resposta e com competência para atuar na tipologia de emergência identificada. A sua estruturação permite a análise dos dados e das informações para subsidiar a tomada de decisão dos gestores e técnicos, na definição de estratégias e ações adequadas e oportunas para o enfrentamento de emergências em saúde pública. O município em caso de necessidade de ativação do COES entrará em contato com Secretaria de Estado da Saúde, sendo o Secretário de Estado da Saúde o responsável pela ativação do COES (Portaria SES nº 614 e 615 de 2021), com base no parecer técnico conjunto emitido em sala de situação, definindo o nível da emergência (ESPIL, ESPIE, ESPIN e ESPII).

Tabela 7. COE saúde.

Nome	Cargo/Função	Telefone
------	--------------	----------



Renata Pizzolo Fontanella	Vigilância em Saúde/ Agente de Vigilância Sanitária	48 35361400
Claudia Fernanda de Oliveira Jeane Tais scheffer	Vigilância em Saúde/ Agente de Endemias/ Vigilância Epidemiologica	48 35361400
Valdineia	Atenção Psicossocial (Saude Mental) / Pisicologa	48 35361187
Francieli Goulo	Assistência Farmacêutica/ Farmacêutica	48 35361381
Daniela Arcaro	Atenção a Saúde / Enfermeira Chefe Posto de Saúde	48 35361381
Sheila Feltrin	Atenção a Saúde / Enfermeira ESF II	48 35361400
Elaine Ferro	Atenção a Saúde / Enfermeira ESFI	48 35361187

6.2 SALA DE SITUAÇÃO

Na ocorrência de um evento será formado um comitê interno composto por representantes da Secretaria Municipal de Saúde. Os representantes terão as atribuições de acionar os coordenadores responsáveis pelos setores da Secretaria de Saúde para composição da Sala de Situação, coordenar as ações assistenciais e/ou preventivas no âmbito do município e contatar as organizações vinculadas à assistência à saúde.



Tabela 8. Comitê Interno.

Nome	Cargo/Função	Telefone
Renata Pizzolo Fontanella	Vigilância em Saúde/ Agente de Vigilância Sanitária	48 35361400
Claudia Fernanda de Oliveira Jeane Tais scheffer	Vigilância em Saúde/ Agente de Endemias/ Vigilância Epidemiologica	48 35361400
Valdineia	Atenção Psicossocial (Saude Mental) / Pisicologa	48 35361187
Francieli Goulo	Assistência Farmacêutica/ Farmacêutica	48 35361381
Daniela Arcaro	Atenção a Saúde / Enfermeira Chefe Posto de Saúde	48 35361381

Tabela 9. Lista de representantes da SMS.

Representantes da Secretaria Municipal de Saúde	Telefone	Nome/Responsável
Secretario de Saúde	(48) 3536-1400	Vilmar Maffiolette
Atenção Farmacêutica	(48) 35361381	Francieli Goulo



Chefe de Enfermagem (Enfermeira)	(48) 35361381	Daniela Arcaro
Departamento de Vigilância Epidemiológica e (Dengue)	(48) 3536-1400	Claudia Fernanda de Oliveira Jeane Tais scheffer
Departamento de Vigilância Sanitária	48 35361400	Renata Pizzolo Fontanella

7 INFORMAÇÕES À POPULAÇÃO

Será divulgado nas redes sociais e no site da prefeitura. Também divulgaremos aos outros setores da prefeitura (ADM, Defesa Civil, Setor de Obras e Educação).

8 CAPACITAÇÕES

Serão realizadas capacitações para os setores de Enfermagem, Fisioterapia, Psicologia e uma orientação os setor de Vigilância Epidemiológica e Vigilância Sanitária. Na capacitação de Enfermagem, será mostrado como deve ser o salvamento de pessoas em situação de risco de desastre. Na capacitação de



fisioterapia, um profissional especializado vai mostrar como se atua na reabilitação de uma pessoa que sofre o trauma em um acidente de desastre natural.

Na capacitação de profissionais psicólogos será explicado como agir em casos de famílias precisarem de ajuda na saúde mental. Na orientação das vigilâncias, um profissional de enfermagem especializado em Epidemiologia dará orientações de como proceder em casos de surtos, endemias ou pandemias, de como devemos agir em um desastre natural, além de explicar como ocorre as DTAH e como agir frente as doenças de transmissão hídricas. Para a Vigilância Sanitária estamos tendo varias capacitações do Estado de SC, na area de Vigilância em Desastres Naturais.

REFERÊNCIAS

Plano de Contingência Municipal de Proteção e Defesa Civil – Ano 2021



FRAZÃO, Paulo; A PERES, Marco; A CURY, Jaime. Qualidade da água para consumo humano e concentração de fluoreto. Revista de Saúde Pública, [S.L.], v. 45, n. 5, p. 964-973, out. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-89102011005000046>.

JAIME, Patricia Constante; DELMUÈ, Denise Costa Coitinho; CAMPELLO, Tereza; SILVA, Denise Oliveira e; SANTOS, Leonor Maria Pacheco. Um olhar sobre a agenda de alimentação e nutrição nos trinta anos do Sistema Único de Saúde. Ciência & Saúde Coletiva, [S.L.], v. 23, n. 6, p. 1829-1836, jun. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018236.05392018>.

BISPO JÚNIOR, José Patrício. Fisioterapia e saúde coletiva: desafios e novas responsabilidades profissionais. Ciência & Saúde Coletiva, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 1627-1636, jun. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232010000700074>.

SILVA, Luzia Wilma Santana da; DURÃES, Argleydsson Mendes; AZOUBEL, Roberta. Fisioterapia domiciliar: pesquisa sobre o estado da arte a partir do niefam. Fisioterapia em Movimento, [S.L.], v. 24, n. 3, p. 495-501, set. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-51502011000300014>.

Clima: <https://pt.climate-data.org/america-do-sul/brasil/santa-catarina/timbe-do-sul-313602/>

Pluviometria: <https://www.climatempo.com.br/climatologia/4712/timbedosul-sc>

Características socioeconômicas:

<https://datampe.sebrae.com.br/profile/geo/timbe-do-sul#distribuicao-de-ocupacoes>
<https://datampe.sebrae.com.br/profile/geo/timbe-do-sul#principais-ocupacoes>

IDH:

https://drive.google.com/file/d/1ARbXWQ8x9q9Bkh0V6M5q9PYAso_2JNHP/view
<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/timbe-do-sul/panorama>



<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiYzA1YjY5ZmUtZWVjNS00ODYzLTgwN2YtMjQ3NDg1MGE5OGY1IiwidCI6IjIhNTU0YWQzLWI1MmItNDg2Mi1hMzZmLTg0ZDg5MWU1YzZmNSJ9&pageName=ReportSectioncb1d05717bd1e3030a04>

COBRADE: <http://www.defesacivil.rj.gov.br/images/formularios/COBRADE.pdf>

Plano Nacional De Preparação e Resposta às Emergências De Saúde Pública.

https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_preparacao_resposta_desastre_inundacoes_gestao_municipal_SUS.pdf



Equipamento/ Máquina	Quantidade	Localização
Caminhão caçamba	04	Rua Zelindo Savi
Retro escavadeira	02	Rua Zelindo Savi
Trator	02	Rua Zelindo Savi

ANEXO II - CONTATOS INTERINSTITUCIONAIS

Instituições	Nome	Contatos (Telefone institucional e/ou Celular)
IMAS – Instituto Maria Shimit (Timbé do Sul)	Rinaldo Ghellere	35361122
Associação Vida Nova Combate ao Alcool e Dependente Quimico	-	35361133

ANEXO III – CLASSIFICAÇÃO E CODIFICAÇÃO BRASILEIRA DE DESASTRES (COBRADE)



Classificação e Codificação Brasileira de Desastres (Cobrade)

1. NATURAIS	GRUPO	SUBGRUPO	TIPO	SUBTIPO	DEFINIÇÃO	COBRADE	SIMBOLOGIA
	1. Geológico	1. Terremoto	1. Tremor de terra	0	Vibrações do terreno que provocam oscilações verticais e horizontais na superfície da Terra (ondas sísmicas). Pode ser natural (tectônica) ou induzido (explosões, injeção profunda de líquidos e gás, extração de fluidos, alívio de carga de minas, enchimento de lagos artificiais).	1.1.1.1.0	
			2. Tsunami	0	Série de ondas geradas por deslocamento de um grande volume de água causado geralmente por terremotos, erupções vulcânicas ou movimentos de massa.	1.1.1.2.0	
		2. Emissão vulcânica	0	0	Produtos/materiais vulcânicos lançados na atmosfera a partir de erupções vulcânicas.	1.1.2.0.0	
		3. Movimento de massa	1. Quedas, tombamentos e rolamentos	1. Blocos	As quedas de blocos são movimentos rápidos e acontecem quando materiais rochosos diversos e de volumes variáveis se destacam de encostas muito íngremes, num movimento tipo queda livre. Os tombamentos de blocos são movimentos de massa em que ocorre rotação de um bloco de solo ou rocha em torno de um ponto ou abaixo do centro de gravidade da massa desprendida. Rolamentos de blocos são movimentos de blocos rochosos ao longo de encostas, que ocorrem geralmente pela perda de apoio (descolamento).	1.1.3.1.1	
				2. Lascas	As quedas de lascas são movimentos rápidos e acontecem quando fatias delgadas formadas pelos fragmentos de rochas se destacam de encostas muito íngremes, num movimento tipo queda livre.	1.1.3.1.2	
				3. Matacões	Os rolamentos de matacões são caracterizados por movimentos rápidos e acontecem quando materiais rochosos diversos e de volumes variáveis se destacam de encostas e movimentam-se num plano inclinado.	1.1.3.1.3	
				4. Lajes	As quedas de lajes são movimentos rápidos e acontecem quando fragmentos de rochas extensas de superfície mais ou menos plana e de pouca espessura se destacam de encostas muito íngremes, num movimento tipo queda livre.	1.1.3.1.4	
		2. Deslizamentos	1. Deslizamentos de solo e/ou rocha	São movimentos rápidos de solo ou rocha, apresentando superfície de ruptura bem definida, de duração relativamente curta, de massas de terreno geralmente bem definidas quanto ao seu volume, cujo centro de gravidade se desloca para baixo e para fora do talude. Frequentemente, os primeiros sinais desses movimentos são a presença de fissuras.	1.1.3.2.1		



1. NATURAIS	GRUPO	SUBGRUPO	TIPO	SUBTIPO	DEFINIÇÃO	COBRADE	SIMBOLOGIA
	1. Geológico		3. Corridos de massa	1. Solo/Lama	Ocorrem quando, por índices pluviométricos excepcionais, o solo/lama, misturado com a água, tem comportamento de líquido viscoso, de extenso raio de ação e alto poder destrutivo.	1.1.3.3.1	
				2. Rocha/ Detrito	Ocorrem quando, por índices pluviométricos excepcionais, rocha/detrito, misturado com a água, tem comportamento de líquido viscoso, de extenso raio de ação e alto poder destrutivo.	1.1.3.3.2	
			4. Subsídências e colapsos	0	Afundamento rápido ou gradual do terreno devido ao colapso de cavidades, redução da porosidade do solo ou deformação de material argiloso.	1.1.3.4.0	
		4. Erosão	1. Erosão costeira/Marinha	0	Processo de desgaste (mecânico ou químico) que ocorre ao longo da linha da costa (rochosa ou praia) e se deve à ação das ondas, correntes marinhas e marés.	1.1.4.1.0	
			2. Erosão de margem fluvial	0	Desgaste das encostas dos rios que provoca desmoronamento de barrancos.	1.1.4.2.0	
			3. Erosão continental	1. Laminar	Remoção de uma camada delgada e uniforme do solo superficial provocada por fluxo hídrico não concentrado.	1.1.4.3.1	
				2. Ravinas	Evolução, em tamanho e profundidade, da desagregação e remoção das partículas do solo de sulcos provocada por escoamento hídrico superficial concentrado.	1.1.4.3.2	
				3. Boçorocas	Evolução do processo de ravinamento, em tamanho e profundidade, em que a desagregação e remoção das partículas do solo são provocadas por escoamento hídrico superficial e subsuperficial (escoamento freático) concentrado.	1.1.4.3.3	
			2. Hidrológico	1. Inundações	0	0	Submersão de áreas fora dos limites normais de um curso de água em zonas que normalmente não se encontram submersas. O transbordamento ocorre de modo gradual, geralmente ocasionado por chuvas prolongadas em áreas de planície.
	2. Enxurradas	0		0	Escoamento superficial de alta velocidade e energia, provocado por chuvas intensas e concentradas, normalmente em pequenas bacias de relevo acidentado. Caracterizada pela elevação súbita das vazões de determinada drenagem e transbordamento brusco da calha fluvial. Apresenta grande poder destrutivo.	1.2.2.0.0	
	3. Alagamentos	0		0	Extrapolação da capacidade de escoamento de sistemas de drenagem urbana e consequente acúmulo de água em ruas, calçadas ou outras infraestruturas urbanas, em decorrência de precipitações intensas.	1.2.3.0.0	



1. NATURAIS	GRUPO	SUBGRUPO	TIPO	SUBTIPO	DEFINIÇÃO	COBRADE	SIMBOLOGIA	
	1. Geológico		3. Corridos de massa	1. Solo/Lama	Ocorrem quando, por índices pluviométricos excepcionais, o solo/lama, misturado com a água, tem comportamento de líquido viscoso, de extenso raio de ação e alto poder destrutivo.	1.1.3.3.1		
				2. Rocha/ Detrito	Ocorrem quando, por índices pluviométricos excepcionais, rocha/detrito, misturado com a água, tem comportamento de líquido viscoso, de extenso raio de ação e alto poder destrutivo.	1.1.3.3.2		
			4. Subsídências e colapsos	0	Afundamento rápido ou gradual do terreno devido ao colapso de cavidades, redução da porosidade do solo ou deformação de material argiloso.	1.1.3.4.0		
		4. Erosão	1. Erosão costeira/Marinha	0	Processo de desgaste (mecânico ou químico) que ocorre ao longo da linha da costa (rochosa ou praia) e se deve à ação das ondas, correntes marinhas e marés.	1.1.4.1.0		
			2. Erosão de margem fluvial	0	Desgaste das encostas dos rios que provoca desmoronamento de barrancos.	1.1.4.2.0		
			3. Erosão continental	1. Laminar	Remoção de uma camada delgada e uniforme do solo superficial provocada por fluxo hídrico não concentrado.	1.1.4.3.1		
				2. Ravinas	Evolução, em tamanho e profundidade, da desagregação e remoção das particulas do solo de sulcos provocada por escoamento hídrico superficial concentrado.	1.1.4.3.2		
				3. Boçorocas	Evolução do processo de ravinamento, em tamanho e profundidade, em que a desagregação e remoção das particulas do solo são provocadas por escoamento hídrico superficial e subsuperficial (escoamento freático) concentrado.	1.1.4.3.3		
		2. Hidrológico	1. Inundações	0	0	Submersão de áreas fora dos limites normais de um curso de água em zonas que normalmente não se encontram submersas. O transbordamento ocorre de modo gradual, geralmente ocasionado por chuvas prolongadas em áreas de planície.	1.2.1.0.0	
			2. Enxurradas	0	0	Escoamento superficial de alta velocidade e energia, provocado por chuvas intensas e concentradas, normalmente em pequenas bacias de relevo acidentado. Caracterizada pela elevação súbita das vazões de determinada drenagem e transbordamento brusco da calha fluvial. Apresenta grande poder destrutivo.	1.2.2.0.0	
3. Alagamentos	0		0	Extrapolação da capacidade de escoamento de sistemas de drenagem urbana e consequente acúmulo de água em ruas, calçadas ou outras infraestruturas urbanas, em decorrência de precipitações intensas.	1.2.3.0.0			



1. NATURAIS							
GRUPO	SUBGRUPO	TIPO	SUBTIPO	DEFINIÇÃO	COBRADE	SIMBOLOGIA	
3. Meteorológico		2. Onda de frio	1. Friagem	Período de tempo que dura, no mínimo, de três a quatro dias, e os valores de temperatura mínima do ar ficam abaixo dos valores esperados para determinada região em um período do ano.	1.3.3.2.1		
			2. Geadas	Formação de uma camada de cristais de gelo na superfície ou na folhagem exposta.	1.3.3.2.2		
4. Climatológico	1. Seca	1. Estiagem	0	Período prolongado de baixa ou nenhuma pluviosidade, em que a perda de umidade do solo é superior à sua reposição.	1.4.1.1.0		
		2. Seca	0	A seca é uma estiagem prolongada, durante o período de tempo suficiente para que a falta de precipitação provoque grave desequilíbrio hidrológico.	1.4.1.2.0		
		3. Incêndio florestal	1. Incêndios em parques, áreas de proteção ambiental e áreas de preservação permanente nacionais, estaduais ou municipais	Propagação de fogo sem controle, em qualquer tipo de vegetação situada em áreas legalmente protegidas.	1.4.1.3.1		
			2. Incêndios em áreas não protegidas, com reflexos na qualidade do ar	Propagação de fogo sem controle, em qualquer tipo de vegetação que não se encontre em áreas sob proteção legal, acarretando queda da qualidade do ar.	1.4.1.3.2		
		4. Baixa umidade do ar	0	Queda da taxa de vapor de água suspensa na atmosfera para níveis abaixo de 20%.	1.4.1.4.0		
5. Biológico	1. Epidemias	1. Doenças infecciosas virais	0	Aumento brusco, significativo e transitório da ocorrência de doenças infecciosas geradas por vírus.	1.5.1.1.0		
		2. Doenças infecciosas bacterianas	0	Aumento brusco, significativo e transitório da ocorrência de doenças infecciosas geradas por bactérias.	1.5.1.2.0		
		3. Doenças infecciosas parasiticas	0	Aumento brusco, significativo e transitório da ocorrência de doenças infecciosas geradas por parasitas.	1.5.1.3.0		
		4. Doenças infecciosas fúngicas	0	Aumento brusco, significativo e transitório da ocorrência de doenças infecciosas geradas por fungos.	1.5.1.4.0		



	GRUPO	SUBGRUPO	TIPO	SUBTIPO	DEFINIÇÃO	COBRADE	SIMBOLOGIA
1. NATURAIS	5. Biológico	2. Infestações/ Pragas	1. Infestações de animais	0	Infestações por animais que alterem o equilíbrio ecológico de uma região, bacia hidrográfica ou bioma afetado por suas ações predatórias.	1.5.2.1.0	
			2. Infestações de algas	1. Marés vermelhas	Aglomerção de microalgas em água doce ou em água salgada suficiente para causar alterações físicas, químicas ou biológicas em sua composição, caracterizada por uma mudança de cor, tornando-se amarela, laranja, vermelha ou marrom.	1.5.2.2.1	
				2. Cianobactérias em reservatórios	Aglomerção de cianobactérias em reservatórios receptores de descargas de dejetos domésticos, industriais e/ou agrícolas, provocando alterações das propriedades físicas, químicas ou biológicas da água.	1.5.2.2.2	
			3. Outras infestações	0	Infestações que alterem o equilíbrio ecológico de uma região, bacia hidrográfica ou bioma afetado por suas ações predatórias.	1.5.2.3.0	
2. TECNOLÓGICOS	1. Desastres relacionados a substâncias radioativas	1. Desastres siderais com riscos radioativos	1. Queda de satélite (radionuclídeos)	0	Queda de satélites que possuem, na sua composição, motores ou corpos radioativos, podendo ocasionar a liberação deste material.	2.1.1.1.0	
		2. Desastres com substâncias e equipamentos radioativos de uso em pesquisas, indústrias e usinas nucleares	1. Fontes radioativas em processos de produção	0	Escapamento acidental de radiação que excede os níveis de segurança estabelecidos na norma NN 3.01/006:2011 da CNEN.	2.1.2.1.0	
		3. Desastres relacionados com riscos de intensa poluição ambiental provocada por resíduos radioativos	1. Outras fontes de liberação de radionuclídeos para o meio ambiente	0	Escapamento acidental ou não acidental de radiação originária de fontes radioativas diversas e que excede os níveis de segurança estabelecidos na norma NN 3.01/006:2011 e NN 3.01/011:2011 da CNEN.	2.1.3.1.0	
	2. Desastres relacionados a produtos perigosos	1. Desastres em plantas e distritos industriais, parques e armazenamentos com extravasamento de produtos perigosos	1. Liberação de produtos químicos para a atmosfera causada por explosão ou incêndio	0	Liberação de produtos químicos diversos para o ambiente, provocada por explosão/incêndio em plantas industriais ou outros sítios.	2.2.1.1.0	



GRUPO	SUBGRUPO	TIPO	SUBTIPO	DEFINIÇÃO	COBRADE	SIMBOLOGIA
2. Desastres relacionados a produtos perigosos	2. Desastres relacionados à contaminação da água	1. Liberação de produtos químicos nos sistemas de água potável	0	Derramamento de produtos químicos diversos em um sistema de abastecimento de água potável, que pode causar alterações nas qualidades físicas, químicas, biológicas.	2.2.2.1.0	
		2. Derramamento de produtos químicos em ambiente lacustre, fluvial, marinho e aquífero	0	Derramamento de produtos químicos diversos em lagos, rios, mar e reservatórios subterrâneos de água, que pode causar alterações nas qualidades físicas, químicas e biológicas.	2.2.2.2.0	
	3. Desastres relacionados a conflitos bélicos	1. Liberação de produtos químicos e contaminação como consequência de ações militares	0	Agente de natureza nuclear ou radiológica, química ou biológica, considerado como perigoso, e que pode ser utilizado intencionalmente por terroristas ou grupamentos militares em atentados ou em caso de guerra.	2.2.3.1.0	
	4. Desastres relacionados a transporte de produtos perigosos	1. Transporte rodoviário	0	Extravasamento de produtos perigosos transportados no modal rodoviário.	2.2.4.1.0	
		2. Transporte ferroviário	0	Extravasamento de produtos perigosos transportados no modal ferroviário.	2.2.4.2.0	
		3. Transporte aéreo	0	Extravasamento de produtos perigosos transportados no modal aéreo.	2.2.4.3.0	
		4. Transporte dutoviário	0	Extravasamento de produtos perigosos transportados no modal dutoviário.	2.2.4.4.0	
		5. Transporte marítimo	0	Extravasamento de produtos perigosos transportados no modal marítimo.	2.2.4.5.0	
		6. Transporte aquaviário	0	Extravasamento de produtos perigosos transportados no modal aquaviário.	2.2.4.6.0	
3. Desastres relacionados a incêndios urbanos	1. Incêndios urbanos	1. Incêndios em plantas e distritos industriais, parques e depósitos	0	Propagação descontrolada do fogo em plantas e distritos industriais, parques e depósitos.	2.3.1.1.0	
		2. Incêndios em aglomerados residenciais	0	Propagação descontrolada do fogo em conjuntos habitacionais de grande densidade.	2.3.1.2.0	



GRUPO	SUBGRUPO	TIPO	SUBTIPO	DEFINIÇÃO	COBRADE	SIMBOLOGIA
2. TECNOLÓGICOS	4. Desastres relacionados a obras civis	0	0	Queda de estrutura civil.	2.4.1.0.0	
		0	0	Rompimento ou colapso de barragens.	2.4.2.0.0	
	5. Desastres relacionados a transporte de passageiros e cargas não perigosas	0	0	Acidente no modal rodoviário envolvendo o transporte de passageiros ou cargas não perigosas.	2.5.1.0.0	
		0	0	Acidente com a participação direta de veículo ferroviário de transporte de passageiros ou cargas não perigosas.	2.5.2.0.0	
		0	0	Acidente no modal aéreo envolvendo o transporte de passageiros ou cargas não perigosas.	2.5.3.0.0	
		0	0	Acidente com embarcações marítimas destinadas ao transporte de passageiros e cargas não perigosas.	2.5.4.0.0	
		0	0	Acidente com embarcações destinadas ao transporte de passageiros e cargas não perigosas.	2.5.5.0.0	



O município de Timbé do Sul tem dois planos de Emergência de Desastres Naturais um se chama Plano Municipal de Contingência de Proteção e Defesa Civil (PLANCON) e o outro Plano Municipal de Contingência de Proteção Assistência Social (PLANCON), estes dois planos vão ao encontro do (PPR-ESP). Para isso vamos complementar o PPR-ESP com as ações que cabem a saúde, no abrigo.

QUANDO ATIVAR OS ABRIGOS?

Os abrigos serão ativados quando tiver alerta para área de risco. Se ocorrer a necessidade de remoção das pessoas os responsáveis deverão ativar os abrigos sempre com orientações da Coordenação Municipal de Proteção e Defesa Civil.

Água

A SAMAE fica responsável por restabelecer a central de abastecimento de água caso falte a mesma tanto no município quanto no abrigo.

FONTES DE ÁGUA E SUA CAPTAÇÃO

A fonte de água satisfatória será aquela que puder fornecer a vazão de água necessária aos desabrigados e cujas características físico-químicas e biológicas estejam nos padrões de potabilidade ou possam ser facilmente tratadas por equipamento disponível. Sempre que possível, deve-se aproveitar uma rede de abastecimento de água potável ou poços já existentes. Uma segunda fonte de abastecimento seria os (viaturas) carros pipas. Não tendo nenhuma destas opções podemos estudar a utilização das fontes de água superficial (cursos d'água – mais acessíveis) e depois, como complemento ou substituição eventual, as pequenas fontes (chuva, vegetação, etc) e as águas subterrâneas. Deverá ser feito um planejamento preliminar, por equipe técnica, localizando as possíveis fontes de alimentação, utilizando cartas e /ou fotografias aéreas da região quando possível e por reconhecimento terrestre.

Água Potável e segurança na Gestão de Risco



Para monitorar as condições de saúde ambiental nos desastres, a água deve ser tratada de modo a eliminar micro-organismos ou substâncias químicas e excessos de matéria orgânica e minerais. Sob estas condições, a água é segura para beber, cozinhar e lavar. O ideal é que a água apresente aspecto limpo, seja fresca e livre de sabores e odores. A água, a ser utilizada por cada indivíduo, deverá ser quantificada e estar prevista no planejamento.

ABASTECIMENTO Tradicional de água

ABASTECIMENTO de água por Viatura

As viaturas utilizadas podem ser provenientes de concessionárias locais ou do Corpo de Bombeiros da região. Viaturas particulares poderão, em caráter complementar, auxiliar no fornecimento, sendo a indenização desses serviços de responsabilidade do poder público. Nos casos em que o fornecimento normal de água não ocorre ou ocorre insatisfatoriamente pode ser necessária a mobilização de viaturas que sejam capazes de abastecer reservatórios no abrigo.

TRATAMENTO da Água em situações de Risco

A água geralmente não é encontrada pura na natureza, pode conter outras substâncias como: substâncias calcárias e magnesianas, substâncias ferruginosas que dão cor e sabor diferentes à mesma e substâncias resultantes das atividades humanas, tais como produtos industriais, que a tornam imprópria ao consumo. A água pode também carrear outras substâncias em suspensão, tais como partículas finas dos terrenos por onde passa e que dão turbidez à mesma, organismos, como algas que modificam o seu odor e gosto, além de liberar toxinas, ou ainda, dejetos humanos, que a contaminaram com microorganismos patogênicos. O controle da qualidade da água para consumo humano fica a cargo do responsável pelo abastecimento de água, destinadas a verificar se a água fornecida à população é potável, assegurando a manutenção desta condição.

Padrões de Potabilidade da Água



Água Potável é a água para consumo humano cujos parâmetros microbiológicos, físicos químicos e radioativos atendam ao padrão de potabilidade e que não ofereça riscos à saúde, conforme Portaria MS nº 518, de 25 de março de 2004. Além disso, a água própria para o consumo humano, ou água potável, deve obedecer a certos requisitos de aceitação para consumo como: não possuir gosto e odor objetáveis, quando possível; não conter cor e turbidez acima dos limites estabelecidos por este padrão.

Desinfecção da água em situações de Risco

A desinfecção é a única etapa do processo de tratamento que sempre será obrigatória e havendo necessidade de outras etapas no processo, ela deverá ser sempre a última, mesmo que não tenham sido identificados patógenos na água. Os agentes desinfetantes mais comumente usados são os compostos de cloro: hipoclorito de cálcio (superior a 65% de Cl₂); cloreto de cal (cerca de 30% de Cl₂);

hipoclorito de sódio (cerca de 10% a 15% de Cl₂); água sanitária (cerca de 2% a 2,5% de Cl₂).

Calculo:

1 litro de água
2 000L de água

50mg de Cl
x mg de cloro

Distribuição de Hipoclorito de Sódio 2,5%

Conforme a Portaria nº 814 de 05 de Agosto de 2022, fica definida a distribuição da seguinte forma:

Art. 5º - A responsabilidade pela retirada do produto no Almojarifado Central da Secretaria de Estado de Saúde, e da respectiva distribuição às Regionais de Saúde será da Diretoria de Logística da SES. §1º: A Diretoria de Logística da SES será responsável pela entrega somente até as Regionais de Saúde, cabendo a estas informar aos municípios a disponibilização dos mesmos para retirada no local. § 2º: O servidor que estiver respondendo pela escala de sobreaviso na data prevista no



cronograma de entrega do hipoclorito de sódio 2,5%, será o responsável por receber a carga na Regional de Saúde.

Art. 6º - Compete às Secretarias Municipais de Saúde, a retirada dos seus quantitativos junto a sua Regional de Saúde, e distribuição dos mesmos, em tempo oportuno de utilização do produto;

Art. 7º - A distribuição do Hipoclorito de Sódio 2,5% mensal será de 01 (um) frasco de 50 mL por família, considerando uma média de 4 (quatro) pessoas;

Parágrafo único - A estimativa de frascos a serem distribuídos por família ao mês tem como base a orientação do Ministério da Saúde do uso de 2 gotas de hipoclorito de sódio 2,5% para cada 1 (um) litro de água. O cálculo considera que uma gota de hipoclorito de sódio 2,5% equivale a 0,05 mL, considerando que um frasco de 50 mL possui 1000 gotas, e o consumo diário estimado de água para beber por pessoa seja de 2,5 litros, no mês são necessárias para uma família de 4 pessoas, o máximo de 30 mL de hipoclorito de sódio 2,5% para desinfecção de 300 litros de água.

SANEAMENTO

SANEAMENTO BÁSICO EM SITUAÇÕES DE EMERGÊNCIAS EM SAÚDE PÚBLICA

Saneamento é o controle de todos os fatores do meio físico, que exercem ou podem exercer efeitos nocivos sobre o seu bem estar físico, mental e social. Existe outras definições de saneamento que deixam claro que saneamento constitui um conjunto de ações sobre o meio ambiente físico, portanto, de controle ambiental, cujo objetivo é proteger a saúde do homem (WHO,2004).

O saneamento básico é constituído por sistema de abastecimento de água, esgotamento sanitário e coleta de resíduos sólidos. Outras atividades são: controle de animais e insetos e o saneamento de escolas, locais de trabalho e de lazer e habitações. Com a falta de um sistema de saneamento básico adequado aumenta a vulnerabilidade da comunidade aumentando o risco de exposição a diversas doenças, sendo o esgotamento sanitário e a coleta de resíduos sólidos os mais críticos em situações de resposta a emergências em saúde pública.

ESGOTAMENTO SANITÁRIO NO ABRIGO



Medidas de saneamento básico devem ser implementadas o quanto antes para evitar a contaminação do ambiente, da água, dos alimentos e a proliferação de vetores e pragas. O abrigo deve estar a limpo e organizado, devido ao grande número de pessoas aglomeradas. As condições de conforto e higiene são de grande importância em abrigos temporários. Os despejos sanitários, provenientes de banhos, limpeza de cozinha e dejetos humanos devem ser afastados imediatamente.

Em um abrigo temporário, o desenvolvimento de atividades de saneamento básico tem como objetivo principal a prevenção e o controle de doenças com consequente manutenção da saúde da população desabrigada.

DESCARTE DE DEJETOS NA AUSÊNCIA DE SISTEMA DE ESGOTAMENTO SANITÁRIO

Quando não possuir Sistema de de esgotamento sanitário faz-se necessária a construção de latrinas, banheiros químicos e mictórios. As latrinas podem ser de diversos tipos e com variadas características que as adequem às demandas e condições do local.

SANITÁRIOS QUÍMICOS

Os banheiros químicos são constituídos basicamente por um reservatório removível com capacidade variada, contendo solução de soda cáustica (NaOH), destinado a receber os dejetos.

MICTÓRIOS

O mictório conhecido como urinol, é muito comum em banheiros masculino. Este nome é dado exclusiva para ao ato de urinar. Por conta do seu formato e a anatomia do corpo humano, esses sanitários são indicados apenas para homens. Os mictórios são encontrados em banheiros públicos, escolas, estádios, academias, shoppings, entre outros locais.

DESPEJOS LÍQUIDOS DE COZINHA, CHUVEIROS, LAVATÓRIOS E LAVANDERIAS

A água proveniente dos chuveiros, lavatórios e lavanderias será drenada diretamente para a rede de esgoto. Quando não houver saneamento básico os dejetos



serão encaminhada a um poço de absorção, vala de absorção ou para o ponto de drenagem mais próximo.

DESTINO DO LIXO

O lixo que sera gerado no abrigo devera ser colocado em sacos plásticos e próprios para este fim, e mantido afastado dos desabrigados, da cozinha, dos dormitórios e demais áreas de circulação de pessoas.

COLETA DE LIXO COMUM

Restos alimentares da cozinha e outros resíduos sólidos e semi-sólidos devem ser recolhidos periodicamente pela companhia de limpeza urbana. Na ausência deste serviço o município deve solucionar outra alternativa deste descarte.

BIOSSEGURANÇA do lixo hospitalar

Profissionais de saúde e, excepcionalmente, outros trabalhadores e voluntários da area devem estar com seus EPIS (luvas, jaleco, calça, mascara, face shield) e se necessario equipamentos de proteção coletiva, pois ao realizarem suas ações, estão sujeitos ao contato com sangue, saliva e secreções dos assistidos pelo abrigo. Para minimizar o risco ocupacional de infecções atrelado a estas atividades, é indispensável que todos os envolvidos com a assistência à saúde em abrigos – profissionais e voluntários – estejam imunizados contra as hepatites A e B, rubéola, varicela (catapora), sarampo, influenza (gripe), vírus da caxumba e tétano (mediante apresentação de caderneta de vacinação). Com o mesmo objetivo, sugerimos que dentro do abrigo sejam seguidas as medidas de precaução padrão, que serão tratadas a seguir.

MEDIDAS DE PRECAUÇÃO BÁSICA OU PADRÃO

Em abrigos temporários, procedimentos invasivos (punção de veias, cuidados com ferimentos profundos, reanimação cardiorrespiratória, coleta de



exames, entre outros) serão realizados excepcionalmente, quando a gravidade do caso, ou situação, não permitir que este tipo de atendimento seja realizado na unidade de saúde de referência ou hospital. As luvas deverão ser trocadas após cada atividade com materiais ou superfícies contaminadas, tanto com mesmo paciente e também ao se trocar de paciente. Após a retirada das luvas, dispensá-las no lixo e proceder a correta higiene das mãos. Uso de máscara deverá ser trocada a cada 2-3 horas, proteção ocular e facial: deve ser feito para proteção das mucosas. Dos olhos, nariz e boca, durante procedimentos que possam ocasionar respingos de sangue, fluidos ou secreções corporais e excreções.

Uso de capote não estéril resistente a fluidos: para a proteção da roupa durante os procedimentos citados no item anterior. Quando os capotes estarem sujos devem ser removidos imediatamente para um local apropriado. Máscaras de oxigênio com reservatório, máscaras portáteis para respiração pessoa-a-pessoa (pocket-mask) e outros equipamentos para ressuscitação: devem estar prontamente disponíveis para utilização, de forma a se evitar a respiração boca-a-boca. Todo material perfurocortante (agulhas, escalpes, lâminas de bisturi, vidrarias, entre outros): devem ser desprezados em recipientes resistentes à perfuração, e com tampa (DESCARPACK). Os coletores específicos para descarte destes materiais: não devem ser preenchidos acima de 2/3 de sua capacidade total e devem ser colocados próximo ao local onde são realizados os procedimentos. Agulhas não devem ser reencapadas, entortadas, nem retiradas das seringas com as mãos.

LIXO HOSPITALAR

A Norma Brasileira Regulamentadora 12807 da ABNT define lixo hospitalar como resíduo sólido de saúde e utiliza uma classificação quanto aos riscos potenciais para poluição do meio ambiente e prejudiciais à saúde pública, descrita a seguir: grupo A: potencialmente infectantes, grupo B: químicos, grupo C: rejeitos radioativos, grupo D: resíduos comuns, grupo E: perfurocortantes.

- Grupo A: são os resíduos com a possível presença de agentes biológicos. Exemplo: vacinas de microorganismos vivos ou atenuados
- Grupo B: resíduos contendo substâncias que apresentem riscos à saúde pública ou ao meio ambiente, independente de suas características, como resíduos dos medicamentos ou insumos farmacêuticos quando vencidos, contaminados e



apreendidos para descarte, saneantes, desinfetantes ou outros resíduos contaminados com substâncias químicas.

- Grupo C: rejeitos radioativos
- Grupo D: lixos de varredura, papéis, etc...
- Grupo E: são objetos e instrumentos contendo cantos, bordas, pontos ou protuberâncias rígidas e agudas, capazes de cortar ou perfurar.

Os materiais devem ser acondicionados em caixas específicas de papelão duro, a serem depositadas em local sem risco de acidentes e longe de materiais não contaminados. Os demais resíduos de saúde são depositados em sacos plásticos leitoso branco e transportados, preferencialmente, em carrinho fechado, com identificação de contaminado

CUIDADOS COM CADÁVERES

O órgão de resposta (Funerária), incumbido desta responsabilidade pelo município, realiza a remoção dos corpos para o necrotério mais próximo do município pois o mesmo não possui necroterio próprio. Lá permanecem, até que sejam identificados e então sepultados. Outra situação é a ocorrência de morte no interior do abrigo temporário. Nestes casos, a identificação da pessoa já havia sido feita, durante a fase de triagem e recepção dos desabrigados (que esta no Plancon Assistência Social). Nesta situação, os órgãos responsáveis deverão ser acionados para atestar o óbito, registrar a ocorrência e remover o corpo, cita-se o Serviço do Instituto médico legal - IML e o Serviço de verificação de óbito-SVO .

OS ANIMAIS

Os desastres naturais catastróficos causam danos imensuráveis a população. Isso requer uma resposta rápida e eficiente, exigindo dos órgãos responsáveis um prévio planejamento de ações que precisarão ser tomadas para garantir saúde e



abrigo aos moradores do local. Dentre esses, os animais de estimação também estão inclusos. Atualmente, o Brasil é um dos países que possui um número maior de moradias com pets do que com crianças, ressaltando assim a importância de citá-los em um plano de contingência. Casos em que os tutores retornam as suas casas para buscar seus animais, correndo risco de algum acidente, ou resistência a sair de um local perigoso porque não querem abandoná-los, são fatores que afetam a saúde pública em geral e podem prejudicar as ações já programadas.

Animais que são deixados para trás adoecem, podendo transmitir doenças, como em casos de mordeduras ao tentar resgatá-los, já que estão assustados e agressivos, ou até mesmo os que acabam morrendo, se não houver um planejamento do descarte correto pode acabar contaminando o solo e fontes de água, colocando em risco a saúde da população

CUIDADOS COM OS ANIMAIS

Em caso de um desastre natural em Timbé do Sul, os animais de estimação poderão ser levados por seus tutores ao abrigo, que será feito especialmente para isso, sem contato com o abrigo humano, ou poderão ser resgatados pelos voluntários. Todos serão registrados de acordo com a espécie, raça e pelagem, junto com a identificação de seus tutores, se houver. No abrigo receberão atendimento veterinário, alimentação, água e local seguro para ficar.

O abrigo contará com voluntários, incluindo médicos veterinários de outros locais, para garantir a saúde dos animais que ali estão e para diagnosticar possíveis doenças que possam colocar em risco a população, como raiva e leptospirose. Serão aceitas doações de ração, cobertores, medicamentos e materiais de uso veterinário, prevendo que os tutores não terão condições financeiras e emocionais suficientes para cuidar de seus pets. Os animais serão devolvidos assim que tiverem moradia segura novamente ou será feita uma feira de adoção para aqueles que não encontrarem sua família de origem.

ANIMAIS MORTOS

Caso seja encontrado algum animal morto durante os resgates, deverá ser feito um registro com espécie, características e local. Após, o descarte será feito de acordo com o tamanho do animal, se for grande e não apresentar sinais de doença



infectocontagiosa, diagnosticada por um médico veterinário voluntário, poderá ser enterrado com uma distância mínima de 150 metros de fontes de água e com 1 a 2 metros de profundidade. Em casos de suspeita de doença infectocontagiosa, será feita a incineração no local. Isso também se aplica a animais mortos que forem encontrados longe do abrigo principal ou de difícil transporte. Se for um animal de pequeno porte, o ideal é que seja colocado em saco plástico adequado, lacrado e identificado, sendo posteriormente encaminhado para um laboratório parceiro destinado a essa função. Vale ressaltar que todos os voluntários, tanto do abrigo quanto do resgate, devem utilizar equipamentos de proteção individual o tempo todo, para evitar a disseminação de doenças.

Segurança Alimentar

Nutrição

O principal objetivo da nutrição, em situações de emergência, é garantir o acesso dos desabrigados aos alimentos para a manutenção de seu estado nutricional adequado. Esta ação constitui-se em um dos fundamentos dos direitos humanos, assegurando a vida, a dignidade, e um mínimo de conforto em situações extremas, nas quais muitas vezes as pessoas perderam todos os seus bens materiais e entes queridos nos desastres. Devemos ressaltar que independentemente de estarmos em uma situação de anormalidade, é necessário respeitar princípios básicos de organização e cuidados higiênico-sanitários comuns aos processos de trabalho relacionados à alimentação coletiva. Torna-se imprescindível adotar todos os controles higiênicos sanitários (como usar roupa protetora, sapatos fechados, touca, todos esses elementos devem ser laváveis, a menos que sejam descartáveis e mantidos limpos, de acordo com a natureza do trabalho) em todas as áreas de manipulação dos alimentos como recepção, armazenamento de e preparo de refeições, assim como a área de distribuição.

OS ALIMENTOS

Alimentos Doados

O trabalho com alimentos doados pode ser feito, desde que sejam observados alguns critérios: qualidade, quantidade, embalagem íntegra, prazo de validade e valor



nutricional. Devem ser pesados os benefícios e as desvantagens de utilizá-los no próprio abrigo. A doação de alimentos, em caso de desastres, pode se dar de forma desordenada se não for solicitada de maneira adequada. Muitos alimentos indesejados podem ser doados, cabendo ao responsável pelo setor de recepção comunicar o profissional responsável nutricionista ou fiscal de vigilância sanitária para que possam tomar as devidas medidas cabíveis.

É de suma importância que, ao se solicitar alimentos utilizando a imprensa, por exemplo, sejam especificados exatamente aqueles que serão mais importantes nesse processo. Alimentos não perecíveis, como produtos enlatados (leite em pó, salsicha, sardinha, óleo de soja, milho, ervilhas, etc), farináceos (fubá, farinha de mandioca, etc), arroz, macarrão e feijão devem ser priorizados por seu valor calórico, fácil preparação e boa aceitação. Em alguns casos, pode-se solicitar também água mineral. A solicitação de produtos cárneos frescos, resfriados ou congelados só deve ser feita se houver local apropriado para estocagem e se for proveniente de fonte segura como frigoríficos, mercados, etc. O mesmo raciocínio deve ser levado em conta para hortaliças e frutas frescas, a menos que sejam utilizadas no mesmo dia.

Recepção e estocagem de gêneros

As mercadorias deverão ser recebidas em local isolado, longe do alcance dos desabrigados, para evitar extravios; este lugar deverá estar limpo e protegido de intempéries. Na recepção, os alimentos devem ser conferidos e direcionados aos locais adequados de armazenagem. Os gêneros poderão ser organizados por grupos (cereais, leguminosas, hortaliças, etc) ou tipos de alimentos (arroz, feijões, massas, enlatados, farinhas, etc), respeitando-se os prazos de validade e as normas de higiene e controle sanitário que minimizem perdas e garantam sua qualidade até o momento do preparo.

O local de armazenamento deverá estar situado o mais próximo possível da área de processamento, evitando o transporte de gêneros a longas distâncias, assim como a circulação de pessoas estranhas (profissionais da área de nutrição e manipuladores de alimentos) na cozinha. A organização da despensa deverá aproximar-se, ao máximo, dos critérios estabelecidos higiênico-sanitário normalmente estabelecidos pela nutricionista ou fiscal sanitária.



Para uma boa organização da despensa precisa: boa iluminação e ventilação cruzada (aberturas na parte superior das paredes) ou mecânica (exaustores), que permitam ampla circulação de ar entre as mercadorias; prateleiras para armazenamento localizadas a 30 cm do piso; estrados de madeira para sacarias, elevados do piso 40 cm; prateleiras a 10 cm da parede para evitar que a umidade atinja os alimentos estocados; janelas e aberturas teladas; temperaturas nunca superiores a 27°C; borracha de vedação na parte inferior da porta; piso em material lavável e resistente; não apresentar ralos para escoamento de água. Estes cinco últimos, relativos à estrutura, dependem basicamente do local onde o abrigo estará estabelecido, sendo de difícil implementação, porém podem ser fatores a serem considerados na escolha de novos abrigos temporários.

ÁREA DE PROCESSAMENTO

Essa área de processamento será considerada como o local onde se realizarão as operações de pré-preparo dos alimentos, a confecção das refeições e também a área de higienização dos utensílios, ou seja, a cozinha do abrigo provisório. Os abrigos (consideraremos como unidades com estrutura fixa) que são instalados em escolas municipais e/ou estaduais, por exemplo, contam com a estrutura de preparação de merendas. Abrigos temporários sem estrutura fixa serão, por exemplo, os galpões, estádios e acampamentos.

Área de Distribuição

As refeições do abrigo temporário devem respeitar os horários preestabelecidos pela administração, priorizando-se crianças, idosos e gestantes, que devem receber primeiro suas refeições. As mães, que os filhos ainda não se alimentam sozinhos, devem receber suas refeições no mesmo momento em que a criança. Mesas, cadeiras para que as pessoas façam suas refeições devem ser organizadas e higienizadas antes das refeições serem servidas. Para que seja servida uma boa refeição os espaços disponíveis e balcões onde serão colocadas as cubas ou painéis com os alimentos prontos que serão distribuídas por coqueiras ou pessoas com esta função.



RECURSOS HUMANOS

A nutricionista ficará a cargo de contratar um quadro de pessoal que desempenhe as diversas atividades nela desenvolvidas

O número de pessoas em cada uma das funções dependerá do número de refeições a serem servidas no abrigo provisório.

DESCRIÇÃO DE FUNÇÕES

Caberá ao nutricionista ou responsável por ele designado: elaborar o cardápio e orientar no que for preciso.

CUIDADOS HIGIÊNICO-SANITÁRIOS NA PREPARAÇÃO DE REFEIÇÕES

Os utensílios que não estiverem adequadamente e higienizados podem servir de contaminantes por bactérias para os alimentos. A higienização é o processo que compreende a limpeza seguida da sanitização e desinfecção que por sua vez tem o objetivo eliminar os microorganismos que sobreviveram à limpeza superficial.

Os manipuladores de alimentos

Entende-se por manipuladores de alimentos toda a pessoa que tenha contato com os alimentos, recepção, pré-preparo, preparo e distribuição de um alimento, seja ele matéria-prima ou refeição já elaborada. Cada manipulador de alimento deve ter o seu próprio atestado médico liberando o mesmo de manipular alimentos. Os manipuladores devem ser conscientes de sua responsabilidade em relação a sua própria saúde e a do usuário final. Higiene pessoal Mãos Deverão ser lavadas antes de iniciar o trabalho, após o uso do sanitário e de hora em hora, durante as atividades. Não poderão conter adornos, pulseiras ou anéis que podem cair acidentalmente no alimento. As unhas deverão ser mantidas limpas, curtas e sem esmaltes. Corpo tomar banho diariamente; não usar brincos, correntes ou outras jóias que possam cair no alimento; manter os cabelos limpos e totalmente cobertos por gorro ou lenço; manter os ferimentos protegidos por ataduras impermeáveis; não use pinturas, maquiagem e perfumes; em caso de doença, especialmente diarreia ou infecção de pele, avise a chefia, o mais rápido possível. Roupas trocar todos os dias e conservar o mais limpo possível; sempre que possível utilizar gorro para cobrir todo o cabelo; os sapatos devem estar limpos e mantidos em bom estado de conservação.



Gêneros alimentícios

De um modo geral os alimentos, podem acabar sofrendo contaminação 5 durante todo o processo da produção de refeições. Uma contaminação desta só será visível quando, por exemplo for causada por fios de cabelo, lascas de madeira, partes de insetos, moscas, entre outras ou invisível, se causada por substâncias químicas tóxicas ou microorganismos. Quanto as consequências da contaminação podem ir desde uma simples diarreia, dor de cabeça, vômitos, mal-estar até estados mais graves como a infecção intestinal, paralisia muscular, problemas respiratórios, convulsões e até mesmo a morte. A magnitude do problema só é determinada pela qualidade e/ou quantidade de microorganismos e toxinas ingeridas através do alimento ou água e também a resistência da pessoa afetada.

Armazenamento dos gêneros alimentícios

Para um armazenamento correto de alimentos deve-se:

Armazenamento à temperatura ambiente. A disposição dos produtos deve obedecer à data de fabricação estando os produtos de fabricação mais antiga posicionados de maneira a serem consumidos em primeiro lugar. Latas amassadas e enferrujadas devem ser descartadas.

Para o armazenamento em baixas temperaturas:

Os produtos devem ser armazenados fora das embalagens originais, em contentores adequadamente higienizados, cobertos e identificados, com um espaçamento que garanta a circulação do ar frio.

As geladeiras ou freezers devem ser abertos o menor número de vezes possível e deve-se evitar volumes com altura superior a 10 centímetros.

CARDÁPIO

Um cardápio bem elaborado para os abrigos temporários se faz necessário, porém não é possível antecipar quais alimentos especificamente serão utilizados. Os municípios que não tenham a consulta á um nutricionistas, pode-se solicitar a elaboração de cardápios regionais que atendam às necessidades básicas da comunidade afetada.

SAÚDE



MEDICO NO ABRIGO

A triagem é uma atividade extremamente importante para assegurar o funcionamento sistêmico do sistema de saúde, sua eficiência e operacionalidade e para reduzir o número de mortes evitáveis. A finalidade da metodologia é classificar rapidamente as vítimas, de acordo com a prioridade de atendimento que necessita, em função da maior ou menor gravidade de seu estado geral e das expectativas de sobrevivência. A atividade articula-se com a admissão dos pacientes na unidade de emergência e é realizada pelo médico responsável pela triagem” (médico triador), assistido pela enfermeira auxiliar de triagem”, apoiados pelo pessoal do serviço de prontuários médicos e por equipes de padioleiros. Isso permite que, ao mesmo tempo que se recebe o paciente, se providencie o registro, a abertura do prontuário médico para aqueles de primeira consulta e se defina, por código de cores, a prioridade de atendimento.

Significado das Faixas Coloridas: As faixas coloridas tem o seguinte significado:

- a) Faixa Vermelha - Prioridade 1 Correspondendo aos feridos graves, com lesões severas, em situação de risco iminente e cujas probabilidades de sobrevivência dependem de cuidados imediatos, por equipe médica experiente, em local adequado (pacientes de alto risco).
- b) Faixa Amarela - Prioridade 2 Correspondendo aos feridos com lesões graves, mas, que por não estarem em situação de risco iminente, têm menor prioridade que os pacientes de alto risco, já que sua sobrevivência independe de cuidados imediatos.
- c) Faixa Preta - Prioridade 3 Correspondendo aos pacientes terminais, com lesões de extrema gravidade e cujos prognósticos são tão sombrios, que, mesmo atendidos imediatamente por equipe médica experiente, irão falecer.
- d) Faixa Verde - Prioridade 4 Correspondendo aos pacientes com lesões leves e baixo nível de risco, os quais, atendidos rapidamente, no setor específico (feridos leves), podem ser liberados e referenciados para controle ambulatorial.

No caso de desastre será feita a triagem e logo em seguida o médico já irá atender este paciente. Em casos mais graves será encaminhado ao Hospital Municipal da cidade para os primeiros atendimentos.

A TRIAGEM DE SAÚDE

A triagem será realizada em uma tenda dentro do abrigo ou na parte de fora, com as pessoas necessitadas de atendimento médico. A mesma consiste numa entrevista,



aferição de pressão arterial, etc... específica realizada pelos profissionais de saúde (disponibilizados pelo município) com o objetivo de identificar possíveis agravos de saúde na população desabrigada e, caso seja necessário, referenciá-los à unidade de saúde ou hospital (do município ou hospital especializado). Na triagem de saúde, deve-se priorizar os casos que necessitem de remoção (gestantes em trabalho de parto, pacientes com lesões e doenças graves, etc...) de emergência pois os mesmos serão encaminhados ao hospital mais próximo. A vigilância em saúde (tanto Epidemiologia quanto Endemias) devesse notificar os casos que ocorrem de doenças transmissíveis além de dengue e febre amarela. Uma vez atendidas as prioridades, o médico e/ ou o enfermeiro poderá traçar uma conduta adequada para o atendimento aos desabrigados portadores de doenças crônicas não transmissíveis (diabetes mellitus, hipertensão arterial, renal crônico, portadores de câncer, entre outros) durante a sua estada no abrigo.

ENFERMAGEM NO ABRIGO

Em abrigos temporários, profissionais de enfermagem (enfermeiros, técnicos e auxiliares de enfermagem) são fundamentais para o planejamento e execução das atividades assistenciais e preventivas, bem como para a coordenação das ações de saúde. A assistência de saúde à população do abrigo deverá ser feita pelo Município e, caso necessário, em caráter complementar pelo Estado ou União.

OBJETIVOS DAS ATIVIDADES DE ENFERMAGEM NO ABRIGO

- Participar da recepção e triagem dos desabrigados;
- Planejar e executar ações assistenciais;
- Planejar e atuar nas atividades de educação e promoção da saúde;
- Capacitar voluntários para as atividades de saúde do abrigo.

Enfermagem na triagem



Na triagem de saúde, a equipe fará a identificação preliminar dos sintomas e doenças apresentados pelos desabrigados, através da história clínica e exame físico, aferições de sinais vitais e testes rápidos, dentro do âmbito de competência de cada categoria profissional. Além disso, realizará cuidados de enfermagem de acordo com as necessidades apresentadas por cada paciente, usando classificação de risco para organizar e priorizar atendimento.

A Enfermagem também pode atuar distribuindo EPIs (máscaras, luvas) para evitar a proliferação de doenças entre os pacientes

Na triagem social, os profissionais de enfermagem podem realizar o levantamento de dados que possibilitará uma melhor compreensão dos efeitos causados à população afetada e a identificação de necessidades individuais e coletivas, permitindo o estabelecimento das prioridades de intervenção.

CUIDADOS EM SAÚDE - DOENÇAS INFECTOCONTAGIOSAS EM POPULAÇÕES DESABRIGADAS

As doenças infectocontagiosas são as principais causas de adoecimento e morte em situações de desastres na infraestrutura sanitária básica, pois afeta a distribuição de água potável, rede de esgoto e fornecimento de alimentos. Entrega algumas podemos citar: doenças diarreicas agudas, meningite meningocócica, hepatites virais, leptospirose, dengue, febre amarela, febre tifoide, conjuntivite, além de doenças cutâneas como escabiose (sarna) e pediculose (piolho)

Para cada sintomas, deve ser feito uma avaliação pela equipe de saúde, com tratamento medicamentoso prescrito pelo médico se necessário após consulta/avaliação médica.

Doenças diarreicas agudas:

Definição	Quadro clínico	Diagnóstico	Abordagem e tratamento
As doenças diarreicas agudas (DDA) correspondem a um grupo de doenças infecciosas gastrointestinais. Podem ser causadas por diferentes microrganismos infecciosos (bactérias,	Mínimo três episódios de diarreia aguda em 24 horas, aumento no número de evacuações, febre, cólicas abdominais e vômitos.	Através de exame laboratorial por amostra de fezes.	O tratamento das doenças diarreicas agudas se fundamenta na prevenção e na rápida correção da desidratação por meio da ingestão de líquidos e solução de sais de reidratação oral (SRO) ou fluidos



vírus e outros parasitas, como os protozoários) que geram a gastroenterite – inflamação do trato gastrointestinal – que afeta o estômago e o intestino.			endovenosos, dependendo do estado de hidratação e da gravidade do caso. Deve ser seguido a tabela do manejo do paciente com diarreia, para o tratamento adequado conforme o plano A, B ou C.
---	--	--	--

Meningite meningocócica:

Definição	Quadro clínico	Diagnóstico	Abordagem e tratamento
Inflamação aguda das meninges (membranas que envolvem o cérebro), causada pela bactéria <i>Neisseria Meningitidis</i> .	Febre alta, sonolência, irritabilidade, vômitos, cefaleia intensa, rigidez da nuca. Podem ocorrer também convulsões e petéquias.	Feito por profissional médica, baseado em sinais e sintomas clínicos do paciente, com confirmação laboratorial.	O tratamento se dará conforme conduta médica, quase sempre em âmbito hospitalar com antibiótico terapia intravenosa.

Hepatites virais:

Definição	Quadro clínico	Diagnóstico	Abordagem e tratamento
Infecção que atinge o fígado, causando alterações leves, moderadas ou graves. As hepatites virais são inflamações causadas por vírus que são classificados por letras do alfabeto em A, B, C, D (Delta) e E. A hepatite A e a hepatite E são de transmissão fecal-oral (água e alimentos contaminados por fezes) podendo a precariedade sanitária dos abrigos levar ao aumento da transmissão.	Febre, aumento doloroso do fígado, icterícia, fezes esbranquiçadas, urina escura	Por meio de sinais e sintomas e análise laboratorial.	Conforme critério médico a depender do tipo de hepatite. Hidratação, repouso e boa alimentação são essenciais.

Leptospirose:



Definição	Quadro clínico	Diagnóstico	Abordagem e tratamento
Doença infecciosa febril aguda que é transmitida a partir da exposição direta ou indireta à urina de animais (principalmente ratos) infectados pela bactéria <i>Leptospira</i> . Sua penetração ocorre a partir da pele com lesões, pele íntegra imersa por longos períodos em água contaminada ou por meio de mucosas.	Febre alta, dor de cabeça, sangramento, dor muscular, calafrios, olhos vermelhos e vômitos são alguns sintomas.	Conforme anamnese com base em dados clínicos e por meio de exames laboratoriais.	Conforme conduta e critério médico, visando que o tratamento com o uso de antibióticos deve ser iniciado no momento da suspeita. Deve-se realizar o controle dos roedores, através de coleta adequada do lixo, armazenamento seguro de alimentos, limpeza de terrenos e retirada de entulhos.

Febre tifoide:

Definição	Quadro clínico	Diagnóstico	Abordagem e tratamento
Doença causada pela bactéria <i>Salmonella</i> entérica, frequente em locais com condições insuficientes de saneamento básico, higiene pessoal e ambiental.	Febre alta, dores de cabeça, mal-estar geral, falta de apetite, dor abdominal, tosse seca.	Por meio de exames laboratoriais.	De acordo com as prescrições e orientações médicas, que seguirão conforme cada caso. No entanto, normalmente o paciente é tratado em nível ambulatorial, basicamente com uso de antibióticos específicos e reidratação.



Conjuntivite infecciosa:

Definição	Quadro clínico	Diagnóstico	Abordagem e tratamento
É uma inflamação aguda da conjuntiva (parte branca dos olhos). Pode ser causada por bactérias ou vírus. A conjuntivite é transmitida principalmente por contato direto com a secreção conjuntival de pessoas afetadas ou pelo contato com mãos ou roupas contaminadas. Em locais aglomerados este contágio torna-se mais susceptível.	Hiperemia ocular (olhos avermelhados), inchaço nas pálpebras, secreção purulenta, sensação de corpo estranho e lacrimejamento.	Clínico, por meio de sinais e sintomas do paciente.	Lavar com os olhos com soro fisiológico 0,9% de 4 a 6 vezes por dia; utilizar colírios com antibióticos conforme avaliação médica. A desinfecção de objetos contaminados deve ser realizada, assim como a garantia de uma boa higiene pessoal e local.

Escabiose (sarna):

Definição	Quadro clínico	Diagnóstico	Abordagem e tratamento
É uma doença parasitária, causada pelo ácaro <i>Sarcoptes Scabiei</i> . É uma doença contagiosa transmitida pelo contato direto interpessoal ou através do uso de roupas contaminadas. A sarna é contagiosa e se espalha rapidamente.	Coceira intensa na área onde os ácaros se agrupam	Por meio de avaliação clínica e/ou raspagem nas lesões com análise laboratorial.	Tratamento tópico (local) da sarna consiste na aplicação de medicamentos sob a forma de loções na pele de todo o corpo, do pescoço para baixo, mesmo nos locais onde não aparecem lesões ou coceira, mediante prescrição médica após avaliação. se possível, roupas de uso diário e roupas de cama devem ser trocadas diariamente, (lavadas e passadas).

Pediculose (piolho):

Definição	Quadro clínico	Diagnóstico	Abordagem e tratamento
-----------	----------------	-------------	------------------------



A pediculose da cabeça é uma doença parasitária, causada pela infestação do couro cabeludo pelo <i>Pediculus humanus capitis</i> , vulgarmente chamado de piolho. Atinge principalmente crianças em idade escolar e mulheres. É transmitida pelo contato direto interpessoal ou pelo uso compartilhado de utensílios como bonés, escovas ou pentes de pessoas contaminadas.	Prurido intenso no couro cabeludo, principalmente na parte de trás da cabeça	Clínico, por meio de exame físico com a presença das lêndeas (ovos de cor esbranquiçada depositados pelas fêmeas nos fios de cabelo).	Lavagem da cabeça e utilização de pente fino ajuda na retirada dos piolhos e tratamento medicamentoso conforme orientação médica.
---	--	---	---

DENGUE ZIKA E CHIKUNGUNYA

É transmitida pelo o mosquito *Aedes Aegypti* é o transmissor dos vírus que provocam três importantes doenças: Dengue, Zika e Chikungunya. A transmissão acontece durante a picada da fêmea do mosquito infectado com o vírus.

FEBRE AMARELA

É uma doença viral. Tem sua transmissão de duas formas a Silvestre e a Urbana. A Silvestre se dá pela picada do mosquito *Haemagogus sabethes* e a Urbana se dá pelo mosquito *Aedes Aegypti*.

Doença	Sintomas	Tratamento	prevenção
DENGUE	febre alta, dor atrás dos olhos, dor muscular intensa.	-	evitar a proliferação do mosquito <i>Aedes Aegypti</i> , eliminando água armazenada que podem se tornar possíveis criadouros, como em vasos de plantas,



			lagões de água, pneus, garrafas plásticas, piscinas sem uso e sem manutenção, e até mesmo em recipientes pequenos
ZIKA	febre baixa, manchas avermelhadas pelo corpo com coceira (exantema), inchaço nas articulações.	-	consiste em reduzir as populações de mosquitos e evitar picadas, que geralmente ocorrem durante o dia
DENGUE HEMORRÁGICA	dores abdominais fortes e contínuas, vômitos, pele pálida, fria e úmida, sangramento pelo nariz, boca e gengivas, manchas vermelhas na pele, sonolência, agitação e confusão mental, sede excessiva e boca seca, pulso rápido e fraco.	hidratação e monitoramento constante no hospital são imprescindíveis, em alguns casos é necessária a realização da oxigenoterapia e transfusões sanguíneas, em caso de suspeita de Dengue, deve-se evitar medicamentos a base de ácido acetilsalicílico (AAS) e os anti-inflamatórios como o ibuprofeno	evitar a proliferação do mosquito <i>Aedes Aegypti</i> , eliminando água armazenada que podem se tornar possíveis criadouros, como em vasos de plantas, lagões de água, pneus, garrafas plásticas, piscinas sem uso e sem manutenção, e até mesmo em recipientes pequenos
FEBRE AMARELA	Os sintomas da doença aparecem em até seis dias após a picada do mosquito.,	-	Como a transmissão urbana da febre



	incluem febre alta, dor muscular, dor de cabeça, ou até sintomas mais graves, como dor abdominal, vômitos e pele olhos amarelados(ictéria). Assim que os primeiros sintomas aparecem é importante procurar um médico infectologista ou um clínico geral, para que seja iniciado um tratamento adequado. A Febre Amarela é considerada endêmica (que ocorre somente em uma determinada região) na África, América Central e América do Sul, sendo muito frequente no Brasil.		amarela só é possível através da picada de mosquitos <i>Aedes aegypti</i>, a prevenção da doença deve ser feita evitando sua disseminação. Os mosquitos criam-se na água e proliferam-se dentro dos domicílios e suas adjacências. Qualquer recipiente como caixas d'água, latas e pneus contendo água limpa são ambientes ideais para que a fêmea do mosquito ponha seus ovos, de onde nascerão larvas que, após desenvolverem-se na água, se tornarão novos mosquitos.
CHIKUNGUNYA	febre alta, dor intensa nas articulações que pode causar limitação dos movimentos.	-	Jogar no lixo todo objeto que possa acumular água, como embalagens usadas, potes, latas, copos,



			garrafas vazias etc. Remover folhas, ganhos e tudo que possa impedir a água de correr pelas calhas. Manter a caixa d'água sempre fechada com tampas adequadas. Colocar o lixo em sacos plásticos e manter a lixeira bem fechada.
--	--	--	--

CUIDADOS ODONTOLÓGICOS

Medidas de higiene bucal são fundamentais tanto nos abrigos quanto em casa, seu esquecimento pelo poder público pode ser encarado como negligência. Podemos citar algumas medidas que podem ser adotadas nos abrigos como kits (odontológicos) fornecidos aos desabrigados. Algumas doenças odontológicas se não forem tratadas pelo odontologista podem se tornar um quadro preocupante. O quadro é mais preocupante, principalmente, quando a situação do abrigo temporário é prolongada, com as famílias permanecendo por períodos longos de tempo (períodos maiores do que um mês), o que não pode ser considerado um evento raro. Vale ressaltar que grande parte dos problemas de saúde bucal tem consequências mais graves em comunidades com baixa condição socioeconômica. Essas comunidades são mais vulneráveis à ocorrência de desastres, é esperado que os afetados por desastres tenham uma saúde bucal precária. É essencial implementar uma prática de higiene bucal no abrigo e ainda aproveitar o tempo dos desabrigados para capacitá-los em cuidados com a saúde bucal.

ORIENTAÇÃO DE HIGIENE BUCAL



No abrigo precisa-se ter uma higiene bucal adequada para uma boa higiene bucal. Um kit (contendo pasta de dente e fio dental) para cada família que estiver no abrigo deveser disponibilizado. A orientação para crianças pequenas, o cuidado com a higiene bucal deve ser realizado pelo responsável, que na maioria das vezes, é a mãe. Está mãe deve ser orientada por um profissional capacitado. Quando o indivíduo tem uma boa orientação em saúde bucal evita-se varias doenças decorrentes da saúde oral.

CUIDADOS NUTRICIONAIS

No Brasil, o direito à saúde e à alimentação são garantias constitucionais inseridas entre os direitos sociais. A alimentação é um requisito básico para a promoção e a proteção da saúde, e é reconhecida como um fator determinante e condicionante da situação de saúde de indivíduos e coletividades. Segundo a Lei Orgânica da Saúde, estão inclusas no campo de atuação do SUS a vigilância nutricional e a orientação alimentar. A partir deste entendimento e compromisso inicial foi possível ir além e propor uma política específica para o tema, a Política Nacional de Alimentação e Nutrição (PNAN), aprovada em 1999 e atualizada em 2011. Essa Política norteia a organização e a oferta da atenção nutricional, tendo como propósito a melhoria das condições de alimentação, nutrição e saúde da população brasileira, mediante a promoção de práticas alimentares adequadas e saudáveis; a vigilância alimentar e nutricional; e a prevenção e o cuidado integral dos agravos relacionados à alimentação e nutrição, contribuindo para a conformação de uma rede integrada, resolutiva e humanizada de cuidados. (JAIME, DELMUÈ, CAMPELLO, SILVA, SANTOS, 2018)

Quando acontece uma situação de emergência, o cuidado nutricional é fundamental, pois podemos ter um desequilíbrio da situação nutricional nesta população. O desequilíbrio nutricional pode acontecer devido ao consumo insuficiente ou excessivo de alimentos ou ao gasto energético elevado ou diminuído. É normal que o gasto energético esteja aumentado nos períodos de crescimento rápido, ou seja, primeiros anos de vida e adolescência, nas gestantes, nos atletas e em doenças que levam ao aumento do metabolismo ou que causem febre. Pode estar diminuído em pessoas com predisposição genética a obesidade ou naquelas que não se exercitam com a frequência adequada. O desequilíbrio nutricional se da através da ingestão adequada de alimentos, quantitativa e qualitativamente, e do gasto energético



proporcional a esta ingestão. Milhares de brasileiros são afetados pela desnutrição, podendo atingir todos os grupos etários, porém é mais comum em crianças pequenas, sendo alvo de inúmeros programas sociais, e a obesidade, que vem se tornando cada vez mais um problema de saúde pública no Brasil, atingindo pessoas de todos os grupos etários e faixas sociais. Por isso cuidar da saúde nutricional dos desabrigados e de pessoas em vulnerabilidade se torna ações imprescindíveis neste momento.

SAÚDE MENTAL E ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

Os desastres naturais podem causar vários impactos à população que está direta ou indiretamente envolvida. No que tange especificamente à atenção psicossocial e saúde mental, os desastres geram interrupções graves do funcionamento cotidiano de uma comunidade que acarretam perdas

humanas/materiais/econômicas/ambientais que excedem a capacidade da sociedade diante da situação, podendo provocar transtornos psicossociais para a população afetada; muitas vezes, mais graves que os danos físicos, e perduram no tempo se não forem bem manejados.

É essencial que a atenção psicossocial atue na prevenção do estresse pós-traumático e dos casos de ansiedade generalizada e depressão, durante e nos pós-desastre atuando na prevenção e garantindo o cuidado integral das pessoas envolvidas.

ASSISTENCIA FARMACEUTICA

A Assistência Farmacêutica não está restrita apenas à produção e distribuição de medicamentos, mas compreende um conjunto de procedimentos necessários à promoção, prevenção e recuperação da saúde, individual e coletiva, centrado no medicamento. Com esta concepção, a Assistência Farmacêutica engloba as atividades de pesquisa, produção, distribuição, armazenamento, prescrição e dispensação, esta última entendida como o ato essencialmente de orientação quanto ao uso adequado e fármaco-vigilância (CORTEZ, LEITE, 2014).

A atenção farmacêutica para desastre precisa de uma preparação e deve começar com seleção de medicamentos voltados para atender a ocorrências relacionadas ao perfil dos principais desastres identificados e ao perfil epidemiológico da



população residente. Pode ocorrer aumento da necessidade de medicamentos para tratar condições crônicas em razão do estresse físico e mental da população afetada. Para uma quantidade de medicamentos apropriada a programação deve considerar a manutenção da rotina e as necessidades advindas do desastre.

Em caso de necessidade da assistência farmacêutica as pessoas desabrigadas/desalojadas em decorrência do desastre o MS disponibiliza um kit de medicamentos conforme nota conjunta nº 06/2022 DIVS/DIAF/SES//SC

FISIOTERAPIA NO ABRIGO

Desde a sua origem, a fisioterapia tem um caráter essencialmente curativo e reabilitador. Em decorrência das guerras e do alto índice de acidentes de trabalho, gerou-se grande número de óbitos e mutilados, em sua maioria de homens em idade produtiva, desencadeando uma baixa na força de trabalho. Essa situação fez surgir a necessidade de reinserir indivíduos lesionados em mutilados ao setor produtivo. Daí, surgiram os centros de reabilitação, com o intuito de restaurar a capacidade física dos acidentados e mutilados, e quando não mais possível restaurar a capacidade física original, desenvolver a capacidade residual, adaptando-a para outra função (JUNIOR, 2007). O objetivo principal da fisioterapia nos abrigos é a reabilitação dos indivíduos que foram acometidos pelo desastre natural. Também terão disponibilidade de fisioterapia os alunos da APAE (que estão no abrigo) que suas famílias perderam tudo no desastre.

FISIOTERAPIA POS DESATRE (EM CASA)

A fisioterapia domiciliar é uma prática que vem crescendo muito em diversos países, como o Brasil. São diversos os motivos que levam o paciente ou sua família a optar pelo serviço de fisioterapia domiciliar, em vez do atendimento convencional em uma clínica de fisioterapia, sendo esses motivos desde uma incapacidade físico-funcional, como uma restrição ao leito, até a comodidade e praticidade desse tipo de atendimento. (SILVA, DURÃES, AZOUBEL, 2011) O objetivo da fisioterapia pos desastre é fazer uma reabilitação adequada para estes indivíduos que foram acometido pelo desastre natural.



ESPAÇO RECREATIVO

Em situação de desastres varias famílias perdem tudo e ate sua rotina é modificada, onde estas famílias tem que ir para abrigos montados. As crianças perdem seus direitos de brincar, saúde e educação, as vezes ate o direito de viver com seus pais e familia afetando todos os aspectos do desenvolvimento infantil físico, psíquico e social.

Medo, insegurança, culpa e raiva são sentimentos comuns nestes casos e afetam significativamente a vida desta população tão vulnerável. Certas ações são eficazes para reduzir os traumas e os transtornos psicológicos das crianças vítimas de desastres, como agilizar o retorno à vida cotidiana e à escola o mais rapidamente possível e proporcionar situações para que as crianças e os adolescentes se envolvam em atividades recreativas afins.

QUEM TRABALHA NO ESPAÇO RECREATIVO?

Deverão ser agentes capacitados para tal eventualidade, estes agentes deverão possuir habilidades específicas, como ter paciência para lidar com inquietude das crianças e com a desordem, disponibilidade afetiva para brincar várias vezes, iniciativa e bom humor. A participação voluntária de alguns profissionais, tais como professores, animadores culturais e pedagogos podem contribuir muito neste processo.

ATIVIDADES DE RECREAÇÃO

ATIVIDADES	CRIANÇA	JOVENS	IDOSO
ATIVIDADE 1	Mata Soldado (Horarios: 08:30 às 09:30) Amarelinha (Horarios: 14:30 às 15:30)	UNO (Horarios: 08:30 às 09:30) Volei (Horarios: 14:30 às 15:30)	- - Dança dos idosos



	Auto Retrato (Horarios: 18:00 às 19:00)	Verdade ou consequencia (tematico) (Horarios: 18:00 às 19:00)	(Horarios: 18:00 às 19:00)
ATIVIDADE 2	Pular corda (Horarios: 08:30 às 09:30) Stop (Horarios: 14:30 às 15:30) Jogo da Forca (Horarios: 18:00 às 19:00)	Futebol de salão (Horarios: 08:30 às 09:30) Handebol (Horarios: 14:30 às 15:30) Mimica (Horarios: 18:00 às 19:00)	Crochê (Horarios: 08:30 às 09:30) Tricó (Horarios: 14:30 às 15:30) -
ATIVIDADE 3	Banbole (Horarios: 08:30 às 09:30) Passa Anel (Horarios: 14:30 às 15:30) Desenhar (Horarios: 18:00 às 19:00)	Handebol (Horarios: 08:30 às 09:30) futebol(Horarios: 14:30 às 15:30) Quem sou eu (Horarios: 18:00 às 19:00)	- - Dança dos idosos (Horarios: 18:00 às 19:00)



ATIVIDADE 4	Amarelinha (Horarios: 08:30 às 09:30) Stop (Horarios: 14:30 às 15:30) Jogo da Forca (Horarios: 18:00 às 19:00)	Futebol de salão (Horarios: 08:30 às 09:30) Handebol (Horarios: 14:30 às 15:30) Mimica (Horarios: 18:00 às 19:00)	Crochê (Horarios: 08:30 às 09:30) Tricó (Horarios: 14:30 às 15:30) -
ATIVIDADE 5	Batata Quente (Horarios: 08:30 às 09:30) Quem sou eu (Horarios: 14:30 às 15:30) Era uma vez (Horarios: 18:00 às 19:00)	Volei (Horarios: 08:30 às 09:30) Handebol (Horarios: 14:30 às 15:30) stop (Horarios: 18:00 às 19:00)	- - Dança dos idosos (Horarios: 18:00 às 19:00)
ATIVIDADE 6	Pular elastico (Horarios: 08:30 às 09:30) Stop (Horarios: 14:30 às 15:30) Jogo da Forca (Horarios: 18:00 às 19:00)	Futebol de salão (Horarios: 08:30 às 09:30) Handebol (Horarios: 14:30 às 15:30) Twister (Horarios: 18:00 às 19:00)	Crochê (Horarios: 08:30 às 09:30) Tricó (Horarios: 14:30 às 15:30) -



ATIVIDADE 7	Pular elastico (Horarios: 08:30 às 09:30)	Mata soldado (Horarios: 08:30 às 09:30)	-
	Bambole (Horarios: 14:30 às 15:30)	Handebol (Horarios: 14:30 às 15:30)	-
	Jogo de memoria (Horarios: 18:00 às 19:00)	Mimica (Horarios: 18:00 às 19:00)	Dança dos idosos (Horarios: 18:00 às 19:00)

HORARIOS DE FUNCIONAMENTO DO ESPAÇO RECREATIVO?

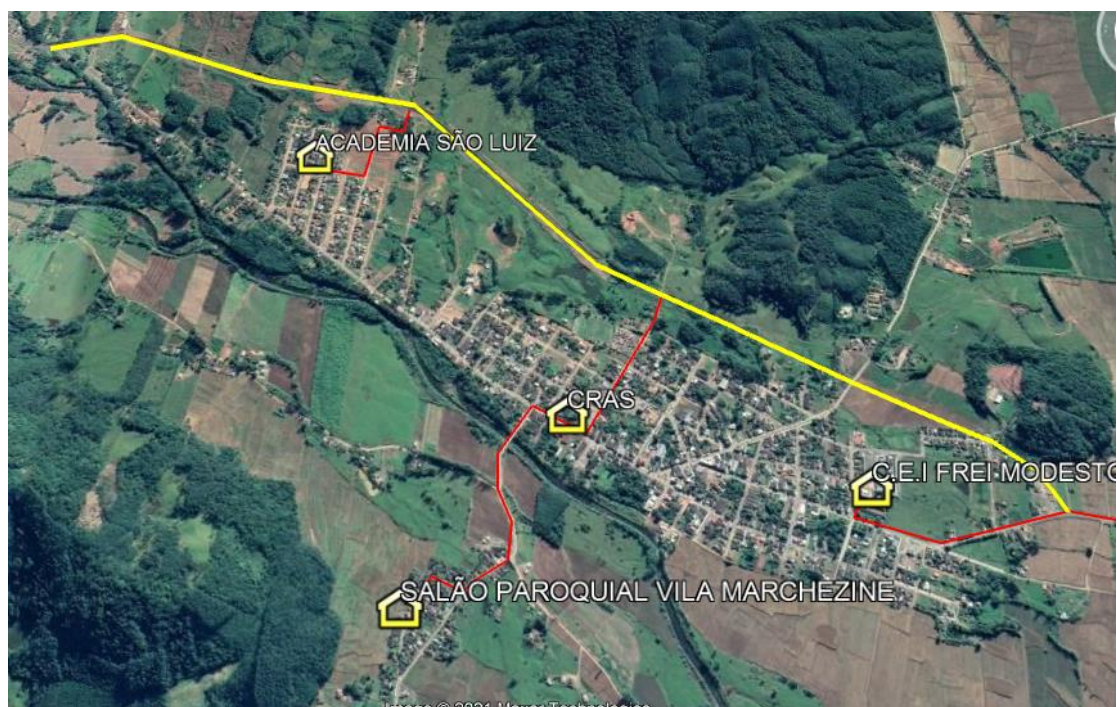
Sugerimos que o Espaço Recreativo funcione no horário das 8:30 às 9:30 no horário matutino sem interromper o café da manhã, no período vespertino das 14:30 as 15:30 sem interromper almoço e café da tarde e no período noturno das 18:00 as 19:00 sem interromper o sono dos desabrigados.

ANEXO IV - ABRIGOS

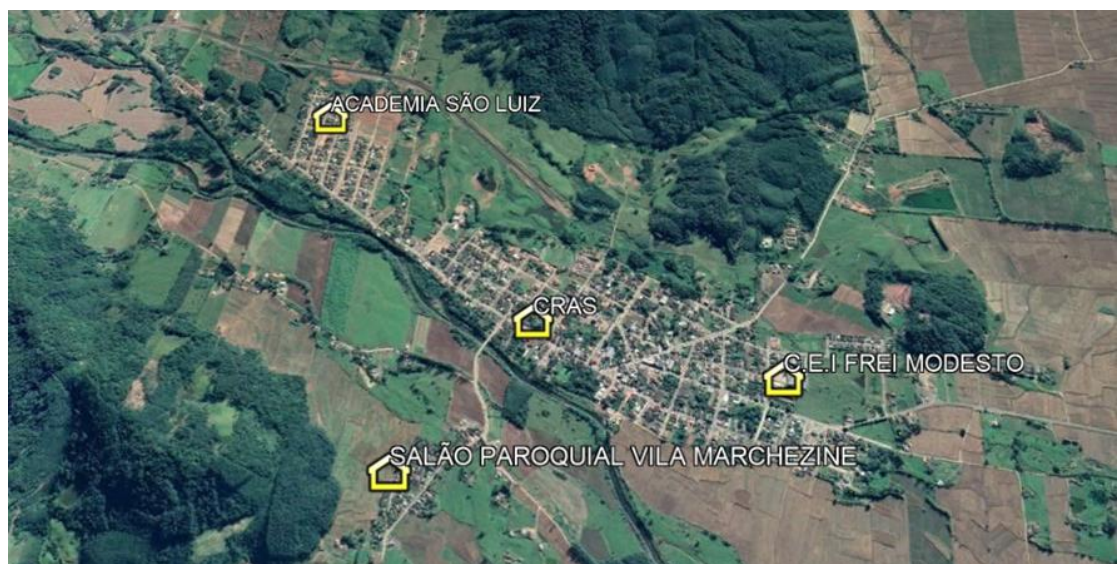
RELAÇÃO DOS ABRIGOS

- A 01 –E.E.F TIMBÉ DO SUL- Bairro Nossa S. das Graças
- A 02 – CRAS- Centro
- A 03 – SALÃO PAROQUIAL- Bairro Vila Marchesini
- A 04 – ACADEMIA DE SAÚDE- Bairro São Luís

MAPA DOS ABRIGOS E ROTAS DE FUGA



ENDEREÇOS DOS ABRIGOS



A01-ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL FREI MODESTO

RUA: ANTONIO SAVI S/N BAIRRO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS

COORDENADAS GEOGRÁFICAS. LATITUDE 28° 49' 59" S e LONGITUDE 49° 50' 27"W.

FONE: (48) 3536-1583



Ponto de Referência: Antigo colégio estadual.

Rota fuga para: as comunidades de (Molha Coco, Amola Faca, Morro Azul, Rio do Salto, Gurita e Nova Vicença).



A02-CRAS-CENTRO DE REFERENCIA ASSISTENCIA SOCIAL

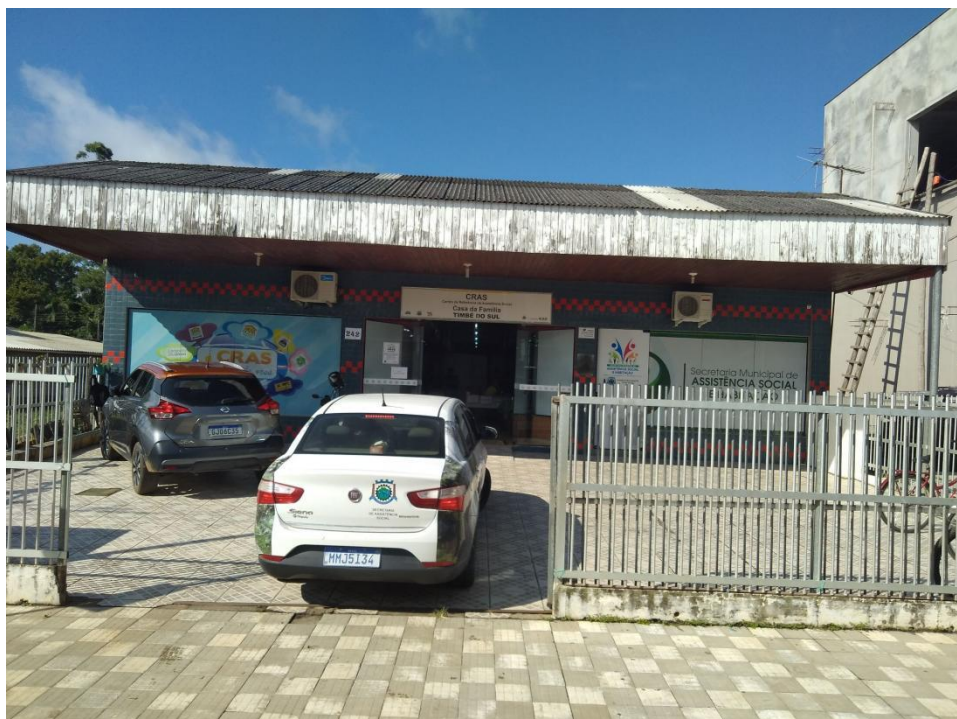
RUA: FELIPE NAPOLLI S/N BAIRRO CENTRO

COORDENADAS GEOGRÁFICAS. LATITUDE 28° 49' 54" S e LONGITUDE 49° 50' 58" W.

FONE: (48) 3536-1493

Ponto de Referência: Próximo ao posto Stecanella.

Rota de fuga para: as comunidades de (Centro, Nossa Senhora das Graças, Bairro Floresta e Urusanguinha).



A03- SALÃO PAROQUIAL VILA MARCHESINI

RUA: HERCÍLIO MAFIOLETTI S/N BAIRRO VILA MARCHESINI

COORDENADAS GEOGRÁFICAS. LATITUDE 28° 50' 14" S e LONGITUDE 49° 51' 13"W.

Ponto de Referência: Anexo a Igreja e próximo a creche Mario Marchesini.

Rota de fuga para: As comunidades de (Figueiras, Vila Nova, Vila Marchesini, e bairro Pedreira).



A04- ACADEMIA DE SAÚDE

RUA: ANA DULCE SAVI NAPOLLI S/N BAIRRO SÃO LUIZ

COORDENADAS GEOGRÁFICAS. LATITUDE 28° 49' 28" S e LONGITUDE 49° 51' 29"W.

Ponto de Referência: Próximo ao Salão Comunitário.

Rota de Fuga para: As comunidades de: (Serra Velha 1, Serra Velha 2, Rocinha, Rocinha Alta, Vila Belmiro São Luis).

